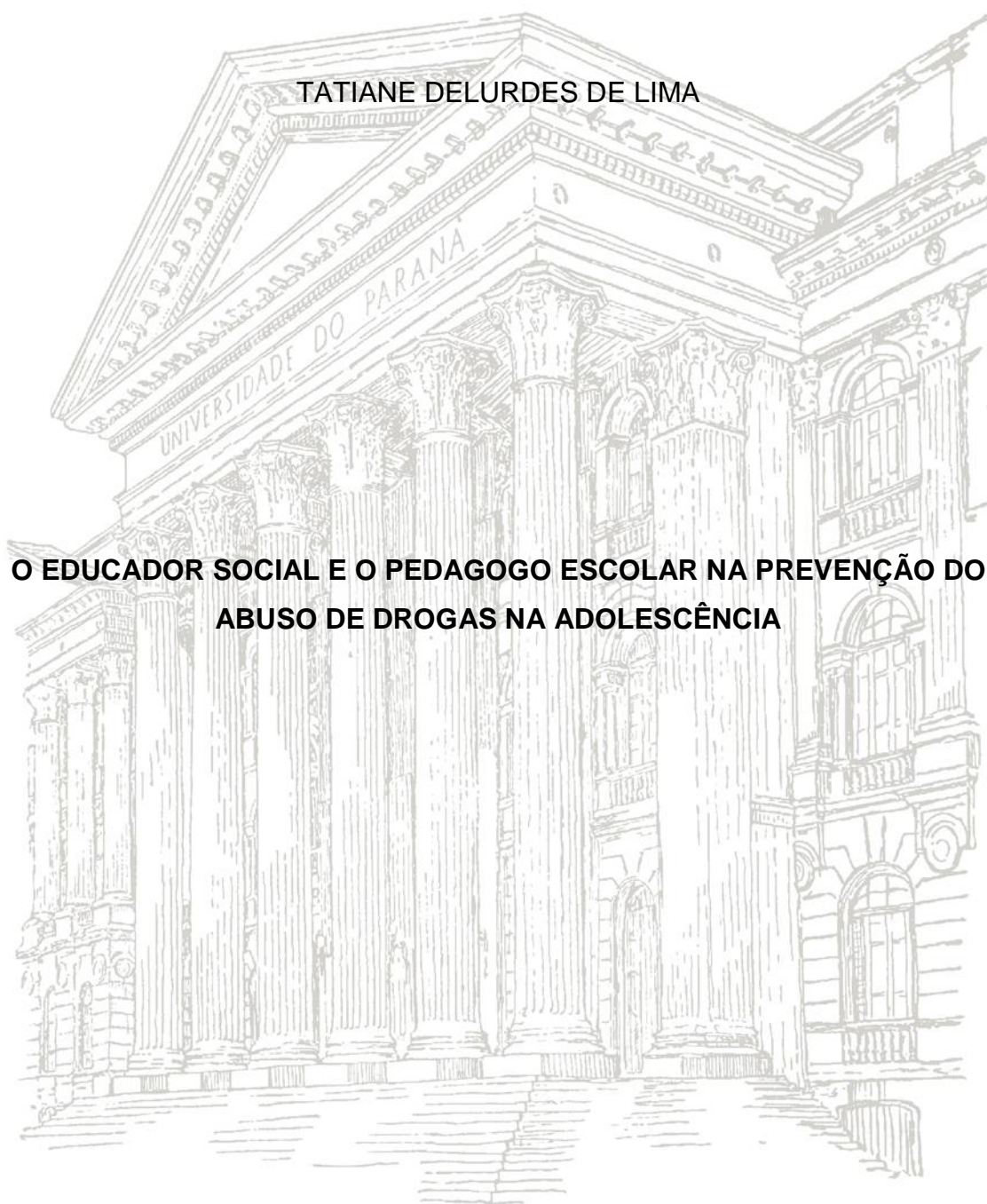


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
COGNIÇÃO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO HUMANO

TATIANE DELURDES DE LIMA

**O EDUCADOR SOCIAL E O PEDAGOGO ESCOLAR NA PREVENÇÃO DO  
ABUSO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA**



CURITIBA

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
COGNIÇÃO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO HUMANO  
TATIANE DELURDES DE LIMA

**O EDUCADOR SOCIAL E O PEDAGOGO ESCOLAR NA PREVENÇÃO DO  
ABUSO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Araci Asinelli-Luz

CURITIBA

2017

Catálogo na Publicação  
Guilherme Cintra - CRB9/1572  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

---

L732e

Lima, Tatiane Delurdes de

O educador social e o pedagogo escolar na prevenção do abuso de drogas na adolescência / Tatiane Delurdes de Lima. – Curitiba, 2017.  
167 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

Orientador: Araci Asinelli da Luz.

Bibliografia: p. 153-158.

1. Educação. 2. Adolescência. 3. Pedagogia Social. 4. Pedagogia. 5. Prevenção do abuso de drogas. 6. Educação Social. I. Universidade Federal do Paraná. II. Asinelli da Luz, Araci. III. Título.

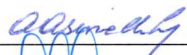
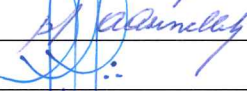

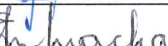
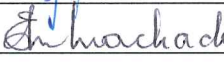
CDD: 362.29

---

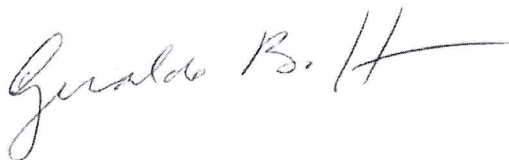
## PARECER

Defesa de Dissertação de Tatiane Delurdes de Lima para obtenção do Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO. Os abaixo assinados, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Araci Asinelli da Luz, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Evelcy Monteiro Machado, Prof. Dr. Amadeu Roselli Cruz, Prof. Dr. Maurício Wisniewski, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Eyng, arguíram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: "O EDUCADOR SOCIAL E O PEDAGOGO ESCOLAR NA PREVENÇÃO DO ABUSO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA".

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está Apta ao Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIAÇÃO
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Araci Asinelli da Luz		Aprovada
Prof. Dr. Amadeu Roselli Cruz		Aprovada
Prof. Dr. Maurício Wisniewski		Aprovada
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Ana Maria Eyng		Aprovada
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Evelcy Monteiro Machado		Aprovada

Curitiba, 27 de março de 2017.



Prof. Dr. Geraldo Balduino Horn  
Coordenador do PPGE



Prof. Dr. Geraldo Balduino Horn  
Coordenador do Programa de  
Pós-Graduação em Educação  
MPAP 137022 / MSIAPE 2169216

## **DEDICATÓRIA**

A todos os Lucas que tiveram ou tem seus sonhos roubados pelo universo das drogas.

Esta pesquisa recebeu apoio financeiro da CAPES em forma de bolsa de Mestrado.

## **AGRADECIMENTOS**

Por que agradecer? A gratidão possibilita descanso ao nosso coração e eleva a plenitude humana.

Gratidão especial a Deus, pela oportunidade de respirar, andar, tocar, ouvir, falar e, principalmente, por sentir a essência da vida.

Gratidão à querida e espetacular Araci, por ser a luz, inspiração e força em minha vida. GRATIDÃO por ser a maior responsável dessa trajetória e por permitir a realização e continuidade de mais um sonho.

Gratidão aos meus pais, Ednilson e Nilzete, por apresentar o maravilhoso caminho do amor, responsabilidade e principalmente, a educação.

Gratidão ao meu namorado André, por todo apoio, compreensão pelas ausências e incentivo em todos os longos anos juntos.

Gratidão à minha irmã Liliane, por permitir-me ser seu exemplo.

Gratidão à Tiago Mateus Maister, Regina Moro, Noeli Parchen, Luziane Brainta, Viviane Marques, Marilda Marochi, Alexander Stradioto, Fabino Lapola e funcionários do CRAS Rivabem, Aroldo Vieira, Daiane Sampaio, Eliane de Paula, Estella Fante, Madalena Querino, Maria Aparecida Fedalto, Suelen Gefer, Rafael Mendonça por toda permissão e confiança em meu trabalho.

Gratidão aos gestores dos equipamentos do Centro da Juventude, Colégios Estaduais, Educadores sociais e Pedagogos participantes do estudo, gratidão pela permissão de mergulhar nas águas da formação humana e tornar-me cúmplice das angústias.

Gratidão aos professores inspiradores das disciplinas cursadas: Araci Asinelli da Luz, Maria de Fátima Quintal de Freitas, Denise de Camargo, Tânia Stoltz, Josafá Moreira da Cunha, Sandra Regina Kirchner Guimarães, Ettiène Cordeiro Guérios,

Ricardo Antunes de Sá, Evelcy Monteiro Machado, Mirian Pan, por toda imersão e possibilidade de desenvolvimento e aprendizagem humana.

Gratidão à Professora Doutora Tânia Stoltz pela análise de mérito, suscitando contribuições essenciais para o andamento do trabalho.

Gratidão aos Professores e Professoras da Banca de Qualificação e Defesa Final, Professora Araci Asinelli-Luz, Professor Amadeu Roselli Cruz, Professora Ana Maria Eyng, Professora Evelcy Monteiro Machado e Professor Maurício Wisniewski. Gratidão pela atenção, contribuições e por todas as oportunidades de aprendizagem.

Gratidão aos meus colegas, companheiros de angústias e felicidades, iniciantes no mesmo período e vencedores na mesma intensidade, Suelen Vilalva, Andreia Rabello, Marilely Mandira, Regiane Loureiro, Mônica Pauls, Wesley Correa, Rafaeli Capellaro, Terezinha Laguardia, Andreia Krawutschke, Joelson Sousa, Sergio, Mateus Guedes, Carla Saad e Bianca Louise.

Gratidão à equipe do Grupo de Pesquisa em Comunidade de Prática de Pesquisa em Educação Preventiva Integral, coordenado pela querida professora Araci: Adolfo Antônio Hickmann, Alessandra de Paula, Érica Teixeira, Everton Ribeiro, Ires Falcade, Michele Popena Geraim Monteiro, Rogério Sech, Rosa Elena Bueno, Oralda Adur de Souza.

Gratidão aos discentes e participantes convidados da disciplina de Métodos e Técnicas de Prevenção ao uso de Drogas, onde obtive a oportunidade de desenvolver a prática de docência, uma experiência relevante para meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Gratidão à Alessandra de Paula Pereira, colega na prática de docência e grande amiga.

Gratidão pela dedicação e cuidado com a correção das traduções: “Thank you” Reinaldo Berton Neto, “gracias” Estella Maris Cento Fante, “merci” Helena Berton.



Gratidão às queridas Jamile Ajub Bridi, Maria Cecília Marins de Oliveira e Marilei Bullock, incentivadoras da minha trajetória na graduação e no processo de ingresso do Mestrado. Gratidão por confiar em um trabalho e me apresentar ao universo da pesquisa.

Gratidão aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) pelo profissionalismo e atenciosidade.

Gratidão à Universidade Federal do Paraná por abrir as portas do conhecimento.

Gratidão à CAPES pela concessão da bolsa de estudos, por motivar a investigação e manter esse recurso importantíssimo para o andamento do trabalho.

Gratidão à Educação, pelo processo de humanização.

Eu, Tatiane, possuo apenas palavras a agradecer.

**GRATIDÃO.**

Me movo como educador, porque, primeiro,  
me movo como gente.

Paulo Freire

LIMA, Tatiane Delurdes de. **O educador social e o pedagogo escolar na prevenção do abuso de drogas na adolescência**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

## **RESUMO**

O presente estudo expõe uma investigação envolvendo a atuação do educador social e do pedagogo escolar na prevenção do abuso de drogas na adolescência. Partindo do problema: “quais são as ações profissionais do educador social e do pedagogo escolar frente à prevenção do abuso de drogas com adolescentes?” objetivou-se verificar os mecanismos/procedimentos no campo da Educação Social e da Pedagogia na prevenção do abuso de drogas na adolescência. Para isso, empregou-se no estudo o caráter descritivo, co-relacional e exploratório, analisando informações com abordagem qualitativa, em pesquisa de campo e com o uso de entrevistas semi-estruturadas. Foram participantes da pesquisa três educadoras sociais de um Centro da Juventude e três pedagogas escolares da rede de colégios estaduais, de um município da região Metropolitana de Curitiba. Para análise dos dados utilizou-se a técnica dos Núcleos de Significação, de Aguiar e Ozella (2006, 2013), oportunizando, com os dados, a apreensão dos sentidos manifestados pelas participantes da pesquisa. Dos resultados das análises emergiram cinco Núcleos de Significação: Ausência, Ser, Conhecer, Fazer e Sentir. Para compor o quadro teórico da discussão, optou-se pelos autores da Pedagogia Escolar e Pedagogia Social e relacionados à prevenção do abuso de drogas, tais como Asinelli-Luz (2000, 2014); Costa (1997); Machado (2002, 2012); Roselli-Cruz (2010). Constatou-se que o educador social e o pedagogo escolar possuem iniciativas próprias e reconhecimento da importância de atuar com a educação preventiva na adolescência. Porém, a escassa oferta de formação profissional e a ausência de suporte técnico e de trabalho em rede, dificultam a organização e ação de procedimentos na área. Considera-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado, respondendo ao problema na medida em que se verificou os mecanismos/procedimentos no campo da Educação Social e da Pedagogia na prevenção do abuso de drogas na adolescência. Foi possível identificar os condicionantes que facilitam e, principalmente, dificultam essa prática. Com isso, se reforçou a relevância desses profissionais para a efetivação de ações voltadas ao desenvolvimento humano e à superação do abuso de drogas na adolescência.

**Palavras-Chave:** Educação. Adolescência. Pedagogia Social. Pedagogia. Prevenção do abuso de drogas. Educação Social.

LIMA, Tatiane Delurdes de. **O educador social e o pedagogo escolar na prevenção do abuso de drogas na adolescência**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

## **ABSTRACT**

This study presents an investigation involving the social educator and the pedagogue in the prevention of drug abuse during adolescence. Starting from the problem: "what are the professional actions of the social educator and the pedagogue in relation to the prevention of drug abuse with adolescents?" The objective was to verify the mechanisms / procedures in the field of Social Education and Pedagogy in the prevention of drug abuse in adolescence. For this, the descriptive, co-relational and exploratory character was used in the study, analyzing information with a qualitative approach, in field research and with the use of semi-structured interviews. The participants were three social educators from a Youth Center and three school pedagogues from the network of state colleges in a city from the Metropolitan area of Curitiba. To analyze the data, we used the Aguiar and Ozella Nucleus of Significance (2006, 2013) technique, providing the data with the apprehension of the senses manifested by the participants of the research. The results of the analysis emerged five Nuclei of Meaning: Absence, To be, to know, to do and to feel. In order to compose the theoretical framework of the discussion, we opted for the authors of School Pedagogy and Social Pedagogy and those related in the prevention of drug abuse, such as Asinelli-Luz (2000, 2014); Costa (1997); Machado (2002, 2012); Roselli-Cruz (2010). It was found that the social educator and the pedagogue have their own initiatives and recognize the importance of working with preventive education in adolescence. However, the scarce supply of vocational training and the lack of technical support and networking make it difficult to organize and act on procedures in the area. It is considered that the objective of the research was reached, responding to the problem as far as the mechanisms / procedures in the field of Social Education and Pedagogy in the prevention of drug abuse in adolescence were verified. It was possible to identify the conditions that facilitate and, mainly, make this practice difficult. This reinforced the relevance of these professionals for the implementation of actions aimed at human development and overcoming drug abuse in adolescence.

**Keywords:** Education. Adolescence. Social Pedagogy. Pedagogy. Prevention of drug abuse. Social Education.

LIMA, Tatiane Delurdes de. **O educador social e o pedagogo escolar na prevenção do abuso de drogas na adolescência**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

## RÉSUMÉ

La présente étude expose une enquête impliquant la prestation de l'éducateur social et du pédagogue scolaire dans la prévention de la toxicomanie à l'adolescence. En partant du problème "Quelles sont les actions professionnelles de l'éducateur social et du pédagogue scolaire face à la prévention de la toxicomanie parmi les adolescents?" visant à vérifier les mécanismes/procédures dans le domaine de l'éducation sociale et de la pédagogie dans la prévention de la toxicomanie à l'adolescence. Pour cela, nous avons utilisé dans l'étude un caractère descriptif, corrélationnel et expérimental, analysant les informations avec une approche qualitative, une recherche sur le terrain et au moyen d'entretiens semi-structurés. Comme participants à l'étude, il y avait trois éducateurs sociaux d'un centre de jeunesse et trois pédagogues scolaires de collèges d'État, d'une ville de la région Métropolitaine de Curitiba. Pour l'analyse des données, nous avons utilisé la technique des "Noyaux de Signification", de Aguiar et Ozella (2006, 2013), prenant comme données l'appréhension des sens manifestés par les participants à l'étude. Les résultats des analyses ont fait apparaître cinq "Noyaux de Signification": absence, être, connaître, faire et sentir. Pour composer le cadre théorique de la discussion, nous avons choisi des auteurs de pédagogie scolaire et pédagogie sociale en relation à la prévention de l'abus de drogues, comme Asinelli-Luz (2000, 2014); Costa (1997); Machado (2002, 2012); Roselli-Cruz (2010). Il a été constaté que l'éducateur social et le pédagogue scolaire ont des initiatives propres, et la reconnaissance de l'importance de travailler à une éducation préventive à l'adolescence. Cependant, le peu de formation professionnelle et l'absence de supports techniques et de travail en réseau, entraînent des difficultés pour l'organisation et l'action de procédures dans ce domaine. On considère que l'objectif de l'étude a été atteint, répondant au problème, dans la mesure où ont été vérifiés les mécanismes/procédures dans le domaine de l'éducation sociale et de la pédagogie dans la prévention de la toxicomanie à l'adolescence. Il a été possible d'identifier les conditions qui facilitent, et surtout celles qui posent des difficultés pour cette pratique. Ainsi a été renforcée la pertinence de ces professionnels pour effectuer des actions efficaces visant au développement humain et à la suppression de la toxicomanie à l'adolescence.

**Mots-clés:** éducation. Adolescence. Pédagogie sociale. Pédagogie. Prévention de la toxicomanie. Éducation sociale.

LIMA, Tatiane Delurdes de. **O educador social e o pedagogo escolar na prevenção do abuso de drogas na adolescência**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

## RESUMEN

Este estudio expone una investigación que implica el desempeño del educador social y pedagogo de escuela en la prevención del abuso de drogas en la adolescencia. Partiendo del problema "¿cómo es la actuación profesional de educador social y pedagogo en la escuela para la prevención del abuso de drogas entre los adolescentes?" con el objetivo de verificar los mecanismos / procedimientos en el campo de la Educación Social y Pedagogía en la prevención del abuso de drogas en la adolescencia. Para ello, se utilizó en el estudio lo descriptivo correlacional y exploratorio, análisis de la información con un enfoque cualitativo en el campo de la investigación y el uso de entrevistas semiestructuradas. Había tres participantes educadores de investigación social de un centro juvenil y tres redes de pedagogos escolares de los colegios estatales, una ciudad de la región Metropolitana de Curitiba. Para el análisis de datos, se utilizó la técnica de la significación Núcleos de Aguiar y Ozella (2006, 2013), que proporciona oportunidades, con los datos, la incautación de los sentidos expresados por los participantes en la investigación. Los resultados del análisis fueron cinco Centros significando: Ausencia, ser, saber, hacer y sentir. Para componer el marco teórico de la discusión, se decidió por los autores de la Escuela de Educación y Pedagogía Social y relacionada con la prevención del abuso de drogas, tales como Asinelli-Luz (2000, 2014); Costa (1997); Machado (2002, 2012); Roselli-Cruz (2010). Se encontró que el educador social y el maestro de escuela tienen sus propias iniciativas y reconocimiento de la importancia de trabajar con la educación para la prevención en la adolescencia. Sin embargo, la escasez de formación y la falta de apoyo técnico y la creación de redes, obstaculizan los procedimientos de organización y de acción en el área. Se considera que el objetivo se logró, en respuesta al problema en el que se encontró los mecanismos / procedimientos en el campo de la Educación Social y Pedagogía en la prevención del abuso de drogas en la adolescencia. Fue posible identificar las condiciones que facilitan especialmente esta difícil práctica. De este modo, se refuerza la importancia de estos profesionales existentes, a los recursos destinados al desarrollo humano y para superar el abuso de drogas en la adolescencia.

**Palabras clave:** La adolescencia. Pedagogía Social. Pedagogía. La prevención del abuso de drogas. La Educación Social.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – ORGANIZAÇÃO DA PRIMEIRA ETAPA DA CONSTRUÇÃO DA REVISÃO SISTEMÁTICA.....	44
FIGURA 02 – ORGANIZAÇÃO DA SEGUNDA ETAPA DA CONSTRUÇÃO DA REVISÃO SISTEMÁTICA.....	45
FIGURA 03 – NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO .....	80
FIGURA 04 – NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO: INTERNÚCLEOS .....	147
FIGURA 05 – UMA REFLEXÃO INTERNÚCLEOS: AS VOZES DAS EDUCADORAS SOCIAIS E PEDAGOGAS ESCOLARES.....	148
MAPA 01: ILUSTRAÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA SUL DE CURITIBA - PARANÁ.....	366

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 01 – ORGANIZAÇÃO DO RESULTADO DAS BUSCAS NO BANCO DE DADOS CAPES – DISSERTAÇÕES E TESES .....	46
QUADRO 02 – TESES E DISSERTAÇÕES DO BANCO DE DADOS CAPES APROXIMADOS À TEMÁTICA DA PESQUISA .....	47
QUADRO 03 – ORGANIZAÇÃO DO RESULTADO DAS BUSCAS NOS BANCOS DE DADOS SCIELO .....	50
QUADRO 04 – ARTIGOS CIENTÍFICOS DO BANCO DE DADOS SCIELO APROXIMADOS À TEMÁTICA DA PESQUISA .....	51
QUADRO 05 – ORGANIZAÇÃO DO RESULTADO DAS BUSCAS NOS BANCOS DE DADOS PSYCINFO .....	54
QUADRO 06 – ARTIGO CIENTÍFICO DO BANCO DE DADOS PSYCINFO APROXIMADO À TEMÁTICA DA PESQUISA .....	55
QUADRO 07 – RECORTE DA ORGANIZAÇÃO DO TEXTO TRANSCRITO JUNTAMENTE COM OS PRÉ-INDICADORES .....	77
QUADRO 08 – RECORTE DA ORGANIZAÇÃO DOS INDICADORES A PARTIR DOS PRÉ-INDICADORES .....	79
QUADRO 09 – DEMONSTRAÇÃO DOS PRÉ-INDICADORES, INDICADORES E NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO .....	82
QUADRO 10 – NÚLCEO I – AUSÊNCIA - E RESPECTIVOS PRÉ-INDICADORES .....	86
QUADRO 11 – NÚCLEO II – SER - E RESPECTIVOS PRÉ-INDICADORES .....	103
QUADRO 12 – NÚCLEO III – CONHECER - E RESPECTIVOS PRÉ-INDICADORES .....	107
QUADRO 13 – NÚLCEO IV – FAZER - E RESPECTIVOS PRÉ-INDICADORES ..	116
QUADRO 14 – NÚCLEO V – SENTIR - E RESPECTIVOS PRÉ-INDICADORES ..	127
TABELA 01 – CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	400
TABELA 02 – DEMONSTRAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO COM OS OBJETIVOS DA PESQUISA .....	81



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE	-	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAPES	-	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP/SD	-	Comitê de Ética em Pesquisa/Saúde
CIME	-	Centro de Integração ao Menor
CJ	-	Centro da Juventude
CMDCA	-	Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente
CNAS	-	Conselho Nacional da Assistência Social
CNE/CP	-	Conselho Nacional de Educação – Conselho Pleno
CNPQ	-	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNS	-	Conselho Nacional de Saúde
CONAES	-	Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior
CRAS	-	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	-	Centro de Referência Especializado da Assistência Social
CRRs	-	Centros Regionais e Referência
DSM	-	Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais
ECA	-	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MDS	-	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MEC	-	Ministério da Educação
OMS	-	Organização Mundial da Saúde
ONG's	-	Organizações Não Governamentais
PeNSE	-	Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar
PNE	-	Plano Nacional de Educação
PPGE	-	Programa de Pós-Graduação em Educação
PROERD	-	Programa Educacional de Resistência às Drogas e Violência
<i>PsycInfo</i>	-	Periódicos Eletrônicos em Psicologia
SCFV	-	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SCIELO	-	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SEED	-	Secretaria Estadual de Educação
SENAD	-	Secretaria Nacional Antidrogas
SNC	-	Sistema Nervoso Central
SUAS	-	Sistema Único da Assistência Social

- SUPERA - Sistema para detecção do uso abusivo e dependência de substâncias psicoativas: encaminhamento, intervenção breve, reinserção social e acompanhamento
- TV - Televisão
- UBS - Unidade Básica de Saúde
- UFPR - Universidade Federal do Paraná

## SUMÁRIO

EDUCADORA SOCIAL, PEDAGOGA ESCOLAR: UM CAMINHAR COMPARTILHADO .....	21
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>24</b>
<b>2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>32</b>
2.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA .....	32
2.1.1 Procedimentos éticos .....	35
2.2 O CAMPO DE PESQUISA .....	35
2.2.1 Centro da Juventude .....	36
2.2.2 Colégios estaduais .....	38
2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	39
2.4 COLETA DE DADOS .....	41
<b>3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>43</b>
3.1 REVISÃO SISTEMÁTICA.....	43
3.2 PREVENÇÃO DO ABUSO DE DROGAS.....	57
3.2.1 Adolescência e Prevenção .....	61
3.3 EDUCADOR SOCIAL E A PREVENÇÃO DO ABUSO DE DROGAS... ..	66
3.4 PEDAGOGO ESCOLAR E A PREVENÇÃO DO ABUSO DE DROGAS .....	70
<b>4 RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>75</b>
4.1 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	75
4.2 NÚCLEO I – AUSÊNCIA .....	85
4.2.1 As dificuldades e ausência de conhecimento no espaço de atuação profissional .....	87
4.2.2 Ausência de diálogo com o adolescente e seus familiares .....	91
4.2.3 Escassez de suporte técnico e ausência de diálogo entre profissionais .....	95
4.2.4 Escassez de conhecimento na área de prevenção .....	98
4.2.5 Reconhecimento da necessidade de formação .....	101
4.3 NÚCLEO II – SER .....	102
4.3.1 Compreensão sobre prevenção a partir do seu ser.....	103
4.3.2 Vivências que transformam o ser .....	105
4.4 NÚCLEO III – CONHECER .....	107
4.4.1 Viver oportuniza aprendizagem .....	108

4.4.2	Conhecimentos relacionados à prevenção do abuso de drogas na adolescência .....	111
4.4.3.	Alternativas de formação e conhecimento sobre a temática de prevenção...	113
4.5	NÚCLEO IV – FAZER .....	116
4.5.1	Ações promovidas individual e coletivamente .....	117
4.5.2	Experiências com os adolescentes .....	124
4.6	NÚCLEO V – SENTIR .....	126
4.6.1	Concepção sobre prevenção do abuso de drogas na adolescência.....	128
4.6.2	Sentimentos em relação do abuso de drogas na adolescência .....	134
4.6.3	Percepção sobre o educador social e o pedagogo escolar na atuação de prevenção do abuso de drogas junto a adolescentes. ....	135
4.7	UMA REFLEXÃO INTERNÚCLEOS: AS VOZES DAS EDUCADORAS SOCIAIS E PEDAGOGAS ESCOLARES .....	137
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>145</b>
	REFERÊNCIA .....	153
	APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	159
	APÊNDICE 2 – PRINCIPAIS INDICADORES DE CADA ENTREVISTA...	161
	ANEXO 1 – PARECER FINAL DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA. ....	167

## **EDUCADORA SOCIAL, PEDAGOGA ESCOLAR: UM CAMINHAR COMPARTILHADO**

A presente pesquisa intitulada “O educador social e o pedagogo escolar na prevenção do abuso de drogas na adolescência” advém de reflexões e vivências em um cenário onde adolescentes são vítimas constantes das drogas. Não por acaso, esses campos coincidem com minha formação (Pedagogia) e atuação profissional (educadora social) aumentando o fator motivacional para a promoção da dissertação.

Desde a infância acreditava na prática docente, na importância do cuidado com as crianças e adolescentes e, em 2007, o sonho de tornar-se educadora começou a se concretizar. Realizando o Curso de Formação de Docentes e posteriormente, em 2011, o ingresso como bolsista no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, obtive a certeza de que estava no caminho certo, afirmando meu ideal de vida voltado à ação educadora e humanizadora.

No mesmo ano da graduação, iniciei minha atuação profissional na área educacional por meio do Concurso Público Municipal da cidade de Campo Largo, atuando como educadora social até a data de hoje. Com as experiências em um bairro com índices preocupantes de vulnerabilidade e risco social, o uso e o abuso de drogas estavam fortemente presentes na vida das crianças e adolescentes. Ainda muito nova, aprendi a conviver com uma realidade dura, conhecendo pessoas que estavam inseridas no tráfico e no abuso de drogas.

Atuar em áreas em que crianças e adolescentes possuem contato com as drogas e forte influência para inserção no tráfico, ocasiona inquietações relacionadas às práticas que devem ser desenvolvidas: quais as possíveis ferramentas que contribuem para a prevenção de riscos contra esse público e, ainda, quais os responsáveis pela execução, monitoramento e mobilização sócio-educativo dessas ações?

Em uma das comunidades de atuação, houve a vivência em um contexto onde o tráfico de drogas organizava a rotina em volta do equipamento público<sup>1</sup> do bairro, envolvendo adultos e principalmente, os adolescentes da região. Baseadas em atividades da Pedagogia e da Educação Social, muitas ações de prevenção de

---

<sup>1</sup> Centro de Referência de Assistência Social – CRAS. Equipamento público, estatal, porta de entrada para os serviços socioassistenciais do Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome.

drogas foram promovidas, buscando nos sujeitos maneiras de construir a identidade social e do fortalecimento do protagonismo juvenil.

No decorrer de um trabalho de seis anos, muitas reflexões, estudos e frustrações foram ocorrendo, presenciei a morte violenta de alguns adolescentes e a prisão repentina de muitos jovens, todos decorrentes do abuso e/ou do tráfico de drogas. Ao retornar ao território depois de longos períodos de internações compulsórias e até mesmo de passagens por educandários, alguns dos adolescentes procuravam em nós profissionais o suporte e/ou apoio (que não encontravam na família), para enfrentar a problemática.

O tráfico na região estava cada vez mais notório, principalmente porque atraía os adolescentes para a ilusão de que, a partir do abuso das substâncias e de seu comércio, haveria chances maiores de garantia de dinheiro fácil e de inserção em grupos de interesses. Assim, tornavam-se ainda mais vulneráveis à exposição de outras violências e à exploração sexual.

Com a vivência na área da Educação Social e da Pedagogia, destaco a importância de trabalhar em rede. Na intenção de viabilizar o fortalecimento de vínculos entre a família e a comunidade, pretendi oportunizar aos adolescentes outras perspectivas de vida longe do universo da ilegalidade.

Mesmo com a formação em Pedagogia e como educadora social, não conhecia as bases teórico-metodológicas que oportunizassem o fortalecimento das ações referentes à superação das internações e das reinserções na comunidade. Buscava apoio em outros profissionais (psicólogos, assistentes sociais, professores de Educação Social) com formações específicas que fornecessem recursos e ferramentas para auxiliar os adolescentes, vítimas das drogas. Realizei uma especialização em Educação Integral Transformadora, financiada pela Embaixada da Finlândia, a qual proporcionou novos olhares sobre o ser e as relações humanas. No âmbito de trabalhar com a educação preventiva<sup>2</sup> e a superação de vulnerabilidades na infância e adolescência, conheci estudos que fortaleceram minha prática.

Em paralelo à especialização, assumi o desafio de estar na função de coordenadora de um CRAS. Na condição de gestora, com a responsabilidade de articular as ações da Assistência Social na comunidade, deparei-me com desafios

---

<sup>2</sup> Ações relacionadas à prevenção ao abuso de drogas e formação humanizadora.

relacionados à negligência familiar, situação de extrema pobreza, tráfico e abuso de drogas com crianças e adolescentes. Com a intenção de superar as problemáticas do território e auxiliar os profissionais em suas atuações, ingressei no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná, construindo a proposta da dissertação com o objetivo de verificar os mecanismos/procedimentos no campo da Educação Social e da Pedagogia na prevenção do abuso de drogas na adolescência.

No decorrer dessa construção e das descobertas com a dissertação, deparei-me com outras dificuldades relacionadas do abuso de drogas. Em meio ao processo, enfrentei o abuso de drogas no âmbito familiar. Com a superação da dificuldade, fortaleci minhas ações, na busca de ferramentas, alternativas e parcerias para conhecer e ampliar olhares sobre as práticas para a prevenção do abuso de drogas.

Pensando nessa expansão de ações educacionais preventivas, a dissertação, poderá servir de orientação para acadêmicos e profissionais da educação e de outras áreas referentes a proteção e a preservação dos direitos fundamentais. A partir do desenvolvimento de cultura de prevenção voltada à adolescência, pode-se inspirar e nortear outras pesquisas no âmbito de graduação e de pós-graduação, viabilizando a expansão de pesquisas na área da prevenção e a superação das drogas na adolescência.

Pretendo estender a pesquisa em âmbito de Doutorado, oportunizando a continuidade da discussão sobre os profissionais que atuam diretamente na superação das drogas nas comunidades, bem como a possibilidade de expandir consciência e compreensão sobre a importância da formação de educadores sociais e pedagogos escolares para a demanda recorrente de uma sociedade repleta de problemáticas sociais e comunitárias.

Assim, a investigação que direciona essa dissertação de mestrado, poderá enriquecer a visão sobre o diálogo necessário na Educação Social e Escolar, oportunizando contribuições tanto para o meio acadêmico, quanto para outros profissionais da educação – sendo formal ou não formal – com esclarecimentos dessas atuações envolvidas. Serão apresentados estudos e reflexões acerca das ações de educadores sociais e pedagogos escolares frente à prevenção do abuso de drogas na adolescência.

## 1 INTRODUÇÃO

A presente produção acadêmica está contemplada na área da Educação, na Linha de Pesquisa em Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano. Possui como foco de investigação a atuação dos profissionais da Educação Social (educador social) e da Educação Escolar (pedagogo) a partir de sua formação teórico-metodológica e sua prática profissional. Nessa perspectiva, procura-se verificar as ações pertinentes à atuação desses agentes sociais relacionadas aos mecanismos que utilizam em suas vivências para o trabalho de prevenção e superação do abuso<sup>3</sup> de drogas com adolescentes.

A adolescência, abordada no respectivo estudo, é marcada por um período de desenvolvimento biológico, social e cultural, contemplado em mudanças, transformações e construção de identidade. De acordo com a Lei brasileira nº 8.069, de 13 de julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), essa fase é caracterizada pela etapa cronológica entre doze e dezoito anos incompletos. Para assegurar e promover suporte a esse sujeito há a necessidade da organização de políticas públicas visando a proteção integral. Assim, a legislação brasileira destaca, dentre muitas obrigações, que é dever dos cidadãos o exercício da proteção da infância e da adolescência, desde os aspectos básicos para sobrevivência humana até o exercício de sua dignidade enquanto sujeito de direitos e deveres.

Apesar da existência de documentos normativos que asseguram direitos para a promoção do desenvolvimento humano do adolescente, ainda são constatadas situações de violações que exigem reflexões e intervenções. Muitos desses indivíduos não possuem seus direitos básicos garantidos, decorrentes da negligência familiar, comunitária, da sociedade e/ou do poder público, do preconceito e de outras formas de violência. A título de exemplo dessa problemática em nível nacional, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE apresenta dados relacionados à prática de violências (acidentes, agressões físicas, psicológicas e sexuais) ocorrida contra adolescentes, sendo os principais

---

<sup>3</sup> Utiliza-se o termo “abuso” devido à definição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV) relacionado ao consumo de substâncias que resultam dano mental ou físico advindos de influências e/ou consequências sociais. O “abuso” diferencia-se do termo “uso” de drogas, pois, este segundo caracteriza-se pela auto-administração de qualquer substância psicoativa, onde a natureza do dano é claramente identificada. (DUARTE; MORIHISA, 2012).



causadores de sequelas, incapacidades e mortes, ferindo o direito pela vida e pela convivência comunitária. Nessa mesma linha informativa, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE - promovida no ano de 2012, destaca que a violação de direitos dos adolescentes agrava à medida que estes entram em contato com as drogas, ocorrendo no ano de 2009<sup>4</sup> aumento no consumo de substâncias ilícitas entre o público em questão.

Um fator a ser considerado é destacado na PeNSE (2015). Em comparação à pesquisa promovida com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental na edição anterior (2012), apresenta-se diminuição no consumo de drogas ilícitas, declinando de 9,9% em 2012 para 9,0% em 2015. Esses dados sugerem reflexões acerca dos fatores que impulsionaram a diminuição, havendo possibilidade de relacionar aos programas de prevenção do abuso de drogas nos espaços escolares fortalecidos a partir de 2011, tais como: Crack, é possível vencer<sup>5</sup>, #tamojunto, Jogo Elos e Fortalecendo Famílias<sup>6</sup> e para formação de profissionais que atuam nas redes de atenção integral à saúde e assistência social, o Centro Regional de Referência em crack e outras drogas (CRR)<sup>7</sup>.

Diante do cenário de violências ocorridas na adolescência e da expressiva diminuição do consumo de drogas entre adolescentes brasileiros, se reforça a necessidade de suscitar discussões sobre as possibilidades de mobilização da atenção e proteção, salientando o contexto familiar, comunitário e escolar como ambientes referenciais. Para isso, agentes escolares e não escolares poderão dialogar na superação do abuso de drogas, oferecendo alternativas de prevenção voltadas ao desenvolvimento humano e suas potencialidades. Construindo e

---

<sup>4</sup> “A PeNSE 2009 identificou que a experimentação de drogas ilícitas foi de 8,7% para o conjunto dos alunos pesquisados nos Municípios das Capitais. Em 2012, a proporção para este indicador, entre os adolescentes que frequentavam o 9º ano em escolas dos Municípios das Capitais do País, foi de 9,9%, representando um ligeiro aumento em relação ao resultado observado há três anos atrás”. (IBGE, 2013, p. 63).

<sup>5</sup> Criado no ano de 2011, o programa Crack, é possível vencer é organizado em parceria pelos Ministérios da Justiça, da Saúde, da Educação, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e da Secretaria de Direitos Humanos. Disponível em: < <http://www.justica.gov.br/sua-seguranca/seguranca-publica/programas-1/crack-e-possivel-vencer>>. Acesso em 29 de dezembro de 2016.

<sup>6</sup> Os programas #tamojunto, Jogo Elos e Fortalecendo Famílias são promovidos pelo Ministério da Saúde desde o ano de 2013. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/sas/sas-noticias/17624-saude-mental-promove-programas-de-prevencao-ao-uso-e-abuso-de-drogas>>. Acesso em 29 de dezembro de 2016.

<sup>7</sup> O CRR é organizado pelos Ministérios da Saúde, Educação e Desenvolvimento Social e Combate à Fome em parceria com as universidades federais e estaduais de todo Brasil. Disponível em: < <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2011/02/18-no-brasil-senad-lanca-centros-regionais-de-referencia-em-crack-e-outras-drogas.html>>. Acesso em 29 de dezembro de 2016.

fortalecendo vínculos afetivos, tanto os educadores sociais, quanto os pedagogos escolares conduzir-se-ão na intencionalidade de prevenir riscos, incentivar participação comunitária, o protagonismo juvenil e a vivência da cidadania por meio da garantia de seus direitos fundamentais. (BRASIL, 2013).

Para auxiliar esses profissionais na elaboração de ações preventivas e na superação ao abuso de drogas, a educação fomenta a expansão dos conhecimentos, estimulando a criticidade frente às demandas da sociedade, onde todos os locais estão suscetíveis a interação e à construção de saberes. Ocorrendo em todos os lugares, Trilla e Ganhem (2008), apresentam o olhar para a educação como influência no conjunto de estruturas voltadas ao desenvolvimento do ser humano e em/para seus círculos de interação, visando estímulo para a sua formação integral (cognitiva, física, cultural, religiosa, espiritual e social).

Reafirmando a concepção sobre a importância da área da educação na prevenção do abuso de drogas, há uma corrente afirmada por Asinelli-Luz (2000), onde ressalta a importância desse espaço, compreendendo que os agentes educacionais poderão auxiliar no processo de valorização e crescimento do ser humano. Para isso, organizam-se no estabelecimento de ações educativas voltadas à superação de problemáticas como a exclusão, ameaças e violência na adolescência por meio de uma Pedagogia da Presença<sup>8</sup>.

Nessa perspectiva, a Pedagogia como área de conhecimento norteia aprofundamentos teórico-práticos para que educadores/pedagogos exercitem o processo educativo. Ocupando-se de estudos sistemáticos voltados à vivência social, contempla não apenas a modalidade escolar, mas, outros espaços advindos de vulnerabilidades/riscos sociais, com sujeitos que se encontram em exclusão social. A sociedade, nesse âmbito, necessita de mudanças para acompanhar os avanços políticos, sociais e econômicos. Para isso, é essencial que discussões e debates sejam realizados para que a Pedagogia possibilite atingir cada vez mais indivíduos com processos de ensino de qualidade.

Dissertando sobre educação escolar, todo adolescente demanda inserção no processo educacional com condições humanas de acesso e permanência. Um

---

<sup>8</sup> Apresentada por Antônio Carlos Gomes da Costa (1997), a Pedagogia da Presença busca a ação educativa por meio do estímulo do autoconhecimento e do autocuidado. O intuito é fazer-se presente de tal forma a fazer a diferença na vida do outro e fortalecer a relação entre educador e educando, com o resgate da essência humana e as suas relações. Tornar-se presença educativa na vida do outro exige tempo, desejo, dedicação e intencionalidade.

direito a ser respeitado, deverá obter espaço para protagonizar em organizações estudantis e comunitárias, participando das decisões educacionais em conjunto com a família. Conforme o ECA (1990), em seu Capítulo IV há a garantia referente aos direitos de lazer, esporte, cultura e educação, salientando a sua construção plena nos âmbitos social, profissional e pessoal.

Diante dessas discussões e em relação ao ano de comemoração dos 27 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), esse estudo suscita preocupação de contribuir com a temática de prevenção do abuso de drogas na adolescência relacionada aos educadores sociais e pedagogos escolares. Estando em consonância com o Art. 4º dessa legislação, reforça-se que é dever da sociedade (família, Estado e comunidade) promover proteção integral às crianças e adolescentes referentes à sua saúde, educação, moradia, liberdade, alimentação, segurança, esporte, lazer, cultura, dignidade, respeito, profissionalização e participação comunitária e familiar.

Com relação a prevenção do abuso de drogas, o presente estudo apresenta dois pressupostos: primeiramente que a prevenção do abuso de drogas ainda não se apresenta como prioridade nas políticas públicas, motivo pelo qual as famílias, a sociedade e a escola ainda têm esse tema como mito e tabu. As ações de prevenção, tanto dos educadores sociais como dos pedagogos escolares, têm como referência o modelo médico e o moral centrados nas estratégias sobre as drogas ao invés da valorização da vida, dificultando o trabalho em rede de proteção para prevenção e superação das drogas na adolescência.

Em nossa cultura há uma permissividade marcante em relação ao consumo de drogas legalizadas (álcool, tabaco e medicamentos) e, mesmo neste contexto, poucas são as ações preventivas eficazes, restringindo-se, em sua maioria, ao cumprimento de leis de venda e consumo, procurando coibir o abuso, não havendo nenhum “discurso” convincente para que os usuários abandonem o seu uso. Porém, com relação às drogas ilegais, há um discurso fortemente repressor e moralista, que não visualiza os múltiplos fatores mobilizadores dos indivíduos para o seu consumo, investindo-se em estratégias ineficazes de convencimento, como se fosse possível criar uma sociedade livre de drogas. (ASINELLI-LUZ, 2000, p.43).

A representação da sociedade é evitar o contato do adolescente com as drogas com foco no medo e na responsabilidade e não na autonomia. Desse modo, não compreendem a adolescência como fase importante do desenvolvimento humano, considerando apenas uma simples fase de contestação, conflitos e

difficuldade de relacionamento, sem perceber sua função fundamental para o crescimento e desenvolvimento humano. (ASINELLI-LUZ, 2000).

Como segundo pressuposto, com exceção dos profissionais da saúde, da psicologia e do campo jurídico, os pedagogos escolares e os educadores sociais, possivelmente, sem uma formação específica consistente, atuam isoladamente, com maiores dificuldades de interagir com os demais profissionais da rede de prevenção.

Essa questão permite refletir que não há formação inicial do pedagogo escolar e do educador social com ênfase na prevenção. Assim, muitos educadores sociais e pedagogos escolares desconhecem a existência de estudos norteadores e equipamentos públicos atuantes na área da prevenção do abuso de drogas. Mesmo que a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD -proporcione formação de educadores por meio da Educação à Distância (Curso de formação de professores para as escolas públicas e o curso de Prevenção do Uso de Drogas em Instituições Religiosas e Movimentos Afins), nem todos esses profissionais obtiveram a oportunidade de realizá-los, envolvendo nessa perspectiva a participação da família e da comunidade.

Deste modo, a relevância dessa pesquisa para o campo da educação justifica-se em razão da preocupação em consolidar e fortalecer redes de atenção e proteção à adolescência, mediando ações dos setores públicos e privados. Assim, procura-se conhecer a maneira como os indivíduos que atuam nesses setores promovem ações voltadas para a garantia de direitos humanos e para a formação de sujeitos políticos, inseridos nas diferentes modalidades e formas de escolarização e de interação social.

Notadamente, a atuação do profissional da educação escolar tem a possibilidade de conquistar a confiança de seus discentes, por meio de ações fundamentais para a trajetória estudantil e a convivência em sociedade. O educador social, por sua vez, constrói vínculos afetivos com crianças e adolescentes fora do âmbito escolar, com atuação em comunidades que apresentam maiores índices de vulnerabilidade e riscos sociais ou em outro espaço que necessite de atendimentos especializados. Por essa razão, é importante promover ações que fortaleçam esses vínculos.

A importância da Pedagogia escolar e da Pedagogia Social, ou seja, a educação que ocorre nos espaços escolares<sup>9</sup> e nos não escolares<sup>10</sup>, justifica-se em razão da construção de vínculos afetivos tanto no ambiente escolar quanto nos ambientes que visam serviços socioeducativos e de convivência, nos quais o professor trabalha em conjunto com outros profissionais não escolares.

A partir dessas inquietações, **questiona-se**: “quais são as ações profissionais do educador social e do pedagogo escolar frente à prevenção de drogas com adolescentes?”. **Para oportunizar respostas sobre esse problema, objetiva-se** com a pesquisa, verificar<sup>11</sup> os mecanismos/procedimentos no campo da Educação Social e da Pedagogia na prevenção do abuso de drogas na adolescência.

**Como objetivos específicos** propõe-se **identificar** a formação inicial e continuada do educador social e do pedagogo escolar para ação em prevenção e superação do abuso de drogas; **verificar** as ações preventivas utilizadas pelos educadores sociais e pedagogos escolares que atuam direta ou indiretamente com adolescentes na superação do abuso de drogas no município da pesquisa; **relacionar** a concepção dos educadores sociais e pedagogos escolares sobre a Rede de Proteção com sua prática na prevenção no abuso de drogas; **identificar** as atividades pró-sociais<sup>12</sup> trabalhadas ou sugeridas pelos educadores sociais e os pedagogos escolares na superação e prevenção de drogas; **evidenciar** os fatores de proteção e os fatores de risco que caracterizam a proposta de prevenção e superação do abuso de drogas na adolescência pelos educadores sociais e pedagogos escolares.

**A metodologia empregada** na pesquisa apresenta o enfoque qualitativo, exploratório, com caráter descritivo e correlacional. Para a coleta de dados foi utilizada entrevista com profissionais de um equipamento público da Assistência Social (Centro da Juventude) e de três colégios estaduais situados em um

---

<sup>9</sup> Caracterizada como trabalho com sujeitos em instituições de ensino formalizados, baseado em sistemas regidos por normas, ordens cronológico-hierárquicas e com a função de mediar conhecimentos para formação individual e coletiva. (TRILLA; GHANEM, 2008).

<sup>10</sup> Assinalada como a ação de construir grupos pré-estabelecidos em ambientes externos e/ou complementares ao âmbito formal. Como exemplo, há projetos sociais, instituições de cunho religioso, Organizações Não Governamentais, entre outros. (TRILLA; GHANEM, 2008).

<sup>11</sup> Para definição dos verbos da presente pesquisa, optou-se pela utilização do referencial de Luiz Carlos de Abreu (2014).

<sup>12</sup> Termo referente à construção moral que modifica julgamentos e condutas de maneira voluntária para beneficiar ou auxiliar um indivíduo ou o coletivo sem pressões externas e expectativas de recompensas. (KOLLER; BERNARDES, 1997).

município<sup>13</sup> da Região Metropolitana Sul de Curitiba – Estado do Paraná. A escolha do campo de pesquisa ocorreu devido à região apresentar bairros com maiores índices de vulnerabilidade social aonde o abuso de drogas vem sendo evidenciado como um dos fatores de violência e baixo rendimento escolar entre adolescentes.

De acordo com Oliveira (2008), o emprego das relações humanas como objeto de pesquisa promove o enriquecimento e a expansão das análises, despertando percepção maior do que se aparenta. Diante disso, com autorização prévia dos gestores públicos e participação voluntária, foram participantes da pesquisa aqueles que aceitaram fazer parte da investigação, sendo três educadores sociais que atuam com o público entre 12 a 29 anos de idade e três pedagogos escolares de três colégios estaduais que atuam com adolescentes de 12 a 18 anos incompletos, do 6º ao 9º ano Do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

**Para a análise de dados**, houve a interpretação dos discursos de educadores sociais e pedagogos escolares baseados em Núcleos de Significação de Aguiar e Ozella (2006) a partir da subjetividade observada, nos significados e significações presentes nos diálogos. Esse processo resultou na composição de cinco Núcleos de Significação, denominados: Ausência, Ser, Conhecer, Fazer e Sentir.

A partir da discussão intranúcleos, foi possível relacionar o objeto pesquisado com os questionamentos que foram levantados ao longo da pesquisa, retomando o problema da pesquisa, seus objetivos - geral e específicos - em um movimento internúcleos - dialético sobre o sujeito e sua totalidade.

Para a promoção e organização da presente pesquisa, após o capítulo introdutório, aborda-se no segundo capítulo a metodologia, compondo-se do delineamento da pesquisa, procedimentos éticos, contexto da pesquisa de campo, projetos sociais que envolvem a adolescência, descrição dos participantes da pesquisa e os procedimentos de coleta de dados.

No terceiro capítulo, constituindo-se de um estudo de cunho teórico, há a Revisão Sistemática de Teses, Dissertações e Artigos Científicos advindos de bancos de dados de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (*PsycInfo*), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e em ferramentas de pesquisa da *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). A

---

<sup>13</sup> Optou-se na presente dissertação em não mencionar o nome do município da pesquisa, com o objetivo de preservar o anonimato das participantes das entrevistas.

investigação baseou-se em discussões relacionadas à prevenção de drogas, prevenção de drogas na adolescência, educador social, pedagogo social, drogas na escola, drogas na adolescência, prevenção e comunidade, visando o panorama de pesquisas relacionadas ao tema. Além do percurso sobre as pesquisas encontradas, houve quatro subcapítulos abordando as temáticas sobre adolescência, adolescentes e prevenção, o educador social e o pedagogo escolar.

O quarto capítulo está organizado na apresentação da pesquisa de campo, dos resultados, análise e discussão dos dados, demonstrando o processo de tratamento resultante das entrevistas semi-estruturadas e da utilização dos Núcleos de Significação, de Aguiar e Ozella (2006), partindo da discussão intranúcleos para a internúcleos.

O quinto capítulo é destacado como Considerações Finais, estruturando a reflexão sobre o conteúdo das pesquisas documentais e de campo, salientando-se, com a investigação, as lacunas encontradas e as suas respectivas análises. Conjuntamente, aborda-se a importância de conhecer a atuação dos profissionais que interagem direta ou indiretamente com adolescentes, auxiliando na consciência sobre a adequação das políticas públicas de prevenção do abuso de drogas na adolescência, reforçando a continuidade do estudo nessa temática.

Por fim, apresenta-se as referências utilizadas ao longo da investigação, bem como anexos e apêndices necessários para o conhecimento do processo.

## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA

### 2.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A presente pesquisa expõe o **enfoque qualitativo** devido ao emprego das relações humanas como processo da pesquisa. Com atenção sobre a perspectiva direta dos participantes, constitui objetivos, questionamentos e enunciados fundamentados em experiências e intuições. Justifica-se essa escolha da pesquisa qualitativa devida a importância aos significados expressos nas falas dos participantes, no conteúdo dos discursos e não à sua quantificação.

Flick (2009) apresenta a compreensão de fenômenos sociais, com base em um contato com os sujeitos no ambiente, valorizando a voz e vez, ouvindo o que os profissionais têm a dizer. Não é a quantidade que possui relevância, mas sim, a qualidade dos discursos, dos conteúdos que serão apresentados e analisados, independentes do número de participantes.

Assim, a pesquisa qualitativa propicia **estudo exploratório e descritivo**, partindo do fenômeno social, percorrendo, com apoio teórico na fenomenologia (teoria de base), o ambiente natural como fonte direta dos dados. Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013), o alcance de estudo exploratório e descritivo possui o objetivo de explorar e expor contextos, fenômenos, demonstrando com precisão as dimensões emergidas na coleta de dados. Salienta-se nessa escolha escassa quantidade de trabalhos semelhantes na temática da pesquisa, onde se procura descrever a maneira mais fiel das intervenções e preocupações que tanto o educador social, quanto o pedagogo escolar apresentam.

Além disso, a pesquisa também se caracteriza como **correlacional**, pois, embora busque-se a maior exatidão possível no relato como o educador social e o pedagogo trabalham, há a necessidade de descobrir sobre seus embates, problemáticas e aproximações/semelhanças de atuação.

O referente estudo torna-se fundamental devido à associação ou distinção de variáveis encontradas, compreendendo o grau de vínculo entre as atuações analisadas. Com valor explicativo parcial, possibilitará a organização, intensidade e análise do vínculo dos discursos e demandas apresentadas pelos participantes da pesquisa. (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2013).



Observando os processos, procedimentos do poder público do município em questão, a intenção não é avaliar a política pública. Pretende-se com a pesquisa compreender os procedimentos e ações promovidas pelos educadores sociais e pedagogos escolares voltados à superação sobre o abuso de drogas na adolescência. Por isso, houve a escolha da **entrevista**, devido a facilidade em obter ao mesmo tempo da comunicação, a percepção dos sentidos e significados dos participantes sobre o tema.

De caráter semi-estruturado, o roteiro esteve organizado em questões e tópicos que possibilitaram a liberdade de escolha no momento do diálogo, bem como a flexibilidade para trabalhar com os temas advindos dos discursos. (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Após o processo de transcrição das entrevistas, para apresentação dos resultados e reflexões promovidas ao longo do percurso de pesquisa, optou-se como base para a **análise de dados** os Núcleos de Significação de Aguiar e Ozella (2006). Abordam a apreensão dos sentidos<sup>14</sup> contidos nos discursos dos sujeitos, permitindo pensar sobre produções sociais e históricas a partir dos significados<sup>15</sup> dos participantes, de sua subjetividade.

São elencadas expressões cognitivas e afetivas que indicam a complexidade das experiências individuais e coletivas, extraído do discurso os núcleos significativos para análise e discussão. Segundo Aguiar e Ozella (2006, p. 228), “desse modo, além de apontarmos a relação dialética entre o aspecto afetivo e o simbólico, destacamos a importância de agregarmos a noção de necessidade e motivos para a compreensão do sujeito e, assim, dos sentidos”.

O processo de apreensão de sentidos ocorre devido a aproximação do pesquisador com o campo de pesquisa, onde possibilita compreender as determinações sociais e históricas do objeto pesquisado por meio de seu contato. A análise de dados baseia-se em fundamentos da perspectiva sócio-histórica, em que procura apreender os sentidos por meio da reflexão do sujeito frente a realidade com que se relaciona. Possui a característica de proporcionar ao pesquisador análise além do empírico, onde a realidade não assume sua aparência. Será necessário

---

<sup>14</sup> Termo referente às “[...] produções históricas e sociais. São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências”. (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 304).

<sup>15</sup> Termo referente aos “[...] conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 304).

apreender contradições, qualidades e realidades, os âmbitos históricos e sociais que constroem e são expressos pela fala para a compreensão do contexto. (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015).

Desse modo, frisamos que nossa reflexão metodológica sobre a apreensão dos sentidos estará pautada numa visão que tem no empírico seu ponto de partida, mas a clareza de que é necessário irmos além das aparências, não nos contentarmos com a descrição dos fatos, mas buscarmos a explicação do processo de constituição do objeto estudado, ou seja, estudá-lo no seu processo histórico. (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 224).

Não única e completa, a apreensão dos sentidos torna-se capaz de apresentar expressões e sentimentos parciais e/ou contraditórios. Isso ocorre devido ao pensamento não ser compreendido como linear e acabado. Requer conhecimento dos participantes da pesquisa, compreensão da sua história e o reconhecimento da conexão entre o cognitivo e o afetivo. (AGUIAR; OZELLA, 2013).

A proposta dos Núcleos de Significação aproxima-se da concepção de Homem destacada na presente investigação. Volta-se o olhar para o ser humano e sua relação dialética com o âmbito social e histórico, respeitando suas expressões, ideologias, culturas e concepções. "Ao mesmo tempo, esse mesmo Homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos". (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 301).

Ao compreender o Homem como um ser complexo e singular, a análise de dados parte de suas interpretações e interações, em que se constituem como fundamentais para a discussão e elaboração dos resultados. Nesse âmbito, as ferramentas qualitativas destacam as ligações entre a prática e a teoria, promovendo diversas perspectivas de compreensão e diagnósticos. (OLIVEIRA, 2008).

Para a composição dos Núcleos de Significação da presente investigação, foram elencados pré-indicadores, indicadores e, por fim, a formação de cinco Núcleos, denominados a partir da expressão das participantes da entrevista: Ausência, Ser, Conhecer, Fazer e Sentir.

A partir dos cinco núcleos, foi possível dialogar sobre o objeto pesquisado e os questionamentos que foram levantados ao longo da pesquisa (movimento intranúcleos), expondo os contextos, fenômenos e dimensões emergidas na coleta de dados por meio do processo de internúcleos (movimento dialético sobre o sujeito e sua totalidade).

### 2.1.1 Procedimentos éticos

Na compreensão de ser um estudo que envolve seres humanos, a investigação seguiu os procedimentos éticos da legislação, pautando-se nas normas e princípios estabelecidos pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), para pesquisas com seres humanos, publicada em 3 de junho de 2013 no Diário Oficial da União.

Para cumprimento ético, em 17 de maio de 2016 encaminhou-se o projeto de pesquisa intitulado “O educador social e o pedagogo escolar na prevenção do abuso de drogas junto a adolescentes” para aprovação do Colegiado do Setor de Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Setor de Ciências de Saúde da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – CEP/SD, sendo aprovado em 01 de junho de 2016, de acordo com o Parecer Consubstanciado nº 1.571.218, CAAE: 56213116.5.0000.0102. (ANEXO 01).

## 2.2 O CAMPO DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada em um município da Região Metropolitana Sul de Curitiba (MAPA 01), em equipamentos públicos (área social e educacional), inseridos em bairros com maiores índices de vulnerabilidade social, nas quais o abuso de drogas vem sendo relatado como fator de violência e de baixo rendimento escolar entre adolescentes. Ademais, constata-se nesse território, a promoção de ações voltadas à educação preventiva, a ser destacada no item 2.2.2, referente aos colégios estaduais.



equipamento oferece atividades ao público adolescente (na faixa etária de 12 a 18 anos incompletos), apresentando **03** educadoras sociais como apoio.

O campo de pesquisa da área social está relacionado ao Centro da Juventude, constituindo-se de um espaço destinado a adolescentes e jovens na faixa etária de 12 a 29 anos em situação de vulnerabilidade e risco social, com o objetivo de proporcionar a inclusão cultural, social e profissional. Por critérios de densidade populacional, o Centro da Juventude, promove atividades de convivência e fortalecimento de vínculos, tais como: futsal, basquete, voleibol, karatê, teatro, dança, contação de histórias, artesanato, cursos de informática e educação (oficina para postagem de vídeos e imagens digitais), entre outras ações conforme a demanda do território.

Nesse equipamento municipal há a atuação de 03 educadores sociais. Têm por objetivos possibilitar aos jovens a produção e o acesso aos bens artísticos, culturais e esportivos, realizando atividades e monitorando oficinas que favoreçam a sua formação pessoal, profissional e grupal.

No município da realização da pesquisa, há um edital de Concurso Público estabelecendo que os requisitos para o cargo de Educador Social eram obter a certificação registrada e reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) de conclusão de curso de Ensino Médio com habilitação em formação de magistério (atualmente Formação de Docentes), ou Curso de Pedagogia com séries iniciais. O município, a exemplo de outros, seguiu editais para concurso que são referenciados com preocupações à Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (2009).

As atribuições envolviam a supervisão técnica, execução das atividades sócio-educativas e administrativas organizadas em duas categorias: quem atuasse nos programas com atividades de Proteção Social Básica teria o encargo de proporcionar ações de promoção social, convivência, atendimento com recursos emergenciais e de geração de trabalho e renda dentro do território com demanda de vulnerabilidade e riscos sociais. Quem atuasse nos programas de Proteção Social Especial, realizaria atendimentos e atividades com pessoas e famílias que caracterizavam seus direitos violados. Ainda, os profissionais dessa área, preferencialmente, deveriam possuir disponibilidade para trabalhar em períodos - diurno e noturno - conforme a necessidade da Instituição.

De acordo com o edital, para iniciar seu trabalho, o educador social necessitava exercer o conhecimento dos indivíduos com que iria trabalhar. Para

isso, deveria obter as informações por meio de intervenções e observações sistematizadas, para conhecer qual a necessidade do grupo ou dos indivíduos, as habilidades e potencialidades, composição familiar, problemas e desafios enfrentados, situação social (risco ou não), os objetivos e metas para o futuro.

### 2.2.2 Colégios estaduais

Na abrangência da educação escolar, o município contempla 26 Colégios Estaduais atuantes e coordenados pela Secretaria Estadual de Educação – Núcleo Sul, com **77** pedagogas e pedagogos na rede. Para a coleta de dados, os colégios selecionados contemplam áreas de maior vulnerabilidade e risco social do município pesquisado, atuando com o público de 12 a 18 anos incompletos.

Na cidade, não há um diagnóstico específico relacionado aos adolescentes e jovens de 12 a 29 anos nos últimos 5/10 anos sobre o abuso de drogas e outras violências. O único documento disponível no município em questão relacionado a essas problemáticas advém de uma ATA de reunião do Comitê Intersetorial de Saúde Mental promovida ao final do ano de 2015. Apresenta cem atendimentos à crianças e adolescentes na Secretaria Municipal de Políticas Sobre Drogas durante o ano. Com a dificuldade de obter informações referentes aos índices de abuso de drogas na cidade, reforça-se a necessidade da elaboração de ferramentas de diagnósticos das violências ocorridas na infância adolescência.

Em relação às iniciativas de prevenção do abuso de drogas, há no município desde o ano de 2011, o Programa Educacional de Resistência às Drogas e Violência (PROERD). Vem, ao longo do tempo, promovendo a efetivação do trabalho de prevenção do abuso de drogas e outras violências nas instituições escolares de Ensino Fundamental I. Desde a sua implementação, houve um total de 28.358 estudantes formados. No ano de 2016, contabilizou-se a formação de 2.217 crianças e adolescentes. Atualmente, o projeto abrange instituições escolares municipais (Ensino Fundamental I), com ações preventivas pontuais. Em nível de Ensino Fundamental II (sexto ao nono ano) e Ensino Médio, não há práticas específicas de prevenção de drogas com os estudantes. (Informação verbal) <sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> PEROVANO, Dalton Gean - Coordenador pedagógico do PROERD. **Informações sobre atendimento do PROERD**. Curitiba, 2017.

## 2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para a promoção das entrevistas, as participantes desta pesquisa são seis profissionais da área da educação e assistência social. No Centro da Juventude foram convidadas pessoalmente para o estudo três educadoras sociais que atuam com o público entre doze a dezessete anos de idade e, em três colégios estaduais, três pedagogas escolares que atuam com adolescentes.

O critério de escolha de participação ocorreu de acordo com os cargos assumidos (educador social e pedagogo escolar), locais de atuação (Centro da Juventude e colégios estaduais, ambas instituições públicas) e envolvimento direto ou indireto com o público adolescente.

Devido a fatores éticos, para garantir o anonimato das participantes, foram organizados códigos de identificação seguindo a inicial do cargo – E.S para educadora social e P.E. para pedagoga escolar – e a ordem de realização da entrevista (ES1, ES2, ES3, PE1, PE2, PE3).

As seis profissionais participantes da pesquisa possuem idade entre 23 e 49 anos; o período na função de educadora social varia entre 03 a 05 anos e na condição de pedagoga escolar entre 04 a 30 anos. Em relação ao tempo de atuação na instituição pública, permeia entre 15 dias a 04 anos no Centro da Juventude e de 01 ano a 08 anos nos Colégios Estaduais (TABELA 01).

Tratando-se da instrução inicial, todas realizaram o Curso de Formação de Docentes (nova nomenclatura do curso de Magistério), 04 prosseguiram com o Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 01 está cursando Serviço Social e 01 permaneceu com a formação inicial. Das 06 profissionais, 01 realizou especialização em Direito Educacional.

**TABELA 01 – CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>IDADE</b>	<b>PERÍODO DE ATUAÇÃO NA INSTITUIÇÃO</b>	<b>TEMPO NO CARGO</b>	<b>FORMAÇÃO</b>
ES1	46 anos	04 anos	04 anos	Curso de Formação de Docentes (Magistério)
ES2	23 anos	15 dias	03 anos	Curso de Formação de Docentes (Magistério) e Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
ES3	28 anos	03 anos e 6 meses	05 anos	Curso de Formação de Docentes (Magistério), Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia e Curso Bacharel em Serviço Social
PE1	44 anos	08 anos	22 anos	Curso de Formação de Docentes (Magistério), Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia e Especialização em Direito Educacional
PE2	49 anos	01 ano	30 anos	Curso de Formação de Docentes (Magistério) e Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
PE3	40 anos	02 anos	04 anos	Curso de Formação de Docentes (Magistério) e Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2016).

Uma das educadoras sociais trabalha no Centro da Juventude desde o ingresso no concurso público (2010), as demais já atuaram no Centro de Integração ao Menor (CIME). A profissional identificada como ES2, com 15 dias de atuação no Centro da Juventude relata que está temporariamente no equipamento, visto a escassez de profissionais e a necessidade de reposição de pessoal. Seu espaço de lotação fixo é em um projeto social que atua com crianças e adolescentes entre 06 a 14 anos. Devido ao pouco tempo de atuação no Centro da Juventude, a participante relatou experiências e percepções da sua atuação de maneira geral, apresentando memórias de sua jornada na prefeitura.



Em relação às pedagogas escolares, todas já atuaram em instituições localizadas em bairros centrais e periféricos. Anteriormente, uma delas já atuou no cargo de Conselheira Tutelar e as demais na função de secretárias escolares. Atualmente uma das profissionais trabalha como pedagoga em dois Colégios Estaduais, um no período da manhã e outro à tarde.

## 2.4 COLETA DE DADOS

A coleta de dados, realizada por meio de entrevista, foi organizada dentro dos espaços de atuação do educador social e do pedagogo escolar, com duração média de 50 minutos cada.

Com autorização prévia dos gestores responsáveis pelas instituições públicas e considerando a ação voluntária dos participantes na pesquisa, foram utilizadas para a coleta de dados: entrevista com roteiro semi-estruturado, com gravação de voz (devidamente autorizada com o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido), com apontamentos referentes às práticas diárias, experiências e compreensão sobre adolescência e a superação do abuso de drogas.

Após a submissão e aprovação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Setor de Ciências de Saúde da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – CEP/SD, todas as participantes foram consultadas para a escolha das datas e horários para a realização da pesquisa. Após estabelecido o cronograma, a pesquisadora compareceu em cada instituição para conhecimento do local e das profissionais, prosseguindo com a entrevista.

As entrevistas ocorreram no período de junho a agosto de 2016. Constatou-se que dos três colégios estaduais, dois possuem em seu território o atendimento de CRAS e, em relação ao Centro da Juventude, não possui atendimento, reportando os atendimentos socioassistenciais aos profissionais da Secretaria Municipal de Assistência Social. A mesma situação ocorre para a proximidade com as Unidades Básicas de Saúde, em que as mesmas duas instituições escolares possuem acesso fácil, enquanto outra e o Centro da Juventude são mais afastados.

A pesquisadora, ao chegar em uma das instituições escolares para a entrevista, esta estava ocupada pelos estudantes devido a paralisação da construção do novo do colégio. Hoje é um espaço compartilhado com uma escola municipal, em que não há ambientes suficientes para todos os discentes e

funcionários, prejudicando o desenvolvimento e expansão das atividades. A obra está finalizada, porém, paralisada devido à operação “Quadro negro”, que, segundo informações cedidas pela participante da entrevista, está envolvida a um desvio de recurso financeiro público.

Com autorização da direção e dos envolvidos no movimento de ocupação, houve a permissão para a realização da entrevista dentro do colégio. A pesquisadora foi recepcionada pelos próprios estudantes e guiada até a sala da pedagoga. De maneira privativa, houve a entrevista por um período de 50 minutos.

Em outra instituição, a participante da entrevista recebeu a pesquisadora, convidando-a a participar do intervalo das aulas na sala dos professores, em um momento de descontração e pausa para o lanche. Nesse momento, alguns docentes mencionaram a dificuldade que possuíam ao abordar o tema de abuso de drogas na adolescência, onde há histórico de ex-estudantes vítimas fatais do tráfico. Após o intervalo, houve a entrevista, em ambiente privativo, com cerca de 30 minutos de diálogo.

Embora todas as entrevistas tenham proporcionado diálogo após as gravações, houve uma, em específico, que suscitou a necessidade de expor seu sentimento em relação à sua prática diária. A participante mencionou a cobrança que recebem da gestão e da família para atuar com os estudantes e docentes, porém, sem respaldo técnico ou formativo. Expõe a fragilidade, angústia, preocupação, frustração e o medo ao atuar na área da educação, de não obter suporte para abordar o abuso de drogas na adolescência. Por fim, comenta que um dos diretores de outro colégio estadual, ao qual tem contato, possui uma pasta onde guarda folhetos e jornais sobre estudantes e ex-estudantes que estão ou foram presos ou que foram a óbito em decorrência da criminalidade.

Todo o processo da pesquisa realizado pela pesquisadora proporcionou a expansão do olhar sobre os espaços e rotinas das profissionais da Educação Social. O contato direto como entrevistadora permitiu o enriquecimento de detalhes e o conhecimento das profissionais que eram ouvidas. Além da experiência em campo, estudos referentes ao educador social, o pedagogo escolar, prevenção do abuso de drogas e adolescência, permitiram a análise e discussão dos dados. A seguir, a apresentação da fundamentação teórica da presente pesquisa.

### 3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

#### 3.1 REVISÃO SISTEMÁTICA

Na intenção de apresentar o panorama geral dos estudos referentes à temática da atuação do educador social e do pedagogo escolar na prevenção do abuso de drogas na adolescência, houve a construção da Revisão Sistemática. No processo de sistematização das pesquisas encontradas (identificação, seleção e discussão) foram elaborados quadros para facilitar a visualização, bem como exibição do conteúdo e áreas que abordam a temática investigada.

A Revisão Sistemática foi organizada em três etapas: a primeira refere-se à definição da pergunta de pesquisa, seleção do público-alvo e escolha da área de interesse. Com o intuito de pesquisar em Teses, Dissertações e Artigos, houve a seleção de seis termos-chaves: prevenção de drogas na adolescência; prevenção de drogas na escola; educador social e prevenção; drogas na adolescência; prevenção e comunidade; educador e pedagogo. Por fim, realizou-se a identificação e primeira consulta nas bases de dados CAPES<sup>18</sup>, *SciELO*<sup>19</sup> e *PsycInfo*. (FIGURA 01).

Na segunda etapa, foram elencadas estratégias de buscas por período de publicação, tipo de escrita<sup>20</sup> dos termos-chave e escolha do idioma – Português e/ou Inglês. Houve organização em planilhas das informações dos estudos encontrados referentes ao tema, como o nome do banco de dados, espécie de trabalho, nome do periódico, título, endereço eletrônico da pesquisa, ano de publicação, área, local de produção e data da busca. Em seguida, promoveu-se o arquivamento dos artigos em pastas relacionados a cada termo-chave. (FIGURA 02).

Por fim, a terceira etapa correspondeu às informações referentes às pesquisas selecionadas e para isso, além da organização acima, houve a complementação na planilha com o nome dos autores, assunto principal, objetivos do estudo, metodologia empregada e resultados. Houve a construção de critérios

---

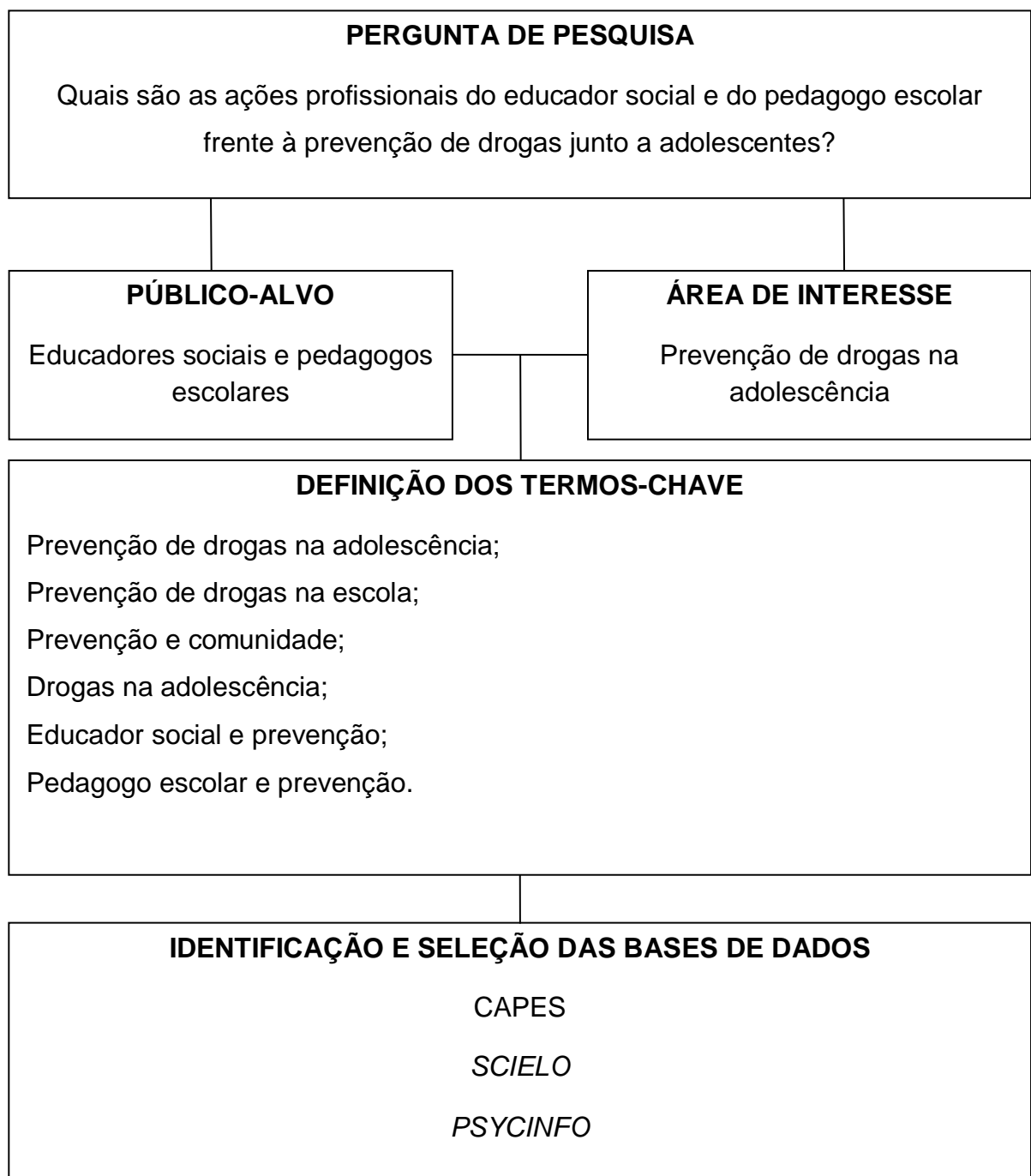
<sup>18</sup> O tipo de escrita corresponde ao modo de escrita no campo de busca, referindo-se a letras maiúsculas e/ou minúsculas dos termos-chave.

<sup>19</sup> *Scientific Electronic Library Online*: biblioteca eletrônica que oferta coleções completas de pesquisas científicas em periódicos brasileiros. (SCIELO, 2014).

<sup>20</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é uma ferramenta produzida pelo Ministério da Educação (MEC) para a ampliação da pós-graduação *stricto sensu* (nível de mestrado e doutorado) no Brasil. (CAPES, 2008).

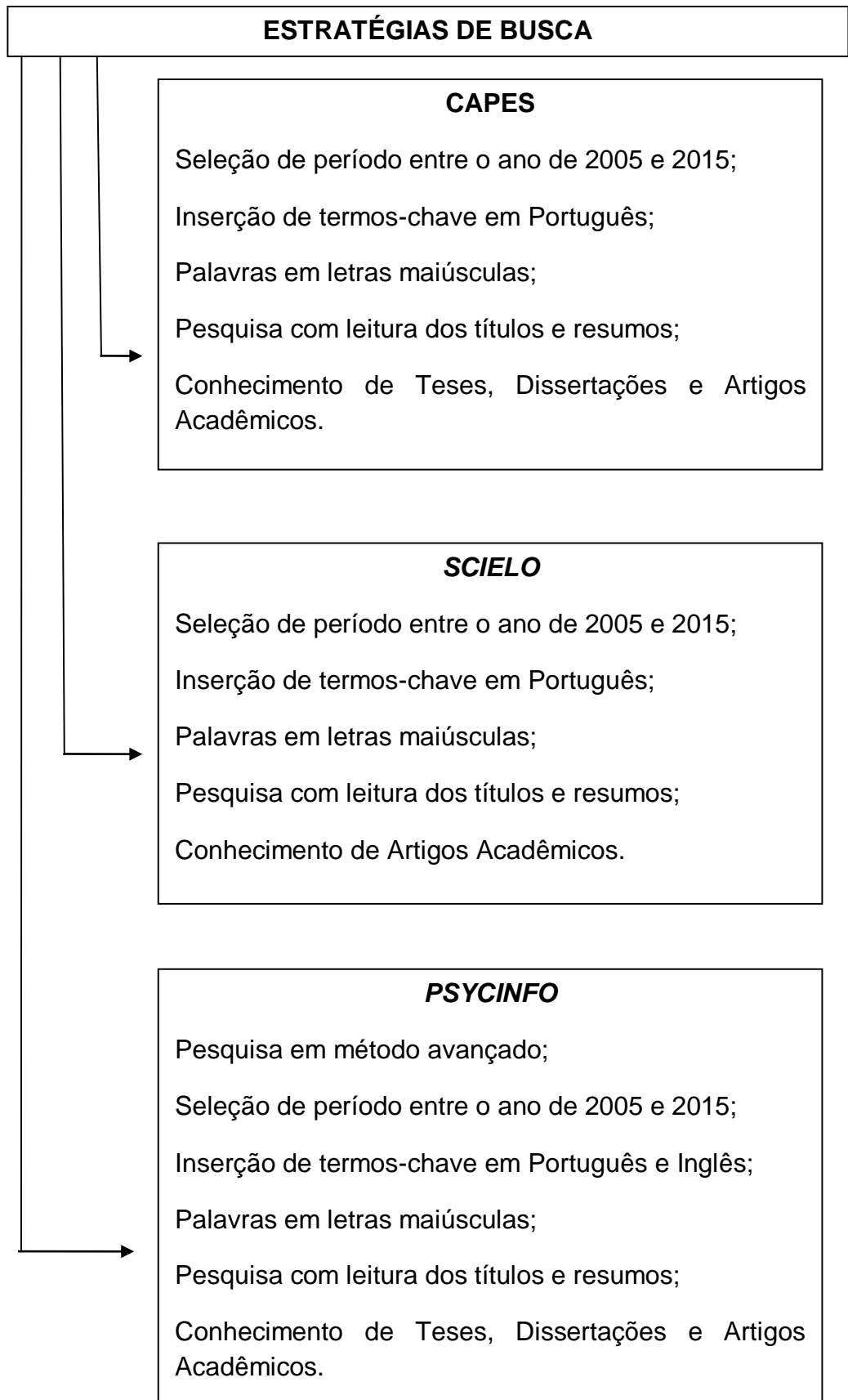
específicos para a seleção das pesquisas que mais se aproximavam com o tema escolhido, filtrando os artigos relacionados ao contexto do pedagogo escolar e do educador social e excluindo os estudos que não estavam dentro da temática da educação, arquivando em outra pasta de seleção e, posteriormente, a realização de uma leitura aprofundada.

FIGURA 01 – ORGANIZAÇÃO DA PRIMEIRA ETAPA DA CONSTRUÇÃO DA REVISÃO SISTEMÁTICA



Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2015).

FIGURA 02 – ORGANIZAÇÃO DA SEGUNDA ETAPA DA REVISÃO SISTEMÁTICA



Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2015).

Na busca por Dissertações e Teses no banco de dados CAPES, foram encontrados **667** produções entre os períodos de 2005 a 2014. Na primeira etapa de análise houve a leitura dos títulos e a escolha de **178** estudos, excluindo os demais que não possuíam relação com a temática.

Na segunda etapa, retirando as produções que eram similares, foram lidos os resumos e separados **86** documentos. Na terceira fase, com aproximação ao tema, **21** teses e dissertações foram escolhidas e lidas na íntegra, compondo-se das seguintes áreas de conhecimento: 16 Educação, 02 Psicologia, 03 Saúde (pública e coletiva). Nesses **21** estudos, **08** são artigos advindos dos Bancos de Dados *Scielo* e *PsycInfo*, **11** estudos de mestrado e **02** de doutorado entre os anos de 2005 a 2014 (QUADRO 01).

**QUADRO 01 – ORGANIZAÇÃO DO RESULTADO DAS BUSCAS NO BANCO DE DADOS CAPES – DISSERTAÇÕES E TESES**

DESCRIPTOR	TOTAL GERAL	2ª ETAPA	3ª ETAPA	4ª ETAPA	Área de produção dos selecionados	Ano
Prevenção de drogas na adolescência	29	26	15	01	Saúde Coletiva	2011
Prevenção de drogas na escola	39	37	16	05	Educação	2005 2008 2011 2012
Prevenção e Comunidade	443	25	11	02	Educação Saúde Pública	2012 2013
Drogas na Adolescência	149	84	40	09	06 Educação 02 Psicologia 01 Saúde Coletiva	2005 2006 2007 2009 2010 2012
Social Educator and Prevention	04	04	02	02	Educação	2009 2010
Pedagogue and Prevention	03	02	02	02	Educação	2014

<b>TOTAL</b>	<b>667</b>	<b>178</b>	<b>86</b>	<b>21</b>	<b>02 Saúde Coletiva</b> <b>16 Educação</b> <b>01 Saúde Pública</b> <b>02 Psicologia</b>	<b>2005</b>
						<b>2006</b>
						<b>2007</b>
						<b>2008</b>
						<b>2009</b>
						<b>2010</b>
						<b>2011</b>
						<b>2012</b>
						<b>2013</b>
						<b>2014</b>

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2016).

Observa-se que dos **667** trabalhos encontrados, apenas **18** possuíam alguma relação com a área da educação, o que denota, nessas bases de dados, uma moderada produção na temática. Percebe-se que a Psicologia e a Saúde coletiva são as áreas que mais oportunizam publicações, no âmbito de prevenção e comunidade e sobre as drogas na adolescência.

Em uma quarta etapa (QUADRO 02), houve a escolha dos estudos que se aproximavam com a temática da Pedagogia e da Educação Social, selecionando **03** produções que se apresentam em bases de dados internacionais (Noruega, Espanha e Portugal). Compondo-se de áreas da Educação e Trabalho Social, dois são artigos científicos e uma dissertação de mestrado com temas e participantes diferentes.

**QUADRO 02 – TESES E DISSERTAÇÕES DO BANCO DE DADOS CAPES APROXIMADOS À TEMÁTICA DA PESQUISA**

DESCRIPTOR	TEMA	INSTRUMENTOS	PARTICIPANTES	RESULTADO	AUTOR/ANO
Pedagogo escolar e prevenção	The subject component of the system of prevention of children's addictive Behavior	Análise teórica, síntese de fontes de literatura	Docentes e crianças	Os resultados apresentaram a necessidade de suporte teórico aos profissionais atuantes na infância e adolescência para o trabalho de prevenção e resolução de problemas sociais.	ZOLOTOVA, Hanna (2014)

Pedagogo escolar e prevenção	A Educação Não Formal na prevenção dos problemas ligados ao álcool	Aplicação de questionário e observação	25 adolescentes – 10 do sexo masculino e 15 do sexo feminino	Os resultados apontaram que ainda não há eficácia dos profissionais da Educação Não-Escolar ao atuar na superação ao uso de drogas na adolescência, surgindo a necessidade de investigações e conhecimentos, para futuramente a proceder com intervenção preventiva mais eficaz.	NUNES, Tatiana; TEIXEIRA, Diogo; COELHO, Fiipa (2014)
Educador Social e prevenção	The social educator as an actor within drug related care	Análise teórica, síntese de fontes de literatura	Educadores sociais	Os resultados demonstraram que os educadores sociais possuem dificuldades e falta de suporte técnico ao atuar no superação do abuso de substâncias.	JUBERG, Mai-Lene (2009)

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2016).

As pesquisas selecionadas no banco de dados da CAPES (Quadro 02) apresentam metodologias distintas: duas desenvolvidas por meio de investigação bibliográfica e uma com aplicação de questionários e observação. Dos três estudos, um apresenta o educador social e as suas dificuldades diárias e as demais, mesmo não debatendo diretamente sobre o pedagogo, revelam que crianças e adolescentes necessitam de suporte para dialogar sobre prevenção e abuso de drogas na escola com seus professores. Todas revelam que a possível ineficácia das ações dos educadores sociais e escolares advém das suas dificuldades ao trabalhar com prevenção do abuso de drogas, que por sua vez, culmina com a ausência de formação e suporte técnico para atuação na infância e adolescência.



As pesquisas expressam a importância do fortalecimento de vínculos e a segurança no educador social e nos professores, porém, não possuem abertura para dialogar sobre abuso de drogas devido ao não preparo profissional. Ao mesmo tempo em que expressam a necessidade de aprendizagem na área, também salientam a relevância do trabalho do profissional da Educação Social para a educação preventiva e para as demandas da infância e adolescência. Na busca de proporcionar um trabalho amplo por meio da formação humana, os professores e educadores sociais poderão sensibilizar os sujeitos na construção de seus projetos de vida, na elaboração de estratégias para a superação de desafios e a possibilidade de promover interações sociais. (ZOLOVOTA, 2014; NUNES; TEIXEIRA, COELHO, 2014; JUBERG, 2009).

Para a promoção da socialização e da construção da consciência de sujeitos de direitos, reforcem que as vivências do cotidiano poderão se tornar ferramentas auxiliaadoras para a construção de planejamentos individuais e coletivos. Dessa maneira, como agentes inspiradores, oportunizarão aos adolescentes reflexões sobre sua postura e o desenvolvimento da autonomia, no intuito de compreender suas potencialidades e construir alternativas de superação às dificuldades. (NUNES; TEIXEIRA, COELHO, 2014; JUBERG, 2009).

Com a continuidade das buscas pelos estudos voltados ao educador social e ao pedagogo escolar, no banco de dados *SciELO* encontrou-se o total de **265** artigos científicos entre os períodos de 2005 a 2015. Em uma segunda etapa, como critério de exclusão de artigos, houve a remoção dos estudos que não contemplavam o período de publicação escolhido (entre 2005 e 2015) e a não compatibilidade com os termos-chave. Nesta fase, permaneceram **104** pesquisas e todas apresentavam o contexto das drogas/adolescência. A terceira etapa correspondeu à separação de artigos científicos similares a outros bancos de dados para a não duplicação de estudos. Como não ocorreram repetições, permaneceram nesse processo as **104** produções.

Compondo então a quarta etapa com a escolha das pesquisas que se aproximavam com o tema, por meio da leitura dos resumos, permaneceram para análise **14** artigos lidos na íntegra, sendo 07 da área de Educação, 01 Educação Tecnologia, 02 Enfermagem, 01 Psicologia, 01 Saúde e 02 Saúde Coletiva. Nesse último passo foram constatados que essas 14 produções encontravam-se nos

períodos entre 2005 a 2015, com a exceção dos anos de 2010 e 2014 (QUADRO 03).

**QUADRO 03 – ORGANIZAÇÃO DO RESULTADO DAS BUSCAS NOS BANCOS DE DADOS SCIELO**

DESCRIPTOR	TOTAL GERAL	2ª ETAPA	3ª ETAPA	4ª ETAPA	Área de produção dos selecionados	Ano
Prevenção de drogas na adolescência	18	13	13	1	Educação	2013
Prevenção de drogas na escola	19	19	19	10	04 Educação 01 Educação e Tecnologia 02 Enfermagem 01 Psicologia 01 Saúde 01 Saúde Coletiva	2005 2006 2007 2008 2011 2012 2013
Prevenção e Comunidade	162	20	20	01	Educação	2012
Drogas na Adolescência	65	51	51	01	Saúde Coletiva	2011
Social Educator and Prevention	01	01	01	01	Educação	2015
Pedagogue and Prevention	00	00	00	00	--	--
TOTAL	265	104	104	14	07 Educação 01 Educação e Tecnologia 02 Enfermagem 01 Psicologia 01 Saúde 02 Saúde Coletiva	2005 2006 2007 2008 2011 2012 2013 2015

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2016).

Salienta-se a discussão de que a maioria dos estudos não estão voltados ao âmbito educacional, observando no Quadro 03 do banco de dados SciELO a prevalência da área da Saúde (Enfermagem, Psicologia, Saúde Coletiva), apresentando dos **265** artigos científicos apenas **08** no campo da educação. Embora esses 08 estudos possuam uma interface educacional, estão situados em pesquisas e periódicos da área da saúde, apresentando um número restrito de produções.

Como quinta etapa (QUADRO 04), houve a escolha das obras que se aproximavam com a temática da pesquisa, selecionando **04** artigos, três de origem brasileira e uma espanhola. Compondo-se de áreas da Comunicação, Saúde e Educação, Educação Escolar e Psicologia, três são artigos científicos e uma dissertação de mestrado com temas e participantes distintos.

**QUADRO 04 – ARTIGOS CIENTÍFICOS DO BANCO DE DADOS SCIELO APROXIMADOS À TEMÁTICA DA PESQUISA**

FOCO	TEMA	INSTRUMENTO	PARTICIPANTES	RESULTADO	AUTOR/ANO
Educação Escolar	Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador	Grupos focais, encontros de formação e questionários	25 professores	Resultados destacam que a formação em prevenção do abuso de drogas modifica percepção dos educadores	MOREIRA, André; VÓVIO, Claudia Lemos; MICHELI, Denise (2015)
Educação Não Escolar	Centros De Día De Atención A Menores: Competencias Del Educador Social Como Figura De Referencia	Entrevistas semiestruturadas	25 adolescentes de 13 a 17 anos e 19 famílias	Os resultados apontaram que as intervenções promovidas e fundamentadas na Educação Não Formal não contribuíram para os padrões de consumo de drogas na adolescência	MINGUEZ, Jesús García; RAMOS, Juan Manuel Sánchez (2010)

Educação Escolar	As Drogas Segundo A Percepção De Professores E Alunos Do Ensino Fundamental	Entrevistas, questionários e grupos focais	48 alunos de 12 a 16 anos de ambos os sexos e 08 professores do ensino fundamental	Os resultados discutidos revelaram a carência de conhecimento e dificuldade de atuação por parte dos professores em relação às drogas e suas características	KAPPANN, Jair Izaías (2005)
Educação Escolar	Representações Sociais De Professores Sobre O Uso Abusivo De Álcool E Outras Drogas Na Adolescência: Repercussões Nas Ações De Prevenção Na Escola	Entrevistas semiestruturadas	32 professores de escolas públicas	Os resultados apresentaram que os docentes possuem visão estigmatizante sobre a adolescência e o uso de drogas, dificultando o diálogo sobre prevenção	ARALDI, Jossara Cattoni; NJAINE, Kathie; OLIVEIRA, Maria Conceição de; GHIZONI, Angela Carla (2012).

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2016).

As pesquisas selecionadas no banco de dados *SciELO* (QUADRO 04) apresentam diversos instrumentos e métodos para coleta de dados: entrevistas, grupos focais, questionários e encontros de formação. Dos quatro estudos, nenhum menciona o trabalho do Pedagogo. Três pesquisas abordam professores que atuam junto à adolescência e um que apresenta o educador social e seu contexto de prevenção e abuso de drogas. Além dos profissionais, algumas pesquisas também utilizaram como participantes os adolescentes e suas famílias.

Esses estudos apresentaram que não se aborda o tema de prevenção do abuso de drogas nos cursos de formação, nem na elaboração dos projetos políticos pedagógicos dos espaços. Expõe-se que ausência de conhecimento sobre as substâncias e o processo de desenvolvimento humano dificultam as ações dos profissionais. Assim, salienta-se que, muitas vezes, o pouco conhecimento da área advém da mídia, possibilitando, na perspectiva dos autores, concepções disseminadoras de preconceito. (KAPPAN, 2005; ARALDI *et al*, 2012; MOREIRA; VOVIO; MICHELI, 2015).

Os estudos reforçam a escassa oferta de formação, o não conhecimento e as dificuldades dos educadores sociais e professores ao dialogar e atuar na superação

do abuso de drogas na infância e na adolescência. No que tange às pesquisas com adolescentes e suas famílias, o cenário se repete. Ambos não possuem orientações para trabalhar com prevenção e a superação da problemática envolvendo substâncias psicoativas na adolescência.

Por tratar-se de uma temática complexa, as pesquisas revelam a necessidade de aprofundar formações e discussões para a prevenção do abuso de drogas, superação de problemáticas e a promoção da qualidade de vida. Tanto para a atuação do educador social, quanto dos professores, destaca-se a valorização do ambiente, das necessidades e das potencialidades dos adolescentes, em que, por meio do conhecimento, há grandes chances de reduzir a experimentação das substâncias. (ARALDI *et al*, 2012; MINGUEZ; RAMOS, 2010).

Para auxiliar as reflexões e ações na área de prevenção, alguns estudos apontam estratégias abrangentes envolvendo a parceria entre a família, as instituições escolares e não escolares e a comunidade de uma maneira em geral. Sugere-se a reestruturação das políticas públicas, da discussão sobre a saúde, o trabalho, a educação, a cultura, a ética, visando todas as dimensões do desenvolvimento humano. (KAPPAN, 2005; ARALDI *et al*, 2012; MOREIRA; VOVIO; MICHELI, 2015; MINGUEZ; RAMOS, 2010).

Ademais, os autores destacam a importância do educador social e dos professores como referências positivas aos adolescentes, proporcionando o fortalecimento de vínculos, novas relações, constituição de redes de apoio e a construção da consciência que são agentes de transformação da sociedade. Assim, complementam a relevância da sua prática com a formação inicial e continuada com ênfase no perfil dos públicos com que atuam.

Com essas reflexões sobre os artigos encontrados no *SciELO*, houve a pesquisa em uma terceira plataforma, o banco de dados *PsycInfo*. Foram identificados na primeira busca um total de **3959** artigos científicos. Com o estabelecimento de uma segunda etapa de seleção, utilizou-se dois critérios de exclusão: estudos que não correspondiam entre os anos de 2005 a 2015 e os que não possuíam relação com os termos-chave, restando assim, **67** produções com leitura na íntegra. Como terceira e última etapa, verificou-se as pesquisas que se aproximavam ao tema, configurando-se 01 na área da saúde, 04 Educação e 01 Psicologia, totalizando para a análise **06** artigos entre os anos de 2008 a 2010. (QUADRO 05).

**QUADRO 05 – ORGANIZAÇÃO DO RESULTADO DAS BUSCAS NOS BANCOS DE DADOS *PSYCINFO***

<b>DESCRIPTOR</b>	<b>TOTAL GERAL</b>	<b>2ª ETAPA</b>	<b>3ª ETAPA</b>	<b>Área de produção dos selecionados</b>	<b>Ano</b>
Prevenção de drogas na adolescência	2771	07	01	Saúde	2008
Prevenção de drogas na escola	65	32	02	Educação	2008 2009
Prevenção e Comunidade	01	-	00	-	-
Drogas na Adolescência	1120	26	02	Educação	2008 2009
Social Educator and Prevention	02	02	01	Psicologia	2010
Pedagogue and Prevention	-	-	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>3959</b>	<b>67</b>	<b>06</b>	<b>Educação Saúde Psicologia</b>	<b>2008 2009 2010</b>

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2016).

Outro fator para análise está relacionado aos artigos científicos encontrados no banco de dados *PsycInfo*, observando no Quadro 05 que das **3959** produções, apenas 04 estão vinculadas à educação e aos termos-chave utilizados. Com a promoção das leituras na íntegra, constatou-se que dos 06 escolhidos na terceira etapa, apenas um estudo está aproximado da temática discutida, realizado no ano de 2005 sob o olhar da Psicologia, com origem brasileira.

O Quadro 06 demonstra que essa pesquisa, ao promover análise dos discursos de 108 adolescentes sobre suas histórias de vida, apresenta que 03 destacaram a escola como precursora de referências positivas, onde o professor oferece alternativas de socialização distintas das vivenciadas no núcleo familiar.

**QUADRO 06 – ARTIGO CIENTÍFICO DO BANCO DE DADOS *PSYCINFO* APROXIMADO À TEMÁTICA DA PESQUISA**

FOCO	TEMA	INSTRUMENTOS	PARTICIPANTES	RESULTADO	AUTOR/ANO
Psicologia	Desenvolvimento escolar e abuso de drogas na adolescência	Histórias de vida	13 adolescentes do sexo feminino e 95 do sexo masculino	Das 28 autobiografias analisadas, apenas três declararam referências positivas na escola, reforçando a necessidade de formação dos docentes para superação do abuso de drogas na adolescência	BAHLS , Flávia Rocha Campos; INGBERMAN, Yara Kuperstein (2005)

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2016).

Privadas de experiências consistentes na família e na comunidade, a instituição escolar torna-se ambiente de apoio aos adolescentes para incentivo do autovalor e assertividade. Nesse contexto é que surge a necessidade da formação dos profissionais que atuam nesses espaços para os reforços das ações positivas. Salientado por Bahls e Ingberman (2005, p.401), “tal propósito requer o investimento em qualificação de educadores e uma política educativa que possa lidar com os “alunos difíceis”, que talvez sejam os que mais precisem de uma escola que não rejeite ou expulse, mas que enfrente o desafio”.

A pesquisa de Bahls e Ingberman (2005) não mencionam o pedagogo escolar, tampouco o educador social. Porém, com a análise dos dados baseados nas histórias de vida dos adolescentes, constatam que os profissionais com quem possuem contato, exercem função de referência para a superação de conflitos e a construção de sua identidade. É por meio desse contato que o educador poderá possibilitar a prevenção do abuso de drogas, destacando a importância do seu preparo teórico para efetivação da prática.

De modo geral, obtendo visão panorâmica da revisão dos artigos dos bancos de dados *Scielo* e *PsycInfo* e de teses e dissertações da CAPES, ressalta-se que nessas três plataformas há escassa promoção de estudos focados no trabalho do pedagogo escolar e do educador social sobre o olhar da prevenção do abuso de

drogas na adolescência no período estudado. Há existência de outros bancos de dados, mas, com base nos escolhidos, que normalmente são utilizados para o campo da educação no Brasil, houve a constatação dessa escassez de produções na temática da pesquisa.

Observa-se que a maioria das pesquisas analisadas aborda o tema voltado ao adolescente e não ao profissional que com ele atua. Ocorre desse modo a inferência de que o tema de prevenção de drogas na escola compõe direcionamento apenas à atuação do docente em sala de aula, uma vez que é esse profissional que atua diretamente com o discente no cotidiano. Assim, ocasiona-se o questionamento se os professores efetivamente se encontram preparados para lidar com esse assunto na escola, obtendo como base as formações continuadas desenvolvidas a eles.

Questiona-se também o pedagogo escolar: será que esse profissional possui preparo/formação e, posteriormente, sente-se a vontade para dialogar sobre prevenção do abuso de drogas na adolescência? Ele dispõe de suporte suficiente para supervisionar o trabalho de um docente, se ele mesmo não está sensibilizado para tal? Demonstra preparação, assim como o educador social, visto que as políticas públicas tanto de educação, quanto no âmbito social, nem sempre foram previstas na área da prevenção, sendo direcionadas com maior ênfase ao campo do tratamento e encaminhamentos clínicos?

Diante dessas inquietações advindas das lacunas encontradas nos estudos, corrobora-se na pesquisa a percepção de que ainda estão vinculados à questão da saúde e, pouco atrelados aos assuntos da escola e do espaço não escolar.

Além da escassez de estudos, das pesquisas analisadas, observa-se que com relação às produções, especificamente, nos períodos de 2009 e 2010. Há um ápice na produção de estudos por volta de 2011, o que permite inferir que durante essa época, o contexto e as influências advindas da sociedade motivaram a organização de artigos devido a criação do Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas (2010), denominado “Plano Crack, é preciso vencer”. Organizado para contemplar a maioria das áreas do poder público, essa iniciativa de plano promoveu o estímulo às instituições e programas a trabalhar a temática, suscitando discussões e estudos mais relevantes ao Programa de Prevenção ao Uso de Drogas na Escola, Programa de Prevenção na Comunidade, Comunicação e



Campanhas Publicitárias e reorganização das ações dos Centros Regionais e Referência (CRRs).

As produções que foram analisadas demonstraram a necessidade da capacitação dos agentes escolares e não-escolares, percebendo suas ações relevantes no campo da infância e adolescência. Para isso, tanto o educador social, quanto o pedagogo (que supervisiona as ações dos docentes), precisam ser ouvidos, compreendendo seus procedimentos e concepções sobre o abuso de drogas nessa etapa de vida. A fim de auxiliá-los nas medidas de prevenção do abuso de drogas nos espaços de interação, compreende-se que necessitam de suporte para o processo de compreensão sobre cognição, aprendizagem e desenvolvimento humano.

No âmbito da investigação, a área da educação está avançando, mas, ainda há prevalência das outras áreas. Assim, permite-se reforçar a importância da presente pesquisa e a preocupação em possibilitar a sensibilização e discussão sobre esses profissionais que exercem práticas voltadas à garantia de direitos humanos, especialmente abordando aqueles que estão diretamente ligados às problemáticas envolvendo a prevenção do abuso de substâncias.

Diante disso, com o intuito de expor e discutir a pesquisa de campo promovida com educadores sociais e pedagogos escolares relacionados à prevenção do abuso de drogas na adolescência, a seguir apresenta-se conceitos que integram essa temática.

### 3.2 PREVENÇÃO DO ABUSO DE DROGAS

O ato de prevenir faz referência às medidas e ações para evitar riscos e/ou danos. No contexto da presente pesquisa, a prevenção parte da percepção dos limites, abrangências, necessidades e conhecimentos históricos, culturais, econômicos, políticos dos sujeitos. Há relevância da compreensão da realidade e diversidade de pensamentos, contextos, relações e influências do ser humano para atuar com eficácia, pois, “se a prevenção é voltada para pessoas, é verdadeiro pensar que cada grupo de pessoas poderá ter uma estratégia de prevenção diferenciada”. (ASINELLI-LUZ, 2000, p. 51).

É um conjunto de valores, atitudes, ações, que uma comunidade adota, baseada em sua história, e no conhecimento científico, para se antecipar aos problemas, num esforço para evitar a ocorrência de fatos indesejáveis, reduzir a incidência ou o índice de ocorrência de novos casos, usando estratégias educacionais para a valorização do ser humano.(ASINELLI-LUZ, 2014, pg. 394).

Para atuar com prevenção, faz-se necessário voltar o olhar para o ser humano: seu contexto, tempo, relações, cultura, valores, influenciam diretamente seu comportamento e construção da personalidade. Para Costa (1997), a prevenção precisa ser compreendida como presença educativa, ou seja, promover diálogos e ações voltadas ao sujeito e para suas dimensões (biológica, social, política, econômica, cultural).

O intuito é contemplar as necessidades e potencialidades por meio da educação, cuidar e promover referências criativas, solidárias e construtivas aos sujeitos. Para Asinelli-Luz (2014), ao dialogar sobre prevenção do abuso de drogas, é relevante assumir atitudes pautadas no desenvolvimento humano, baseadas na valorização da experiência e história de vida. O foco deverá ser a pessoa, não a substância.

Pensar em prevenção do abuso de drogas é estar envolvido humanamente em todos os conceitos que levam ao consumo e às possibilidades de superação sem a ênfase na proibição do uso. De acordo com Asinelli-Luz (2000), deve-se discutir a droga como um produto, oportunizando destaque no sujeito e no seu contexto social e histórico e percebendo os fatores que incentivam o adolescente a entrar em contato com as substâncias psicoativas. Nessa perspectiva, o olhar deve-se voltar a todas as influências que ocorrem na adolescência, considerando desde as mudanças biológicas, até as interferências dos grupos sociais, resgatando a origem dos problemas para então possibilitar soluções: “a prevenção, para que se antecipe aos problemas, exige um planejamento à partir do conhecimento histórico e cultural da clientela a quem o programa se dirige”. (ASINELLI-LUZ, 2000, p. 51).

A chave da prevenção é problematizar e não banalizar, tornando fundamental as discussões sobre o desenvolvimento humano, na compreensão das diversas dimensões do ser (biopsicossocial), suas relações e complexidade. Se um dos motivos da prevenção está relacionado ao abuso de drogas, deve-se também dialogar sobre o que elas (drogas) são e a maneira como afetam o contexto, as características, as relações e a personalidade humana.

As drogas são substâncias psicoativas, naturais ou sintéticas, que atuam no Sistema Nervoso Central (SNC). No corpo humano, são classificadas, normalmente, em três esferas distintas: as drogas Psicolépticas (depressoras do SNC) que diminuem a resposta da atividade mental, as drogas Psicoanalépticas (estimulantes do SNC) aumentam a capacidade de resposta e as drogas Psicodislépticas (alucinógenos, perturbadoras ou desestruturantes do SNC) que interferem na percepção da realidade. (ASINELLI-LUZ, 2014).

Devido às suas propriedades, ocasionam interferências no comportamento do sujeito, em seu estado emocional, em suas sensações e percepções. Somado a fatores agressores e estressores<sup>21</sup>, expõem o sujeito a fatores de risco, causando prejuízos individuais, sociais, familiares e em alguns casos, dependência química. Não há possibilidade de prever e padronizar as suas consequências, pois, seus efeitos variam conforme as características do usuário<sup>22</sup>, da substância e do contexto em que está inserido. (ASINELLI-LUZ, 2014).

Relacionada à saúde do sujeito, a droga possui um contexto na área clínica, pelo fato da importância às suas características, estímulos de comportamento, tratamento e fisiologia. Porém, ao discutir a temática, se reconhece a complexidade relacionada ao abuso das drogas, que perpassa os campos da medicina, causando forte impacto em outras áreas: segurança, educação, política e economia. Moreira, Vóvio e Micheli (2015, p. 122) salientam que “[...] a prevenção ao consumo abusivo de drogas será tanto mais efetiva quanto mais considerar a diversidade de fatores a ele atrelados, em especial a dimensão sociocultural do problema, superando assim um olhar estritamente médico-biologizante”.

Em um histórico milenar das civilizações, a droga revela influências em muitos contextos, modificando e constituindo mitos, rituais religiosos, culturas e crenças da sociedade, obtendo padrões de uso que foram permitidos legalmente (lícitos) e que, na atualidade, são considerados proibidos (ilícitos). Associada à busca pelo prazer, cura de doenças, incentivo à atividade intelectual, poder, rituais religiosos, melhor desempenho (lutas, vida sexual, ocupação), estímulo para produções artísticas, as

---

<sup>21</sup> A droga, suas formas, tipos, modalidades e padrões de consumo, soma-se aos fatores agressores e estressores da vida, como a fome, a poluição ambiental, as violências, a desigualdade social, o trânsito, os agrotóxicos, a competitividade, o consumismo, a vida sedentária, a exclusão social, o esgotamento dos recursos do planeta, a superpopulação mundial, enquanto buscamos a sustentabilidade social e planetária. (ASINELLI-LUZ, 2014, pg. 380).

<sup>22</sup> Pessoa que faz uso/abuso de substâncias psicoativas de abuso. O uso pode ser experimental, ocasional, frequente, pesado e abusivo, nem sempre resultando em dependência. (ASINELLI-LUZ, 2014, pg. 395).

substâncias sempre estiveram presentes na sociedade, movimentando o consumo e o comércio – legal e ilegal – gerando motivação para violência, crimes e conflitos familiares e sociais. (MOREIRA; VÓVIO; MICHELI, 2015; ASINELLI-LUZ, 2014).

A droga se adapta às realidades, estabelecendo padrões e normas próprias de consumo relacionadas aos fatores éticos, morais e econômicos. Devido à facilidade de acesso ao mais diversos públicos, configura-se democrática e universal. Nesse contexto, se reforça a importância e a necessidade da prevenção para conhecer a realidade e o problema, suscitar o diálogo e compreender os fatores atribuídos ao abuso de drogas.

Em geral, o abuso de drogas causa prejuízos a todos os seres humanos, seja no âmbito familiar ou social. Nas crianças e adolescentes, por serem sujeitos vulneráveis por sua natureza, essa situação se agrava. Devido às transformações, conflitos e construção de identidade, tornam-se ainda mais problemáticas: causando dificuldades, aflições e deficiências relacionadas aos fatores biológicos, psicológicos e sociais. Na condição de seres humanos, existem fatores que influenciam o seu ambiente, suas relações e seu desenvolvimento. (MOREIRA; VÓVIO; MICHELI, 2015; ASINELLI-LUZ, 2014).

Na adolescência, o abuso de drogas pode ocorrer por decorrência de diversos fatores<sup>23</sup>, de um desejo pessoal a uma necessidade social. É capaz de ser desencadeado devido às manifestações de curiosidade, poder ou fuga para os problemas, fortalecendo-se como um guia para a vida. A fim de valorizar o sujeito, sua história e antecipar problemas, a prevenção torna-se ferramenta fundamental para reduzir índices de risco ou danos à vida, potencializando sua eficácia aliada à educação. Nesse âmbito, Asinelli-Luz (2000) destaca a utilização da expressão “educação preventiva<sup>24</sup>” para as ações que possuem as características de formação humanizadora relacionadas à prevenção do abuso de drogas.

Educar para a prevenção é fazer escolhas e ter como foco a pessoa, é compreender os fatores e processos que promovam o desenvolvimento

---

<sup>23</sup> Os motivos pelos quais os jovens usam drogas já são bem conhecidos: fugir de problemas com a família/com os pais, querer ser aceito num grupo de amigos, experimentar sensações novas e gostosas, sentir-se mais solto, menos tímido, ir contra as regras da sociedade, escapar de pensamentos e sentimentos ruins, ficar mais à vontade em festas e programas, estudar e aprender com mais facilidade, fazer alguma coisa no tempo livre, aumentar a criatividade, se conhecer.(ASINELLI-LUZ, 2014, p. 392).

<sup>24</sup> Optou-se na presente pesquisa e utilizar a expressão “educação preventiva”, conforme salientado por Asinelli-Luz (2000).

humano integral, responsáveis por fortalecer e construir habilidades e competências nas pessoas. A prevenção promove o autoconhecimento e autoestima, o fortalecimento da identidade pessoal e cultural e o desenvolvimento da comunicação interpessoal. Propicia a vivência e reflexão a respeito de valores éticos universais e a sensibilização em questões de gênero e étnicas, além da resolução pacífica de conflitos. (ASINELLI-LUZ, 2014, p. 387).

Na compreensão de que os adolescentes são vulneráveis devido ao seu processo de construção de identidade e que prevenir é direcionar o olhar para a valorização do ser e de sua trajetória de vida, a seguir será apresentada a relevância da prevenção na adolescência.

### 3.2.1 Adolescência e Prevenção

Como o foco da presente pesquisa é conhecer as ações dos educadores sociais e pedagogos escolares na prevenção do abuso de drogas na adolescência, há necessidade de primeiramente compreender essa fase de vida e seu complexo processo.

Diversas definições sobre adolescência são elencadas nas áreas da saúde, educação e direito, todas de acordo com seus objetivos específicos relacionados a políticas públicas, pesquisas e programas. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência corresponde à idade cronológica de 10 a 19 anos, definida como o período de mudanças fisiológicas e corporais. Corresponde à ligação entre o desenvolvimento cognitivo, psicológico, social, emocional (base da saúde mental) e físico (desenvolvimento do cérebro, da sexualidade e da puberdade), constituindo-se de uma construção biológica e estruturação da personalidade. (OMS, 2014).

Na área da saúde, a adolescência é caracterizada como a segunda etapa de desenvolvimento, onde se continua a construção do potencial mental, social e físico após a infância. É um processo de comportamentos, oportunidades e ações que consolidarão a promoção da fase adulta por intermédio de posturas relacionadas à nutrição, saúde, estimulação mental e social para o desenvolvimento sadio do corpo. (OMS, 2014).

Do ponto de vista legislativo, considera-se o período da adolescência a fase cronológica entre doze e dezoito anos de idade incompletos, sob garantia da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). De

modo legal e objetivo, o ECA dispõe sobre a proteção integral e prioridade absoluta da criança e do adolescente sob a compreensão de que são sujeitos titulares de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana. Visa a proteção da integralidade moral, física e psíquica, para a constituição da autonomia da identidade por meio da promoção de ações protetivas das redes de atendimento especializado (constituídos pelo serviço público e a sociedade civil). (BRASIL, 2013).

Além das definições cronológicas instauradas na área da saúde e da legislação, há autores que destacam o aspecto social da adolescência, como um período que beneficia o adolescente e a sociedade por meio das atitudes e práticas questionadoras, críticas, ativas, que despertam discussões e modificações nos meios. Para Becker (2003), trata-se de uma longa e complexa fase, que considera a influência de fatores pessoais, familiares, sociais e culturais para a obtenção da construção enquanto sujeito.

A adolescência, assim como as outras etapas da vida humana, possui características específicas e determinantes nos espaços de interação social. Suscita facilidades e/ou dificuldades ao promover a criação e o fortalecimento da identidade em um determinado grupo. Busca estabelecer relações sociais de acordo com seu desenvolvimento. Para Vygotsky (1996), as influências externas de sociabilidade e de apropriação da cultura presente no território favorecem o progresso da linguagem, das expressões do pensamento e do incentivo ao protagonismo, bem como o processo de exposição de desejos e interesses do sujeito.

Nesse período, há a construção de responsabilidades, posicionamentos sociais, políticos, econômicos, despertando a necessidade de reflexão sobre as demandas que recorrem de frustrações, medo e insegurança. Assim, é por meio da vida social e das suas modificações no ambiente que são constituídos as condutas, as relações e a promoção da identidade individual, formando um complexo contexto de conexão, sinalização e condições de desenvolvimento cerebral, onde a atividade nervosa superior desperta as possibilidades de comportamentos. (VYGOTSKY, 1995).

A adolescência é caracterizada como uma fase de transformações, mudanças, crescimento e alcance de novas relações sociais. É nesse âmbito que o adolescente inicia um período de transição, tanto em aspectos naturais, biológicos, orgânicos, sociais e culturais, constituindo-se de uma longa e complexa construção. (Vygotsky, 1996).

Essa construção de identidade e de reconhecimento social torna o adolescente ainda mais vulnerável. Determinadas situações aumentam sua fragilidade e dependência adulta, “devido a sua condição de “pessoa em desenvolvimento”, o adolescente traz em si uma condição intrínseca de vulnerabilidade, necessitando assim, de proteção física, psíquica e moral, com atenção integral”. (PESSALACIA; MENEZES; MASSUIA, 2010, p. 424).

A vulnerabilidade, compondo-se de fragilidade, limitação e dependência, manifesta-se de maneira indissociável nos planos biológico, psicológico e social, onde não há consciência dos riscos em que pode-se estar inserido. Salienta-se a necessidade de abrir espaços de discussão sobre a saúde na adolescência, para que ocorra a possibilidade do compartilhamento de dúvidas e saberes, de maneira a prevenir doenças e gravidez precoce. A saúde coletiva dessa forma, auxilia na acolhida, acompanhamento e troca de informações entre profissionais e adolescentes, reconhecendo o direito à qualidade de vida e acesso à saúde, principalmente nas classes sociais menos favorecidas. (PESSALACIA; MENEZES; MASSUIA, 2010).

No plano psicológico, Romero (2009) destaca o surgimento da vulnerabilidade atrelada à ansiedade, estresse, depressão e/ou do reflexo do sistema orgânico. O ambiente físico poderá proporcionar o estímulo à aquisição de bens de consumo e divertimentos alienantes, de produção em massa. Há primazia de interesses materiais dominantes que acarretam em sujeitos com posição socioeconômica e não com qualificações intrínsecas.

Além dos fatores citados acima, Pessalacia, Menezes e Massuia (2010) ressaltam o suicídio, as psicoses, os transtornos alimentares e de conduta, epilepsia, diabetes e o abuso de substâncias psicoativas como problemáticas relacionadas à saúde mental dos adolescentes. Para superação, apontam a necessidade de elaboração de políticas públicas voltadas à compreensão do funcionamento psicológico, da prevenção e à intervenção das situações identificadas.

No plano social, a vulnerabilidade tem sido apontada na aceitação de vícios e injustiças do modelo econômico dominante, no desemprego e na falta de renda econômica (como desamparo) e no controle da consciência coletiva da elite para persuadir a população e promover as desigualdades e riscos sociais. Nos três âmbitos biológico, psicológico e social, algumas vias de superação da

vulnerabilidade humana são apontadas: proporcionar o desenvolvimento pleno do ser humano, minimizar expressões de desigualdade social, reorganizar a distribuição de riqueza, efetivar a democracia, potencializar a consciência e criticidade humana por meio da educação básica e modificar o papel da mídia para que proporcione a consciência crítica da coletividade. (ROMERO, 2009).

À medida que o sujeito torna-se capaz de reinterpretar as informações que lhe são postas socialmente e analisar as situações que o desprotegem, há maiores chances de superação dos conflitos. Nesse âmbito, reafirma-se a necessidade da educação preventiva, de proporcionar a construção da consciência da importância do desenvolvimento humano.

Nessa compreensão da importância da mediação no processo de construção e estabelecimento de sentimentos, ideias e comportamentos, o núcleo familiar, a escola, a comunidade e os outros espaços de interação precisam compreender essa etapa de desenvolvimento humano para possibilitar suporte e novas perspectivas de compreensão de ser humano e sociedade. Para Mascagna (2009), essa mediação torna-se fundamental a medida que o adolescente possui dificuldade ao obter diferença entre seus instintos e interesses, desconsiderando os fatores biológicos com o histórico/social. A mediação proporcionará a conexão entre os desejos e as necessidades biológicas do adolescente, relacionando o que é objetivo e subjetivo por meio das relações sociais, destacando que o contexto reforçará a construção do comportamento a medida que o ambiente interior se organiza.

[...] podemos observar como a maturação e o aparecimento de novas atrações e necessidades internas ampliam infinitamente o círculo de objetos que possuem força incitadora para os adolescentes, como esferas inteiras de atividade, antes neutras para eles, se convertem agora em momentos fundamentais que determinam sua conduta, como, a par do novo mundo interno, surge para o adolescente um mundo exterior completamente novo. (VYGOTSKY, 1996, p.24).

Nesse contexto de consolidação da personalidade dos adolescentes, as influências externas estão fortemente ligados à sua formação humana, surgindo então, alguns fatores de risco à esses sujeitos, como por exemplo, a exposição à violência (sexual, física psicológica, moral) e outros fenômenos que acarretam danos ao desenvolvimento pleno. Um desses fatores de violência está ligado ao abuso de drogas na adolescência, influenciando na construção das relações sociais, na constituição identitária, nos comportamentos e interesses, tornando-os cada vez



mais vulneráveis e expostos à outros riscos, como o tráfico e a exploração sexual. (IBGE, 2013).

No âmbito do abuso das drogas, o adolescente vivencia seus desejos e interesses, buscando o fortalecimento de seus vínculos grupais. É exposto por Schenker e Minayo (2005) como uma maneira de manifestar a experimentação em busca de compreensão enquanto sujeito, suscitando um caminho norteador para a construção de sua vida social e estabelecimento de sentido de existência.

Na complexidade do envolvimento da adolescência com as drogas, ocorre um processo de construção biológica, social e psicológica voltada para o reconhecimento de interação grupal e econômico, em que influencia fortemente nas suas construções como ser humano. A formação orgânico-biológica, segundo Vygotsky (1996), motiva diretamente as impulsões e desejos do sujeito, estabelecendo a formação da personalidade por meio das sensações e emoções ocasionadas pelo ambiente externo em recorrência de suas vivências familiares, escolares e comunitárias. Nessa perspectiva, busca-se a prevenção na adolescência vinculando-se à compreensão de ser humano histórico, social, psicológico, cultural e político, na sua valorização, concepção e construção. Permite-se os conhecimentos significativos para o desenvolvimento humano por meio de discussões sobre seus interesses, projeto de vida, dificuldades, angústias, salientando suas potencialidades ao invés de promover importância na droga. A partir do momento que se exclui o enfoque na substância (drogas) redireciona-se o olhar para o ser humano, a possibilidade de desenvolver o protagonismo e a superação das dificuldades por um modo mais eficaz e consistente. (ASINELLI-LUZ, 2000).

Diante da problemática envolvendo o abuso de drogas na adolescência, ocorre o fortalecimento da educação, do diálogo como foco na prevenção, com olhar para o sujeito e não para a substância. Torna-se necessário desenvolver estratégias preventivas relacionadas à melhoria da qualidade de vida dos adolescentes, à superação de suas dificuldades e a consciência das consequências de suas ações, destacando a comunicação como ferramenta relevante de prevenção aos riscos suscitados na adolescência. O exercício do diálogo, segundo Stoltz (2011), auxilia na construção da interpretação sobre o que é o sujeito e como se desenvolve, a medida que atribui significado aos seus comportamentos e ações. Por meio dessa internalização, desenvolvem-se as funções psicológicas internas, estimulando o compartilhamento de significados por meio a linguagem e a exposição de

sentimentos/ideais. Seguindo a compreensão da utilização do diálogo, para Leontiev (1991), o uso da palavra enquanto formação de conceitos – históricos, culturais e sociais - possibilita o desenvolvimento do intelecto, incorporando funções novas às já instituídas na construção do pensamento.

Portanto, a comunicação na prevenção do abuso de drogas torna-se nesse contexto uma das primeiras mediações a serem promovidas, tanto no ambiente familiar, quanto comunitário. Na escola, além do docente, o pedagogo escolar poderá auxiliar nesse processo, bem como o educador social no espaço não escolar. Ambos profissionais proporcionarão ao adolescente as conexões entre o conhecimento científico com suas experiências, desejos e conflitos enfrentados.

Para embasar essa afirmação, a seguir, será contemplado o conhecimento sobre esses profissionais, compreendendo-os como agentes multiplicadores e transformadores de realidades em todas as etapas de vida humana.

### 3.3 EDUCADOR SOCIAL E A PREVENÇÃO DO ABUSO DE DROGAS

Destaca-se o diálogo como uma das principais ferramentas de resgate de sujeitos advindos de vulnerabilidades e/ou riscos sociais. O profissional da Educação Social, o educador social, é compreendido como incentivador das mudanças de realidade. Atua no estímulo da consciência e atuação cidadã por meio da discussão sobre os direitos e deveres fundamentais, interação social e o desenvolvimento das potencialidades humanas, estando inserido nas diferentes modalidades e formas de escolarização. O trabalho dos educadores sociais vem pautando-se na garantia de direitos humanos e no incentivo da interação grupal, familiar e comunitária.

Devido às necessidades da sociedade, advindas das desigualdades sociais recorrentes de luta por poder e reorganização social, o educador social passou a ser considerado um agente promotor de ações de convivência e fortalecimento de vínculos. Ocasionalmente debates que permitissem a transformação do cunho assistencialista para a relevância em políticas públicas, passou a despertar a sensibilidade ao assumir responsabilidades acerca da grande problematização da Pedagogia Social (MACHADO, 2002).

A iniciativa de modificar o quadro atual da sociedade proporcionará que a instituição escolar deixe de ser o único espaço de intervenções e construções

coletivas, oportunizando outros meios para essas ações. Para isso, Machado (2002) salienta que os ambientes de atuação do educador social deverão ser bem estruturados fisicamente e, principalmente, que esses profissionais recebam formação de qualidade para enfrentar as problemáticas emergentes.

O educador social é um sujeito cada vez mais presente nas práticas de educação não formal no Brasil. A atuação é destacada no atendimento das demandas e necessidades das crianças e adolescente, população indígena, remanescentes quilombolas, população rural, mulher, idoso, população de rua, pessoas com deficiência e outros sujeitos que se encontram em vulnerabilidade e/ou risco social, bem como com seus direitos violados. (BRASIL, 2014b).

Oportunizando a discussão de direitos humanos em relação às realidades dos cidadãos, iniciou um processo de atuações fora do ambiente escolar, abrindo espaços dentro de Organizações Não Governamentais (ONG's), projetos sociais e comunidades que apresentavam necessidade de acolhida, escuta e incentivo ao protagonismo e à relação social. (GRACIANI, 2009).

Em síntese, o educador social atua em uma comunidade nos marcos de uma proposta socioeducativa, de produção de saberes a partir da tradução de culturas locais existentes, e da reconstrução e ressignificação de alguns eixos valorativos, tematizados segundo o que existe, em confronto com o novo que se incorpora (GOHN, 2009, p. 34).

No Brasil, o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), por meio do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), tornou-se o principal órgão público promotor de discussões sobre profissionalização do educador social. Possibilitou a construção de normas e resoluções operacionais, a fim de auxiliar a atuação desse profissional com todas as faixas etárias, priorizando o desenvolvimento humano em conjunto à interação social. (BRASIL, 2014b).

Por meio do Conselho Nacional de Assistência Social, na Resolução Nº 109, de 11 de novembro de 2009 que aprova a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, é de responsabilidade desse trabalhador executar serviços que contribuam para a superação de conflitos, fortalecendo e incentivando a proteção do sujeito e a sua participação no núcleo familiar e social. Para isso, desenvolverá seu trabalho dentro da Proteção Social Básica e da Proteção Social Especial, com responsabilidade de promover serviços voltados às ações preventivas. (BRASIL, 2009).

Na Proteção Social Básica, o educador executa ações para o desenvolvimento da assistência integral familiar dos sujeitos que se encontram em alguma situação de vulnerabilidade e/ou risco social. São destacadas como os contextos referentes à privação de interação familiar/comunitária, discriminação, pobreza, ausência de rendimentos econômicos ou qualquer existência de condição de ameaça ao desenvolvimento humano. (BRASIL, 2009).

Os espaços para contemplação de suas ações são variados, apresentando as ONG's, Centros de Convivência e Atendimento à Crianças, Adolescentes, Jovens e Idosos e/ou em Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), em que os educadores sociais executam o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Essa atuação é organizada para atingir todas as etapas de vida dos sujeitos, pautando-se nas especificidades de cada ciclo etário, contemplando a liberdade de expressão, a criatividade, criticidade, interação, de acordo com cada demanda. (BRASIL, 2009).

De acordo com a Tipificação Nacional de Serviços Sociassistenciais (2009), esse serviço torna-se um formato complexo de atuações, onde apresenta “intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais e coletivas, na família e no território”. (BRASIL, 2009, p.14).

Diferenciada da Proteção Social Básica, a Proteção Social Especial destaca o trabalho do educador social como profissional de apoio às demandas de violação de direitos, tanto no âmbito individual, quanto familiar. Desenvolve a acolhida de situações advindas de abuso sexual, violência (psicológica, moral, física), negligência abandono e maus-tratos. São atendimentos que poderão ser executados em casas lares, Centros de Referência Especializada da Assistência Social (CREAS), instituições de acolhimento, casas de apoio ou outros equipamentos que demandem atendimento especializado às indicações de risco social. (BRASIL, 2009).

Com exigência de escolaridade mínima de nível médio, o educador social realiza práticas coletivas com a promoção de espaços de convivência participativa e democrática. Para isso, desenvolve na Proteção Social planejamentos e avaliações aos grupos com que atua, conduzindo para o exercício cidadão e à participação comunitária. Além da função de mediador grupal, também poderá atuar com a

organização e monitoramento de oficinas com incentivo à cultura, esporte, lazer e à arte (BRASIL, 2014b).

É responsável pela criação de um ambiente de convivência participativo e democrático. É o profissional que acompanha e participa do planejamento, execução e avaliação do percurso do grupo, que conduz as atividades e está presente no cotidiano do grupo, responsável pela realização de oficinas de convívio, por meio de atividades de esporte, lazer, arte e cultura. Quanto a esta última função, pode-se contratar educadores específicos para a realização de oficinas, devido às especificidades exigidas para a atividade (BRASIL, 2014b, p. 6).

De modo geral, os educadores sociais atuam como agentes transformadores de realidades, desenvolvendo ações cotidianamente para exercício da consciência cidadã, autonomia, interação social, com base em discussões de temas emergentes de seu público. Há em sua rotina, a necessidade da escuta para compreender e ampliar o mundo simbólico e suas representações gestuais e lúdicas.

[...] de acordo com o seu âmbito preventivo, o educador social conduz o indivíduo com e para o qual trabalha a aprender a decidir autônoma e responsavelmente, a saber dizer não e manter-se fiel aos seus princípios; no âmbito de ajuda e de ressocialização [...]. (NUNES; TEIXEIRA; COELHO, 2014, p. 41).

O educador social possibilita incentivar um ambiente participativo e dinâmico, conduzido para a sensibilização das necessidades que surgem pelos participantes e pela comunidade. Para isso, utiliza-se de temas geradores relacionados à cidadania, política, cultura, economia, moral e bem-estar para o incentivo à resolução de problemas e no direcionamento que os sujeitos se tornem transformadores de suas próprias realidades. É um profissional que se faz presente em meio a conflitos de relações familiares e comunitárias, baixa autoestima, influências ao abuso de drogas, violação de direitos, desrespeito à natureza e aos seres humanos, isolamento social, entre outras problemáticas advindas de um histórico de sociedade repleto de injustiças e desordens sociais. (GOHN, 2009).

Com a complexidade das demandas advindas dos sujeitos, o educador social deverá conhecer que o processo de interação social não é constituído de forma linear, onde presenciará com um contexto de indagações, conflitos e surpresas que influenciarão seus comportamentos, reforçando a necessidade do trabalho com consciência e respeito. (GRACIANI, 2009).

O educador social possui importância na mediação de conflitos, na capacidade de ouvir e despertar o olhar para discutir as possíveis resoluções de problemas, estimulando o respeito e a consciência sobre as indagações. Desse modo, é um profissional que necessita de qualificação para atuar em diversos campos educativos – escolares e não escolares, na promoção de análises contínuas para compreender quem é o indivíduo com que atua e quais as suas demandas e especificidades. Refletir sobre o processo e suas posturas possibilitará a descoberta, a construção e a reconstrução de conhecimentos, tanto individuais, quanto coletivos. (PARREIRA; JOSÉ FILHO, 2010).

Nesse âmbito, atuar em espaços com desigualdades, riscos e vulnerabilidades sociais, requer conhecimentos e estudos voltados à compreensão de fatores econômicos, socioculturais, políticos e de contextualização comunitária, a fim de elaborar e desenvolver metodologias de ação. Assim, segundo Araujo e Luvizotto (2012), o educador social deverá utilizar-se de bases teóricas e práticas voltadas à formação integral do ser humano e às suas necessidades.

Salienta-se a necessidade de reorganizar as ações para o atendimento às demandas do quadro social existente, visto que o ambiente educacional – escolar e não escolar – apresentam meios de interação e possibilidade de solução de conflitos, que apresentam a relevância de qualificação para o educador social. Para isso, a formação inicial e continuada na área da Educação Social e da Pedagogia Escolar/Social tornam-se fundamentais para a descoberta, construção e reconstrução de saberes, promovendo análises e possibilidades de protagonismo e interação social.

### 3.4 PEDAGOGO ESCOLAR E A PREVENÇÃO DO ABUSO DE DROGAS

Além do educador social, outro profissional que atua constantemente com o diálogo é o Pedagogo (escolar e não escolar). Inserido em diversos espaços, esse profissional promove ações visando o estímulo da construção humana em respeito às suas etapas de desenvolvimento.

O pedagogo está inserido no campo da Pedagogia que, por sua vez, é compreendida como uma área do conhecimento que possibilita reflexões sobre a prática educacional, seus agentes e as relações sociais. Envolve ações voltadas aos

seres humanos pautadas no respeito e em seu desenvolvimento integral. Em 1930, com a necessidade da criação do Curso de Pedagogia, muitos debates foram oportunizados para a discussão sobre o papel e a formação do pedagogo, mantendo como foco principal o atendimento às demandas emergentes dos sujeitos. (LIBÂNEO, 2001).

Alguns anos depois, com a reorganização da educação brasileira, promoveu-se a criação de documentos normativos sobre o campo de atuação pedagógica, diversificando o trabalho desse profissional nos ambientes de interação social, apresentando diretrizes curriculares para o embasamento de suas práticas. Com isso, o campo da Pedagogia ampliou seu exercício, deixando de ser exclusivamente do espaço escolar, passando a ação educativa a qualquer espaço, a quem necessitar de práticas e aprendizagens humanas. (MACHADO, 2002).

A formação do pedagogo em espaços escolares e não escolares é embasado sob a interpretação da realidade educativa, na inter-relação entre os sujeitos e os espaços de relação social, partindo de uma complexidade entre todos os envolvidos no processo educativo (inacabável e transitório). (SÁ, 2008).

Com influência dos debates na área, em 2006, é aprovada as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, na Resolução CNE/CP Nº 1, homologada em 15 de maio do respectivo ano, salientando o contexto de planejamento, avaliação, ensino, princípios e procedimentos relacionados à formação do profissional.

O pedagogo escolar, constitui-se um profissional de múltiplas funções, atuando de maneira intencional na prática educativa. Por meio da construção de interações sociais em consonância com a realidade humana, salienta o conhecimento científico em relação aos valores éticos, culturais, estéticos, de construção da cidadania e desenvolvimento humano, desde o âmbito de gestão, assessoramento, coordenação ou execução direta com o público. (BRASIL, 2006).

No processo de desenvolvimento social e econômico do país, com a ampliação do acesso à escola, cresceram as exigências de qualificação docente, para orientação da aprendizagem de crianças e adolescentes das classes populares, que traziam, para dentro das escolas, visões de mundo diversas e perspectivas de cidadania muito mais variadas. De outra parte, a complexidade organizacional e pedagógica, proporcionada pela democratização da vida civil e da gestão pública, também trouxe novas necessidades para a gestão escolar, com funções especializadas e descentralizadas, maior autonomia e responsabilidade institucional. (BRASIL, 2006, p. 03).

Assim como a sociedade, os pedagogos necessitam acompanhar os avanços políticos, sociais e econômicos. Para isso, é essencial que discussões e debates sejam realizados para que a Pedagogia possibilite atingir cada vez mais indivíduos com processos de ensino de qualidade. Ademais, o pedagogo precisa estar atento para atuar em diversos espaços, e para isso, buscar formação na área humana, com intuito de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, com os sujeitos que historicamente são excluídos.

No Artigo 4º, parágrafo único, das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia (2006), há a apresentação da atuação do pedagogo em ambientes diferenciados das instituições escolares, ampliando a compreensão do seu papel:

01 - execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da educação; II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares; III - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares (BRASIL, 2006, p. 02).

Embora as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia demonstrem a expansão dos espaços de atuação do pedagogo e as atribuições ao seu cargo (planejamento, execução e avaliação de práticas em âmbito escolar e não-escolar), ainda não destacam especificamente a formação em prevenção do abuso de drogas, apenas orientação das funções administrativas dentro das instituições públicas e privadas.

O Plano Nacional de Educação (PNE) 2014/2024, sob aprovação da Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, é um instrumento de planejamento de metas e estratégias para melhorias das políticas públicas da educação brasileira. É um documento que expressa a importância da organização dos processos educacionais articulados com a realidade dos estudantes brasileiros. Assim, destaca-se a necessidade de valorizar e qualificar os docentes que com eles atuam, efetivando essa prática por meio do suporte pedagógico e multidisciplinar<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> Suporte multidisciplinar relacionado ao incentivo à assessoria, pesquisas e parcerias com profissionais das áreas de pedagogia, assistência social, saúde, psicologia para o apoio do trabalho dos docentes de educação básica. (BRASIL, 2014a).



Observa-se no plano que nas sugestões de melhoria de ensino, a maioria volta atenção para o docente de sala de aula, reforçando sua importância e necessidade de suporte técnico/pedagógico para a execução de suas práticas. Porém, evidencia-se que o pedagogo, agente fundamental para auxiliar nesse processo, não possui metas específicas para sua formação.

Referente à formação desse profissional, ocorre apenas a expressão de uma estratégia, a de modificação do curso de licenciatura. Em sua meta nº 13, em que sugere a ampliação da proporção dos mestres e doutores no corpo docente do ensino superior, destaca a estratégia de oportunizar a melhoria da qualidade do ensino do Curso de Pedagogia.

Estratégia 13.4: promover a melhoria da qualidade dos cursos de pedagogia e licenciaturas, por meio da aplicação de instrumento próprio de avaliação aprovado pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES), integrando-os às demandas e necessidades das redes de educação básica, de modo a permitir aos graduandos a aquisição das qualificações necessárias a conduzir o processo pedagógico de seus futuros alunos(as), combinando formação geral e específica com a prática didática, além da educação para as relações étnico-raciais, a diversidade e as necessidades das pessoas com deficiência. (BRASIL, 2014a, p. 76).

Em análise das estratégias da Meta 13, ressalta-se a formação no curso de Pedagogia com ênfase em temas de diversidade, pessoas com deficiência e relações étnico-raciais, não havendo em mais nenhuma página do plano a menção da importância e/ou necessidade de qualificação na área de prevenção do abuso de drogas. Possui o foco na formação do quadro de profissionais em sala de aula, para as demandas advindas dos futuros discentes, sem a especificidade dos temas a serem discutidos.

Em sua Meta nº 03, na qual pretende universalizar o atendimento escolar e elevar a taxa de matrículas, expõe a estratégia nº 3.8 voltada para a efetivação de ações aos estudantes beneficiários de programas de transferência de renda, compondo temáticas advindas das necessidades dos adolescentes e da sociedade.

Estratégia 3.8: estruturar e fortalecer o acompanhamento e o monitoramento do acesso e da permanência dos e das jovens beneficiários(as) de programas de transferência de renda, no ensino médio, quanto à frequência, ao aproveitamento escolar e à interação com o coletivo, bem como das situações de discriminação, preconceitos e violências, práticas irregulares de exploração do trabalho, **consumo de drogas**, gravidez precoce, em colaboração com as famílias e com

órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à adolescência e juventude. (BRASIL, 2014a, p. 54, grifo nosso).

De todo o plano, a estratégia nº 3.8 é a única que apresenta no documento menção sobre “consumo as drogas”. Com um viés restrito, delimita a ação com o público de beneficiários de programas de transferência de renda. Não ocorre em nenhum momento referência ao trabalho efetivo de educação preventiva ao abuso de drogas.

Além da observação do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014/2024, tem-se notado que nas propostas dos Cursos de Licenciatura de Pedagogia, apenas a Universidade Federal do Paraná oferta disciplina curricular sobre métodos e técnicas educativas sobre abuso de drogas<sup>26</sup>. A maioria das instituições de ensino superior ofertam essa temática especificamente em cursos de Psicologia e Medicina.

Analisando os “diários de bordos” apresentados pelos estudantes da disciplina ofertada na UFPR, no ano de 2016, as estudantes do curso de Pedagogia apresentaram algumas modificações de comportamento: com o decorrer das aprendizagens, perceberam-se mais confortáveis para dialogar sobre as problemáticas que enfrentaram nas instituições de trabalho (escolas e projetos sociais).

A fim de contribuir para as construções voltadas ao desenvolvimento humano e as relações humanas, há a necessidade de preparar o pedagogo para demandas além do campo da escola, suprimindo as demandas da sociedade, despertando o olhar para a educação preventiva sobre abuso de drogas.

Após a exposição dos conceitos que integram a presente pesquisa (prevenção, drogas, adolescência, educador social e pedagogo escolar), a seguir, a apresentação dos resultados, análise e discussão dos dados das entrevistas promovidas com profissionais da Educação Social e da Pedagogia, empiria que faz parte dessa dissertação.

---

<sup>26</sup> Disciplina curricular referente aos métodos e técnicas educativas sobre prevenção ao abuso de drogas. Ofertada para Cursos de Pedagogia, Ciências Biológicas, demais licenciaturas e para toda comunidade como atividade de extensão.

## 4 RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 4.1 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Com o objetivo de verificar os mecanismos/procedimentos no campo da Educação Social e da Pedagogia na prevenção do abuso de drogas na adolescência, houve a promoção de seis entrevistas semi-estruturadas com três pedagogos escolares e três educadores sociais, conforme mencionado no capítulo 02. A seguir será apresentado todo o percurso de tratamento e análise de dados, bem como a exposição dos Núcleos de Significação construídos.

Para discussão dos dados, em consonância ao objetivo geral proposto e à preservação dos discursos e experiências apresentadas, foram transcritos os discursos advindos das entrevistas gravadas. Houve o procedimento rigoroso de descrever todas as falas das participantes, bem como as pausas e manifestações de sentimentos.

Após a transcrição das entrevistas, iniciou-se o processo da análise dos dados fundamentada nos Núcleos de Significação de Aguiar e Ozella (2006), analisando os sentidos originados nos discursos, utilizando significados e significações presentes nos mesmos.

A pesquisadora promoveu as primeiras leituras, chamadas de leituras “flutuantes”, resgatando percepções e aspectos fundamentais implícitos e explícitos no diálogo. Trata-se da exploração dos dados, do conhecimento na perspectiva dos participantes, possibilitando à pesquisadora ações dinâmicas e indagativas, conhecimento do campo pesquisado e a interpretação para a elaboração dos resultados. Todas as análises pautaram-se no contexto histórico, social e político das entrevistadas, permitindo visão planetária<sup>27</sup> dos processos, sentimentos, pensamentos e concepções para a construção dos sentidos.

[...] com o contexto social, político, econômico, em síntese, histórico, que permite acesso à compreensão do sujeito na sua totalidade. Nesse momento, temos a realização de um momento da análise mais complexo, completo e sintetizador, ou seja, quando os núcleos são integrados no seu movimento, analisados à luz do contexto do discurso em questão, à luz do contexto sociohistórico, à luz da teoria. (AGUIAR; OZELLA, 2006 p. 231).

---

<sup>27</sup> Dentro do universo, a visão planetária refere-se ao estabelecimento de conexões, relações, experiências e diálogos, permitindo que o conhecimento seja promovido de forma a alcançar a transformação. (MORIN, 2005).

A análise de dados possibilitou a compressão do fenômeno investigado de diversas maneiras, onde o pesquisador estruturou os dados, descreveu as experiências, compreendeu o contexto, interpretou as unidades, apresentou o ambiente, analisou sistematicamente e não mecanicamente, mantendo a base qualitativa. Na perspectiva do enfoque qualitativo da pesquisa, Sampieri, Collado e Lucio (2013) descrevem que os estudos possibilitam o desenvolvimento de pressupostos e questionamentos no início, durante e no final da coleta e da análise de dados. A partir do olhar multifacetado, há a formação de concepções maleáveis e flexíveis, tornando-se ferramentas de análise e ação social.

Em todo o percurso de análise, expressa-se que a qualidade dos dados ocorreram devido ao contato direto da pesquisadora com o campo de pesquisa, a necessidade de analisar constantemente a sua postura (possibilitando vários olhares), preocupação ética, a promoção de um diário de campo descritivo e reflexivo e, principalmente, a confiança das participantes estabelecidas no momento do diálogo.

Constituindo-se de um processo de interações sociais, a entrevista proporcionou a aproximação com as educadoras sociais e pedagogas<sup>28</sup> escolares entrevistadas, possibilitando revelar estruturas, valores, sentimentos e fenômenos altamente complexos<sup>29</sup>. Outro fator determinante esteve relacionado ao caráter anônimo das informações prestadas pelas profissionais, proporcionando um diálogo espontâneo. As participantes relataram experiências e concepções nos momentos em que houve a gravação de voz e em outras oportunidades com o gravador desligado. Com a abertura proporcionada, a transcrição possibilitou inúmeras análises e reflexões, facilitando a discussão dos dados.

Posterior às primeiras reflexões advindas das leituras “flutuantes”, promoveu-se a reflexão sobre o corpus da pesquisa, estabelecendo os pré-indicadores para a construção dos futuros núcleos. Para isso, em cada entrevista ocorreu a leitura, seleção e descrição de palavras-chave que expressassem o sentido dos discursos, sentimentos e o contexto em que as participantes estavam inseridas.

---

<sup>28</sup> Devido a todas as participantes pertencerem ao gênero feminino, a partir do capítulo 04 (Resultados, Análise e Discussão dos dados) será referido às profissionais como educadoras sociais e pedagogas escolares.

<sup>29</sup> Reflexão dos fenômenos de uma maneira inacabável, adentrando uma esfera de multidimensionalidade pensada para o sujeito, seu tempo, espaço e processo. (MORIN, 2005).

Irão emergindo temas os mais diversos, caracterizados por maior frequência (pela sua repetição ou reiteração), pela importância enfatizada nas falas dos informantes, pela carga emocional presente, pelas ambivalências ou contradições, pelas insinuações não concretizadas, etc. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p.230).

Nesse processo de composição dos pré-indicadores, houve um grande número de palavras-chave estabelecidas, com objetivo de promover uma análise do sujeito e de seu contexto. Para facilitar a observação do percurso de análise, foram organizadas cores para os textos/palavras-chave e respectivas frases, oportunizando a sua visualização em colunas (QUADRO 07). Os pré-indicadores foram norteados de acordo com os objetivos da investigação, oportunizando a expansão do olhar e a análise sobre o discurso.

QUADRO 07 – RECORTE DA ORGANIZAÇÃO DO TEXTO TRANSCRITO JUNTAMENTE COM OS PRÉ-INDICADORES

ENTREVISTA	PRÉ-INDICADORES
<p>[...]</p> <p><b>P:</b> E assim, qual é o sentimento que vem para você quando fala de abuso de drogas na adolescência?</p> <p><b>ES3:</b> <u>É um coisa que me choca assim, porque eu tive uma adolescência totalmente diferente da adolescência que eu vejo hoje, da adolescência que eu tenho contato hoje no meu dia a dia né, que são alunos, que são jovens são novos, que tem um futuro inteiro pela frente, que tem os seus talentos os seus [...].</u></p>	<p><u>Manifestação de espanto</u></p> <p><u>Referência familiar</u></p> <p><u>Concepção de adolescente/jovem</u></p>

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2016).

Em um processo de construção interpretativa, as palavras-chave compunham os pré-indicadores, onde demonstravam o cenário relacionado às condições de trabalho; perspectivas pessoais; percepção sobre adolescência e seu contexto/relações; Rede de Proteção dos direitos da criança e do adolescente; formação e conhecimento na área de prevenção; experiências manifestação de

conflitos internos; conhecimento a partir da vivência; as alternativas de busca pelo conhecimento e os sentimentos suscitados. Assim, o critério de escolha dos pré-indicadores ocorreu conforme a aproximação com o contexto histórico e a narrativa das participantes.

Após a identificação dos pré-indicadores, uma nova leitura proporcionou aglutiná-los e extrair os indicadores dos discursos, destacando as expressões das participantes, novamente em análise individual das entrevistas. Nesse momento, houve a possibilidade de unir pré-indicadores (QUADRO 08), com o objetivo de organizar as informações similares, distintas e complementares das narrativas das educadoras sociais e pedagogas escolares.

Nesse processo de organização dos indicadores, surgiram apontamentos referentes às dificuldades e ausência de conhecimento no espaço de atuação profissional; ausência de motivação; ausência de diálogo com o adolescente e seus familiares; escassez de suporte técnico e ausência de diálogo entre profissionais; escassez de conhecimento na área de prevenção; reconhecimento da necessidade de formação; compreensão sobre prevenção a partir do seu ser; vivências que transformam o ser; viver oportuniza aprendizagem; conhecimentos relacionados à prevenção do abuso de drogas na adolescência; alternativas de formação e conhecimento sobre a temática de prevenção; percepções e sentimentos sobre o educador social e o pedagogo escolar na atuação de prevenção do abuso de drogas junto a adolescentes.

Com a constituição dos indicadores, houve nova leitura flutuante das entrevistas, a fim de aproximar os indicadores com as expressões do sujeito, observando se ocorreu a conexão do campo pesquisado com as palavras estabelecidas pela pesquisadora. Assim, Aguiar e Ozella (2013, p. 309) ressaltam: “Entendemos, desse modo, que os indicadores só adquirem algum significado se inseridos e articulados na totalidade dos conteúdos temáticos contidos nas expressões do sujeito”.

QUADRO 08 – RECORTE DA ORGANIZAÇÃO DOS INDICADORES A PARTIR DOS PRÉ-INDICADORES

ORDEM QUE ESTAVA NOS PRÉ-INDICADORES	ORDEM ALFABÉTICA	RETIRADA DAS PALAVRAS REPETIDAS	EXPOSIÇÃO DOS PRÉ-INDICADORES DEFINITIVOS	INDICADORES
<u>Medo</u> <u>Referência familiar</u> <u>Manifestação da diferença entre substâncias – o que é permitido socialmente.</u> <u>Preocupação</u> <u>Referência familiar</u> <u>Ausência da família</u> <u>Preocupação</u> <u>Olhar atento</u> <u>Ausência de suporte especializado/técnico</u> <u>Necessidade de ajuda para dialogar sobre abuso de drogas</u> <u>Necessidade de suporte especializado/técnico</u> <u>Ausência de formação na área de abuso de drogas</u> <u>Ausência de suporte especializado/técnico</u> <u>Ausência de formação na área de abuso de drogas</u>	<u>Ausência de trabalho em rede</u> <u>Ausência de trabalho sobre prevenção</u> <u>Concepção de adolescente/jovem</u> <u>Concepção de que, por serem pequenos, não vão fazer uso</u> <u>Concepção sobre abuso de drogas</u> <u>Concepção sobre fatores de risco</u> <u>Concepção sobre fatores de risco</u> <u>Contato com a realidade do abuso de drogas na adolescência</u> <u>Contato com a realidade do abuso de drogas na adolescência</u> <u>Contato com a realidade do abuso de drogas na adolescência</u> <u>Diálogo com os adolescentes, fortalecimento de vínculos</u> <u>Diálogo com os adolescentes, orientação</u>	<u>Pouco contato com pessoas que abusam de drogas</u> <u>Olhar atento</u> <u>Necessidade de suporte especializado/técnico</u> <u>Necessidade de ajuda para dialogar sobre abuso de drogas</u> <u>Não há aprofundamento teórico na área</u> <u>Na dificuldade se fortalece</u> <u>Mídia</u> <u>Medo</u> <u>Manifestação de espanto</u> <u>Manifestação da diferença entre substâncias – o que é permitido socialmente.</u> <u>Inferência</u> <u>Importância da formação inicial e continuada em prevenção</u> <u>Preocupação</u> <u>Morte como fim</u>	<u>Importância da formação inicial e continuada em prevenção</u> <u>Inferência</u> <u>Manifestação da diferença entre substâncias – o que é permitido socialmente.</u> <u>Manifestação de espanto</u> <u>Medo</u> <u>Mídia</u> <u>Morte como fim</u> <u>Na dificuldade se fortalece</u> <u>Necessidade de suporte especializado/técnico</u> <u>Olhar atento</u> <u>Pouco contato com pessoas que abusam de drogas</u> <u>Preocupação</u> <u>Questionamentos</u>	<u>Reconhecimento da necessidade de formação:</u> <u>Conhecimentos relacionados à prevenção ao abuso de drogas na adolescência:</u> <u>Percepções:</u> <u>Sentimentos.</u>

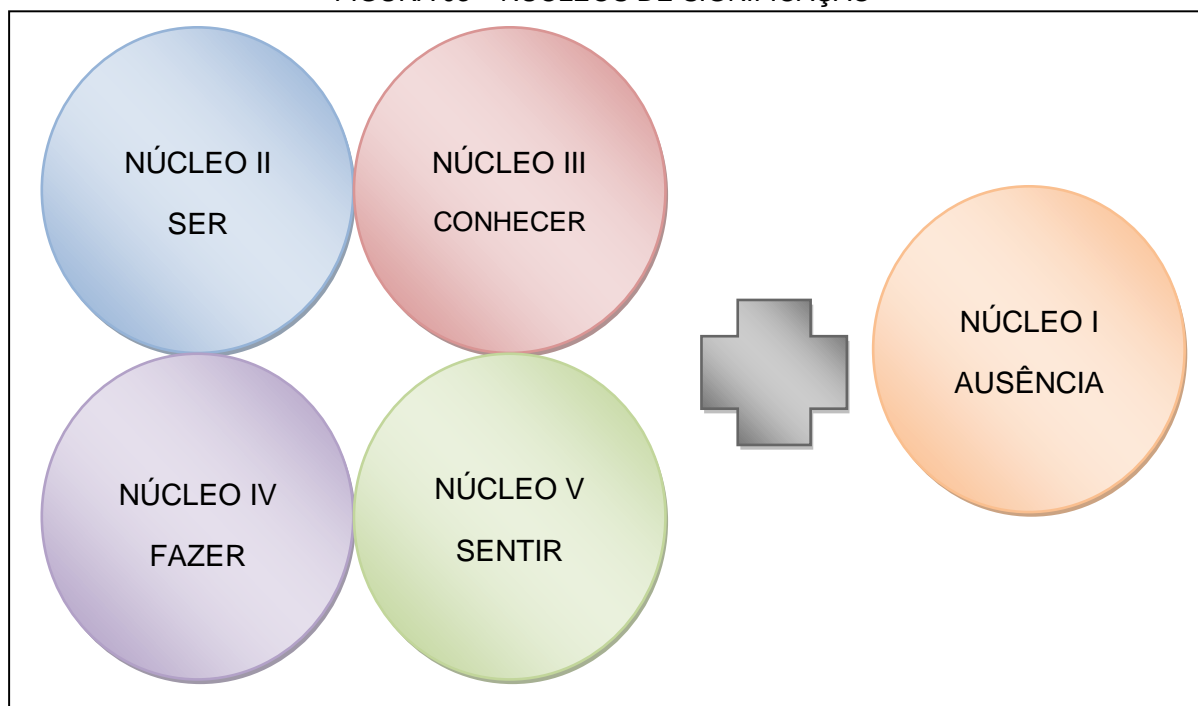
Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2016).

Ao finalizar o processo de identificação e organização dos pré-indicadores e os indicadores, houve a reflexão sobre os sentidos encontrados em cada entrevista, construindo os núcleos de acordo com as similaridades e controvérsias. Posterior à construção individual dos indicadores, promoveu-se a análise de todos os indicadores que surgiram nas seis entrevistas, oportunizando visão planetária do processo e dos sentidos emergentes. A partir dessa ligação dos indicadores, surge, com base nos sentidos apreendidos, os Núcleos de Significação (FIGURA 03).

Os núcleos devem expressar aspectos essenciais do sujeito. Eles devem superar tanto os pré-indicadores como os indicadores. Devem, assim, ser entendidos como um momento superior de abstração, o qual, por meio da articulação dialética das partes – movimento subordinado à teoria –, avança em direção ao concreto pensado, às zonas de sentido. Assim sendo, o processo de construção dos núcleos de significação já é construtivo-interpretativo, pois é atravessado pela compreensão crítica do pesquisador em relação à realidade. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 310).

A construção dos Núcleos partiu dos sentidos extraídos referentes à vida pessoal e profissional das educadoras sociais e pedagogas, conhecimento dos métodos e técnicas de trabalho sobre prevenção do abuso de drogas, descrição das ações referentes à temática e à rede de proteção da criança e do adolescente, expressão de sentimentos e demais que emergiram no processo de análise.

FIGURA 03 – NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO



Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2016).



Com as leituras “flutuantes”, a construção dos pré-indicadores, organização dos indicadores e análise geral pautada nos discursos das participantes, surgiram então, os cinco Núcleos de Significação. Esse processo foi construído em um movimento de articulação com o todo, desde a preocupação com as expressões dos sujeitos e seus contextos, as palavras-chaves, a organização dos pré-indicadores, a aglutinação e promoção dos indicadores até a análise para constituir os Núcleos de Significação. Trata-se de um processo intenso de leitura e reflexão. Para Aguiar e Ozella (2013, p. 309), “[...] o avanço em direção à apreensão da totalidade só se efetivará quando essas partes/recortes forem integradas novamente ao todo, no movimento histórico de seu processo de constituição”.

Com intenção de buscar contradições e conexões com os objetivos da investigação com o material coletado e analisado, bem como a totalidade do processo, construiu-se a partir daí, uma tabela com os objetivos específicos da pesquisa e sua relação com os Núcleos apresentados (TABELA 02).

**TABELA 02 – DEMONSTRAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO COM OS OBJETIVOS DA PESQUISA**

<b>OBJETIVO GERAL:</b> VERIFICAR OS MECANISMOS/PROCEDIMENTOS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO SOCIAL E DA PEDAGOGIA NA PREVENÇÃO DO ABUSO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA.	
<b>NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA</b>
NÚCLEO I – AUSÊNCIA	Evidenciar os fatores de proteção e os fatores de risco que caracterizam a proposta de prevenção e superação às drogas na adolescência pelos educadores sociais e pedagogos escolares.
NÚCLEO V- SENTIR	
NÚCLEO II – SER	Identificar a formação inicial e continuada do educador social e do pedagogo escolar para ação em prevenção e superação das drogas;
NÚCLEO III – CONHECER	
NÚCLEO IV – FAZER	Verificar as ações preventivas utilizadas pelos educadores sociais e pedagogos escolares que atuam direta ou indiretamente com adolescentes na superação das drogas no município da pesquisa; Relacionar a concepção dos educadores sociais e pedagogos escolares sobre a Rede de Proteção com sua prática na prevenção no abuso de drogas; Identificar as atividades pró-sociais trabalhadas ou sugeridas pelos educadores sociais e os pedagogos escolares na superação e prevenção de drogas;

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2016).

Os cinco Núcleos de Significação são apresentados como: Núcleo I: AUSÊNCIA (destaca as necessidades ou problemas/desafios advindos da carência); o Núcleo II: SER (compreende todos os sentidos voltados à vida pessoal e profissional); Núcleo III: CONHECER (refere-se aos conhecimentos e concepções sobre abuso de drogas, prevenção, adolescência e informações sobre a temática); Núcleo IV: FAZER (apresenta os procedimentos, técnicas, ações diárias e de referência ao trabalho de prevenção do abuso de drogas na adolescência, bem como participações e promoções na rede de proteção dos direitos da criança e do adolescente); e Núcleo V: SENTIR (expõe sentimentos e representações advindas dos participantes). O Quadro 09 sistematiza e apresenta os cinco Núcleos e seus respectivos pré-indicadores e indicadores.

**QUADRO 09 – DEMONSTRAÇÃO DOS PRÉ-INDICADORES, INDICADORES E NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO**

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
<p><b>Condições de trabalho:</b> acúmulo de atividades; apoio pontual da gestão; atuação profissional necessitou buscar formação na área de prevenção; ausência de apoio da gestão; ausência de efetivação da prática; ausência de trabalho sobre prevenção; dificuldade de formação profissional; imposição; necessidade de trabalhar sobre abuso de drogas; necessidade de suporte especializado/técnico; reconhece necessidade de dialogar sobre abuso de drogas; Tempo não permite um trabalho mais completo, olhar atento; ausência de motivação; dúvida; não busca conhecimentos.</p> <p><b>Percepção sobre o adolescente e seu contexto/relações:</b> ausência da família; dificuldade de dialogar com o adolescente.</p> <p><b>Rede de Proteção dos direitos da criança e do adolescente:</b> ausência de suporte especializado/técnico; ausência de trabalho em rede; eximir responsabilidade; omissão sobre violação de direitos.</p>	<p>Dificuldades e ausência de conhecimento no espaço de atuação profissional;</p> <p>Ausência de diálogo com o adolescente e seus familiares;</p> <p>Escassez de suporte técnico e ausência de diálogo entre profissionais.</p>	NÚCLEO I – AUSÊNCIA

<p><b>Formação e conhecimento na área de prevenção:</b> ausência de formação na área de abuso de drogas; ausência de preparo na área; conteúdo limitado; não há aprofundamento teórico na área; não há nada específico sobre a temática; não havia muito diálogo sobre abuso de drogas; necessidade de cumprimento da legislação; necessidade de políticas públicas efetivas; proibição; reconhece a necessidade de formação na área.</p>	<p>Escassez de conhecimento na área de prevenção;</p> <p>Reconhecimento da necessidade de formação.</p>	<p>Relatos de experiências, sensações que contemplam a falta, a necessidade, um problema causado pela carência.</p>
<p><b>Experiência oportuniza visão sobre a temática da prevenção:</b> experiência como docente; fator pessoal incentivou buscar por estudos; Magistério como necessidade – precisava trabalhar; realização profissional; referência familiar; desejo de ser diferente; interesse em falar e trabalhar sobre a temática; interesse na área da Educação.</p> <p><b>Conflitos internos:</b> na dificuldade se fortalece; necessidade da profissional ser ouvida; persistência.</p>	<p>O que compreende sobre prevenção a partir do seu ser;</p> <p>Vivências que transformam o ser.</p>	<p>NÚCLEO II – SER</p> <p>São apresentadas todas as respostas, falas, posicionamentos que dizem respeito à sua vida pessoal e profissional (perfil/identidade).</p>
<p><b>Conhecimento a partir da vivência:</b> aprendizagem via experiência; abuso de drogas na família – referência familiar; conhecimento da realidade; percebe mudança ao trabalhar com prevenção;</p> <p><b>O que conhece sobre prevenção ao abuso de drogas na adolescência:</b> comparação; envolvimento da família: preocupação com tratamento e não com prevenção; questionamentos; reflexão sobre abuso de drogas;</p> <p><b>Buscas pelo conhecimento:</b> acesso à informações/estudos; mídia; propaganda e contrapropaganda; temática tratada na formação continuada e não inicial.</p>	<p>Viver oportuniza aprendizagem;</p> <p>Conhecimentos relacionados à prevenção ao abuso de drogas na adolescência;</p> <p>Alternativas de formação e conhecimento sobre a temática de prevenção</p>	<p>NÚCLEO III – CONHECER</p> <p>São expressas manifestações dos educadores sociais e pedagogos referentes aos conhecimentos, informações, leituras, embasamentos formações iniciais e continuadas que realiza relacionado ao tema drogas.</p>
<p><b>Ações no contexto de trabalho:</b> ação rápida para solucionar problema; ajuda quando necessário/suporte para outros profissionais;</p>	<p>Ações promovidas individual e coletivamente;</p>	<p>NÚCLEO IV – FAZER</p>

<p>algumas ferramentas de trabalho; apenas trabalhos pontuais; apoio da equipe de trabalho; apoio externo, de outros setores; diálogo com a família; diálogo com adolescentes, fortalecimento de vínculos; orientação; diálogo com os profissionais; encaminhamento para a rede;</p> <p>possibilitou a teoria em prática; reconhece o trabalho de outro setor; solicita ajuda quando necessário; trabalho isolado; na prática é diferente da teoria; olhar atento; prática limitada;</p> <p><b>Experiências relacionadas ao abuso de drogas na adolescência:</b> cenário da prevenção ao abuso de drogas; contato com a realidade do abuso de drogas na adolescência; pouco contato com pessoas que abusam de drogas; vínculo com adolescentes.</p>	<p>Experiência com os adolescentes</p>	<p>Apresentam-se todos os diálogos voltados às oportunidades de ação concreta na família, na escola ou no campo profissional, bem como conhecer as ações pró-sociais, procedimentos e prática de Rede de Proteção vivenciada por eles.</p>
<p><b>O que percebe:</b> Concepção sobre fatores de proteção; concepção sobre fatores de risco; concepção de adolescente/jovem; concepção de prevenção; concepção de que, por serem pequenos, não vão fazer uso; concepção sobre abuso de drogas; inferências; ma infestação da diferença entre substâncias – o que é permitido socialmente; morte como fim; normal?.</p> <p><b>Sentimentos suscitados:</b> manifestação de desespero; manifestação de espanto; manifestação de pedido de ajuda; medo; preocupação; sentimento de despreparo; sentimento de impotência; sentimento de incapacidade; sentimento de insegurança; sentimento de pena; tristeza;</p> <p><b>Percepções sobre a temática:</b> importância da formação inicial e continuada; importância da prevenção; importância da Rede de Proteção; importância do diálogo; importância do pedagogo para trabalhar com prevenção; importância do respeito; importância do suporte especializado/técnico.</p>	<p>Percepção sobre prevenção ao abuso de drogas na adolescência;</p> <p>Sentimentos em relação ao abuso de drogas na adolescência</p> <p>Percepção sobre o educador social e o pedagogo escolar na atuação de prevenção ao abuso de drogas junto a adolescentes.</p>	<p>NÚCLEO V- SENTIR</p> <p>Salientam-se as percepções dos profissionais, sentimentos, identificando os fatores de proteção e os fatores de risco que compreendem</p>

Com a sistematização do processo de análise e construção dos cinco Núcleos de Significação, a partir de seus respectivos pré-indicadores e indicadores, a seguir, a descrição e discussão dos resultados em um processo intranúcleos, seguido do movimento internúcleos.

#### 4.2 NÚCLEO I – AUSÊNCIA

Partindo do objetivo de verificar os mecanismos/procedimentos no campo da Educação Social e da Pedagogia na prevenção do abuso de drogas na adolescência, houve a análise das narrativas advindas das entrevistas, em que oportunizaram ampliar a visão sobre esses profissionais. São apontadas as ações, necessidades e representações<sup>30</sup>, possibilitando a compreensão dos condicionantes que facilitam ou dificultam essas práticas. Para isso, optou-se em apresentar os dados similares em âmbito geral, sem especificar as profissionais. Nos pontos distintos ou contrários, será expressa a especificidade das entrevistadas (educadoras sociais ou pedagogas escolares), visto a complexidade de cada campo de atuação.

O Núcleo I classificado como “Ausência” advém de pré-indicadores, aglutinados em indicadores, que apresentam relatos de experiências, sensações que contemplam a falta, a necessidade, um problema causado pela carência de formação e escassez de suporte técnico (QUADRO 10).

---

<sup>30</sup> O termo “representação” apresenta a maneira com que as participantes da pesquisa conceituam, concebem e explicam os fenômenos, pois, a forma como se representa os fatos determinam o comportamento para agir sobre eles. (ASINELLI-LUZ, 2014).

QUADRO 10 – NÚLCEO I – AUSÊNCIA - E RESPECTIVOS PRÉ-INDICADORES

<p style="text-align: center;"><b>"Ausência"</b></p> <p>Contempla a falta, a necessidade, um problema causado pela carência</p>	<p><u>Acúmulo de atividades</u>  <u>Apoio pontual da gestão</u>  <u>Atuação profissional necessitou buscar formação na área de prevenção</u>  <u>Ausência da família</u>  <u>Ausência de apoio da gestão</u>  <u>Ausência de efetivação da prática</u>  <u>Ausência de formação na área de abuso de drogas</u>  <u>Ausência de motivação</u>  <u>Ausência de preparo na área</u>  <u>Ausência de suporte especializado/técnico</u>  <u>Ausência de trabalho em rede</u>  <u>Ausência de trabalho sobre prevenção</u>  <u>Conteúdo limitado</u>  <u>Dificuldade de dialogar com o adolescente</u>  <u>Dificuldade de formação profissional</u>  <u>Dúvida</u>  <u>Eximir responsabilidade</u>  <u>Imposição</u>  <u>Não busca conhecimento</u>  <u>Não há aprofundamento teórico na área</u>  <u>Não há nada específico sobre a temática</u>  <u>Não havia muito diálogo sobre abuso de drogas.</u>  <u>Necessidade de cumprimento da legislação</u>  <u>Necessidade de trabalhar sobre abuso de drogas</u>  <u>Necessidade de políticas públicas efetivas</u>  <u>Necessidade de suporte especializado/técnico</u>  <u>Omissão sobre violação de direitos</u>  <u>Proibição</u>  <u>Reconhece a necessidade de formação na área</u>  <u>Reconhece necessidade de dialogar sobre abuso de drogas</u>  <u>Tempo não permite um trabalho mais completo, olhar atento</u></p>
---	---

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2017).

A partir dos pré-indicadores, são pontuados cinco indicadores: 1. As dificuldades e ausência de conhecimento no espaço de atuação profissional; 2. Ausência de diálogo com o adolescente e seus familiares; 3. Escassez de suporte técnico e ausência de diálogo entre profissionais; 4. Escassez de conhecimento na área de prevenção; e 5. Reconhecimento da necessidade de formação.

#### 4.2.1 As dificuldades e ausência de conhecimento no espaço de atuação profissional

São apresentadas nesse item as dificuldades e ausência de conhecimento profissional de maneira ampla<sup>31</sup>. Um dos pontos relevantes refere-se às condições de trabalho: acúmulo de atividades e ausência de tempo, em que não permitem um trabalho completo e, conseqüentemente, não efetivam a prática de prevenção. Segundo as participantes, as inúmeras tarefas que as são delegadas não proporcionam um momento de reflexão e planejamento, em que promovem ações imediatistas devido às demandas dos adolescentes.

*“- [...] mas eu não pude participar na época, porque na época eu tava<sup>32</sup> ajudando no administrativo do CJ [...]”.* (ES3)

*“- A gente até tenta, mas além da parte pedagógica, fica essa parte de aluno, essa parte de às vezes ser até o psicólogo, às vezes né, meio mãe”.* (PE2)

*“- O nosso problema dentro das escolas é a falta de tempo mesmo, porque assim, eu sou pedagoga, então: "ah você tá aqui pra atender o aluno". Nem sempre dá tempo de você fazer tudo o que você tem que fazer e até a questão de você estudar, pra você poder se interar mais no assunto”.* (PE1)

*“- Ninguém quer ajudar na verdade, ninguém tem tempo de ir lá ajudar”.* (ES2).

Em relação à gestão, as participantes salientam: não é participativa e, quanto se faz presente, impõe normas e práticas. Evidenciam que não possuem apoio e, tampouco recebem capacitações para melhoria do trabalho. Geralmente o que são ofertados são cursos pontuais, muitas vezes desconexos com a realidade. Devido à escassa oferta de capacitação, as educadoras sociais e pedagogas expressam a ausência de atuação na área de prevenção do abuso de drogas.

---

<sup>31</sup> Será apresentada, especificamente, a escassez de conhecimento na área de prevenção do abuso de drogas no item 4.2.4.

<sup>32</sup> Os dados relativos às falas das participantes estão transcritos na íntegra, sem correção da linguagem. A intenção é preservar a essência das narrativas e as características das educadoras sociais e pedagogas escolares.

*“- Mas é tanta coisa no dia a dia, a gente que já trabalhou bastante em sala de aula. É fácil né, chegar o governo e dizer assim: “vamos por esse programa aqui, vamos por esse outro programa.” Mas no dia a dia é difícil, pelos conteúdos, pelo tempo”. (PE2).*

*“- Tô, tô na dúvida por causa dessa falta de apoio né, porque a gente não tem apoio nenhum né”. (ES2).*

Com todas as demandas advindas dos adolescentes, a atuação profissional, tanto das educadoras sociais, quanto das pedagogas escolares revelou a importância da busca pela formação na temática, reconhecendo a necessidade de trabalhar/dialogar sobre abuso de drogas e da importância do apoio da gestão e de suporte especializado/técnico. Em razão da dificuldade de formação profissional, a prática apontou a necessidade de buscar formação na área de prevenção, porém, de maneira superficial, via leituras em sites e revistas.

Além das dificuldades relacionadas à falta de tempo, acúmulo de tarefas, ausência de apoio da gestão e escassez de formação na área de prevenção, as educadoras sociais, em específico, relatam que essas problemáticas também estão relacionadas à ausência de conhecimento sobre suas funções e espaços de atuação profissional. Quando ingressaram no concurso público, declaram que não conheciam a função e, com o passar dos anos, não houve aprofundamento na área da Educação Social.

*“- Como educador social, eu quando entrei pra educação fiz o concurso pra ser educador social. Eu não sabia exatamente com o que eu iria trabalhar, e que situações que eu iria enfrentar. Eu não tinha também nenhuma experiência e não sabia realmente como agir, como fazer”. (ES3).*

*“- Mas assim, eu não tinha nada, cheguei assim e caí de pára-quedas”. (ES1).*

*“- Agora, no caso, uma educadora social que chega aí, acabou de entrar né, com seus vinte e poucos anos, é solteira, não tem filhos, elas não tem noção de*



*nada. Sofre, sofre, porque daí, não tem capacitação, não tem preparo, não tem nada". (ES1).*

A forma de ingresso no Centro da Juventude e demais projetos sociais da Secretaria de Assistência Social do município da pesquisa ocorreu via concurso público. Em relação ao edital, as educadoras sociais mencionam que existem apenas informações básicas em relação às funções a serem exercidas. Essas orientações relacionam-se à oferta de serviços voltados às situações emergenciais (auxílio natalidade, auxílio funeral e auxílio calamidade pública), oficinas de geração de trabalho e renda e atendimentos às demandas da comunidade (oferta de grupos de convivência e fortalecimento de vínculos às crianças, adolescentes, mulheres e idosos).

Em análise às atribuições desses profissionais no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), evidenciam-se funções voltadas à Proteção Social Básica e Proteção Social Especial, conforme apresentado na Resolução N° 109, de 11 de novembro de 2009 do Conselho Nacional de Assistência Social onde aprova a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais. São apresentadas as práticas de fortalecimento de vínculos, de suscitar ambientes democráticos e participativos. Conhecidos como educadores sociais ou orientadores sociais, poderão promover ou acompanhar oficinas de cultura, artes, esporte, convívio e lazer, todos específicos às demandas dos cidadãos em seus territórios. (BRASIL, 2009).

Na trajetória do educador social no Brasil, nem sempre houve a menção de documentos e normativas referentes à sua função e seu espaço de trabalho. Tratando-se de uma atuação histórica, desde seus primeiros passos na Alemanha, na Segunda Guerra Mundial, existem discussões sobre o perfil desse profissional, suas demandas sociais e sua jornada de conquista por reconhecimento de espaço. (GRACIANI, 2009; OKRASKA, 2013).

As educadoras sociais mencionam que, embora o edital apresentasse informações amplas sobre a função do educador social, ainda consideravam superficiais devido às suas realidades. Não havia menção no documento referente aos espaços de atuação, tampouco relacionado à prevenção do abuso de drogas. Por tratar-se de um município de grande área territorial e altos níveis de vulnerabilidade e risco social, não havia especificação das regiões a serem atendidas, tanto em equipamentos centrais, de periferia ou zona rural.

*“- Aí fiz o concurso, passei. Quando eu fui chamada, o que que eu vou fazer, eu achava que era aquela coisa de escola, “atividadezinha” bonitinha. Aí me colocaram lá no meio do mato, lá em [nome de bairro da região rural do município pesquisado] trabalhar com adolescente, tinha de doze à dezesseis/dezessete. [...] então tinha que trabalhar com eles né, e o que trabalhar? Ninguém foi me falar o que, só me colocaram lá e fique aqui, única coisa. (ES2).*

*“- Porque a gente não tem uma formação pra ser educador social, uma formação direta pra você ser educador social. Você chega no projeto, você não sabe como você tem que trabalhar”. (ES3).*

Para assumir o cargo de educador social na instituição municipal, o edital do concurso público de 2010 apresentava a exigência mínima de formação em nível médio profissionalizante no Curso de Formação de Docentes (antigo Magistério) e/ou graduação no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia com ênfase em séries iniciais. No ano de 2015 ocorreu um novo Concurso Público na área, agora, com a requisição de Ensino Médio Completo.

Esse relato das participantes sobre a formação evidencia que para o exercício na função não havia exigência de conhecimento específico na área. Apenas com a formação de nível médio (profissionalizante ou não) já havia a possibilidade de atuação como educador social.

*“- Igual agora, o educador social agora, os novos aí, só com o Ensino Médio podem ser educador, como que vai encarar uma vida dessas que nós aqui estamos?”. (ES1).*

Em observação aos sentidos apreendidos nos depoimentos das educadoras sociais, demonstra-se a preocupação em relação à requisição de nível escolar e a ausência de orientação em relação às suas funções e práticas. Nesse ponto, assumem sentimento de insegurança para dialogar sobre suas práticas, uma vez que possuem formação específica em educação escolar, havendo cursado a modalidade de Formação de Docentes e o Curso de Pedagogia. Desse nodo, reconhecem que não estão preparadas para atuar com as demandas sociais.

*“- Você chega no projeto, você não sabe como você tem que trabalhar”.* (ES3).

Com a carência de conhecimento, revelam a dificuldade de buscar formação profissional, não apenas para as suas funções diárias, mas, também para suprir as demandas do público que atendem. Em âmbito geral, tanto as educadoras sociais, quanto as pedagogas escolares expressam cenários com problemas relacionados às condições de trabalho (acúmulo de tarefas, tempo não permite olhar mais atento), ausência de apoio da gestão e escassez de formação.

Um fator a ser considerado nesse contexto é que, mesmo com as problemáticas, as participantes expõem a necessidade de trabalhar/dialogar sobre abuso de drogas e obter suporte especializado/técnico para atuar com as demandas advindas dos adolescentes.

#### 4.2.2 Ausência de diálogo com o adolescente e seus familiares

Com intuito de compreender a percepção sobre o adolescente e seu contexto/relações, as entrevistadas destacam a ausência de diálogo com o adolescente. As educadoras sociais e pedagogas escolares verbalizam que essa dificuldade está relacionada à sua escassa formação e falta de preparo para dialogar sobre temáticas da adolescência.

*“- Então você fica né, até na hora da conversa eu não sabia o que dizer para ele, porque quando ele me questionou, eu falei que não, mas eu não sabia como né, você não tem como começar a orientar, a conversar”.* (ES3).

*“- Olha é difícil, bem difícil, que é uma coisa assim difícil de você abordar com eles, claro você fala o superficial assim no geral você fala”.* (PE2).

A ausência de diálogo pode ocorrer por diversos fatores: trabalho voltado apenas ao problema do adolescente e ignorando seus sentimentos e percepções (centraliza-se na gravidade das suas atitudes, condenando-o perante a sociedade); o adolescente com sentimento de não possuir atenção e comunicação do educador

(existência de barreiras); intervenções disciplinares mal conduzidas (exigência antes da compreensão); programas com fragmentações que destroem a acolhida do adolescente e, as concepções que impedem o educador de assumir seu papel. (COSTA, 1997).

Esses fatores se agravam quando relacionados às violências advindas do isolamento, solidão, abandono e/ou incomunicabilidade na adolescência, pois, cada sujeito se manifesta de maneira distinta. Costa (1997) apresenta que os adolescentes poderão transitar por distintas fases, como por exemplo, dissimular (apelos de aproximação, tentativas de presença com muita inquietação), compensar (alimentar-se de sentimentos de privação/rejeição consumada à perda da presença) e/ou protestar (procurar presenças/interferências depois de serem vítimas da solidão). Nesse sentido, as fases muitas vezes levam à transgressão da lei, na busca de solução para o que os incomoda.

É em meio a essas problemáticas que a relação educador-educando será necessária. Ao longo do processo educativo, poderá reafirmar a importância da presença, do afeto cotidiano, da demonstração da importância de ser aceito, de viver e se libertar. Para isso, o educador precisará de atenção para não cair na alienação e não tornar-se oprimido como o adolescente. Isso pode ocasionar resistência em compreender e agir, deixando de exercer a criatividade e o incentivo à mudança do processo. (COSTA, 1997).

O diálogo nesse âmbito faz-se de extrema importância, em que facilitará a compreensão do sujeito, sua história e, até mesmo, de seus conflitos. Assim, relacionado à educação preventiva, será reforçada a necessidade de dialogar, com o objetivo de oportunizar fatores de proteção no espaço escolar, familiar e comunitário, voltada à aproximação afetiva. (ASINELLI-LUZ, 2014).

Além da escassez de diálogo com os adolescentes, as educadoras sociais e pedagogas verbalizam que também não se sentem seguras para promover uma aproximação com as famílias, devido à ausência dos membros familiares na atuação em conjunto à escola e ao Centro da Juventude na prevenção do abuso de drogas.

*“- Estamos aqui com eles o dia inteiro, a gente fica mais presente na vida deles do que os pais”.* (ES1).

*“- Então, a vó queria se ver livre e deixava ele, então: “ah, eu to sossegada em casa e ele ta lá, sabe Deus fazendo o que, mas não ta me incomodando”. (ES2)*

*“- Você morre de chamar o pai e ele não vem”. (PE1).*

*“- E com a família é mais difícil porque tem algumas famílias que são ausentes né, as vezes a gente sente que a família que mais necessita, as vezes é um pouquinho ausente né”. (PE2).*

Para a educação preventiva, existe a necessidade de a família interagir nos espaços em que seus filhos estão. Para isso, é importante que, tanto a instituição escolar, quanto a não escolar oportunizem um espaço de socialização com a comunidade. A educação, de maneira geral, deve ser garantida em todos os lugares, por todos os cidadãos. De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988,

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988/2012, p. 121).

Ao atuar na infância e adolescência, faz-se necessário estar junto à família, na tentativa de compreender o sujeito em sua totalidade, reconhecendo suas demandas e potencialidades. Desse modo, a apreensão dos sentidos desperta a contradição de que, mesmo com as dificuldades em relacionar-se com o núcleo familiar, de suscitar o diálogo, as educadoras sociais e pedagogas escolares expressam em suas angústias a necessidade e a importância do trabalho em conjunto com a família, do cuidado ao abordar as temáticas envolvendo os adolescentes.

*“- Quando se fala em prevenir eu acho que uma conversa com eles, conversando, preparando, conversando com eles, conversando com a família”. (ES3).*

*“- [...] fizesse com que aquele pai exercesse a obrigação dele, que ele tem direito, mas ele tem deveres, e um dever dele é acompanhar o filho durante o processo escolar e ele não acompanha”. (PE1).*

*“- Eu acho que tinha que ter digamos uma pessoa da área, até pra você aprender a atender, digamos, quer falar com os pais, vamos supor que acontece alguma coisa na escola né, pra você estar falando com esse aluno, pra você conversar com os pais desses alunos, tem que ter todo um tato né, tem que ter um jeito todo pra falar (PE3).*

A importância da interação entre instituição escolar e não escolar, família e sociedade advém da legislação brasileira, reforçando que essa ação amplia o universo sociocultural dos sujeitos, permitindo a conexão da sua realidade com o seu meio. Como exemplo, há na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, em seu Artigo 1º, a menção de que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996, p. 01).

Na Pedagogia Social, uma das funções dos educadores sociais está relacionada ao estímulo da convivência social/comunitária e ao fortalecimento de vínculos afetivos. Nas escolas, a sociabilidade ressalta que “é preciso conhecer, dialogar e interagir com seu entorno para alcançar sua função social transformadora”. (MACHADO, 2012, p. 211).

A partir desse olhar sobre o indivíduo e suas relações familiares e comunitárias, podem-se construir ações preventivas que focam na pessoa, na sua história de vida, nas necessidades/potencialidades e em seu contexto de socialização. Possibilitar escolhas que minimizem o seu problema ao invés de agravá-lo. Por isso que, pensando no contexto do abuso de drogas, reforça-se que qualquer intervenção é melhor do que nenhuma. Intervir antes de chegar à situação se agrave, pois, quanto mais avançado o problema, mais difícil torna-se o tratamento.

A prevenção é, pois, um processo coletivo e não considerá-la assim é um fator de fracasso. Ela deve ser uma rede social, abrangendo todos os lugares possíveis onde possa haver a presença, interação e participação dos jovens. (ROSELLI-CRUZ, 2010, p. 46).

Desse modo, uma das alternativas para a aproximação das profissionais – educadoras sociais e pedagogas escolares no contexto da prevenção na/para coletividade – poderá estar relacionada à animação sociocultural, promovida pela Pedagogia Social. Destinada à educação escolar e não escolar, refere-se à uma ação potencializadora da interação social e cultura, com objetivo de promover a redução da violência na infância e adolescência em âmbitos de instituição escolar, família e comunidade. (MACHADO, 2012).

Apresentando-se como um instrumento de transformação social por meio de políticas públicas, a animação sociocultural poderá suscitar a participação dos sujeitos na construção de suas relações e espaços sociais. Tanto os educadores sociais, quanto professores, pais, pedagogos, comunidade, poderão auxiliar nesse processo, todos como atores sociais. Assim, a prevenção do abuso de drogas poderá fortalecer esse processo, suscitando discussões relacionadas aos conflitos e ações sobre o desenvolvimento humano e com isso, o reforço de suporte técnico e formação inicial e continuada aos profissionais que atuam nessa área.

#### 4.2.3 Escassez de suporte técnico e ausência de diálogo entre profissionais

Nas entrevistas há ao mesmo tempo o reconhecimento da dificuldade e da importância do diálogo para a construção das relações sociais, do fortalecimento de vínculos com os adolescentes e sua família e a promoção da educação preventiva nos espaços escolares e não-escolares. Assim, as participantes salientam que seus problemas se agravam à medida que ocorre a escassez de suporte técnico e a ausência de diálogo entre profissionais sobre a temática.

*“- Eu não consigo com o conhecimento que eu tenho, eu preciso de uma ajuda de alguém de fora né, de alguém que possa fazer esse atendimento e auxiliar a escola”.* (PE1).

*“- A gente pediu que a gente queria alguém junto com a gente, para fazer um planejamento né. Porque você precisa de uma pessoa ali, pra te auxiliar, pra ver, porque tem crianças que estão ali desde que o projeto começou. [...] Daí todo mundo ali né, já falta profissional e não tem nenhum técnico de referência”. (ES2).*

Além da ausência de profissionais, os depoimentos expressam que não há uma consolidada a Rede de Proteção dos direitos da criança e do adolescente. Evidenciam a ausência de trabalho entre profissionais de diversos setores, que eximem responsabilidade e, em algumas situações, omitem sobre vivências de violação de direitos.

*“- Então, como nós estamos no Estado, o que a gente tem ouvido sempre é assim: que nós não conseguimos encaminhar eles diretamente para um atendimento psicológico”. (PE1).*

*“- Fomos convocados pra uma reunião com Conselho Tutelar e a Rede de Proteção. Então hoje eu te digo assim que tá muito ruim né, parece que um “ta” empurrando para o outro pra não resolver essas situações”. (PE3).*

*“- Eles falam, falam, falam de proteção, mas, a gente vive em silêncio. Você pensa que você encaminha e não vai pra frente. Não tem uma rede, porque o que se passa lá, vocês não sabem né, então fica muito ali né”. (ES1).*

As educadoras sociais são as profissionais que mais verbalizam a falta de trabalho em conjunto, reforçando que os encaminhamentos dos conflitos dos adolescentes nem sempre são atendidos. A apreensão dos sentidos oportuniza observar nas narrativas a denúncia relacionada aos órgãos do setor público, de se eximir da responsabilidade de atendimento, da omissão em relação à violação de direitos.

*“-Você desanima, você tenta ir, você tenta levar, você conversa, mas você chega lá, quem podia te ajudar diz que não tem o que fazer. Daí te desmotiva né”. (ES1).*



*“- Não ter apoio de ninguém, você chegar lá no Conselho e o Conselho Tutelar dizer que não tem o que fazer, que é pra deixar do jeito que ta, porque se você mexer é pior”. (ES2).*

Existem documentos normativos que reforçam a obrigação dos cidadãos de promover o acesso aos direitos da infância e adolescência, preservando sua vida e seu desenvolvimento pleno. Na ocasião de omissão dos direitos, a legislação brasileira direciona punição legal para o sujeito que omite e ao violador do direito: “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”. (ECA, 1990, p. 001).

*“- Eles estão ali pra atender esse tipo de adolescente e não querem né”. (ES2).*

Ademais, o ECA (1990) expõe em seu Artigo 98 os sujeitos responsáveis pelas medidas de proteção da infância e adolescência: envolve-se Estado, família e sociedade civil como responsáveis da preservação à vida.

Art. 98. As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados: I - por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II - por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável; III - em razão de sua conduta. (ECA, 1990, p. 19).

Na apreensão dos sentidos das educadoras sociais e pedagogas escolares, evidencia-se o reconhecimento da importância da efetivação da preservação dos direitos das crianças e adolescentes. Que não seja apresentada apenas no documento, as participantes expõem a iniciativa de promover um trabalho coletivo, em rede.

*“- Então não adianta uma pessoa sentar lá e fazer lei e pronto, acabou. Tem que ter alguém que realmente vá atrás, que vá ver as comunidades, que vá ver o que dá pra fazer, sabe?”. (ES1).*

*“- Essa Rede poderia subsidiar a gente e a gente trabalhar junto, porque a escola não se nega a trabalhar, mas ela precisa que tenha um apoio”. (PE1).*

*“- Você passa um caso para a psicóloga, a psicóloga vai, conversa com a mãe mas não diz: “óh, conversei assim”. Não precisa contar tudo né, mas uma noção pra gente saber como trabalhar com esse adolescente”. (ES1).*

Na efetivação do atendimento à criança e ao adolescente, salienta-se a necessidade do aprimoramento do atendimento e fortalecimento das relações entre educadores sociais, pedagogos, docentes, psicólogos, assistentes sociais, gestores e outros técnicos atuantes na área da infância e adolescência. Com a sensibilização dos profissionais, possibilita-se a transformação de realidades e a consciência da educação preventiva integral, tão importante para a superação do abuso de drogas.

#### 4.2.4 Escassez de conhecimento na área de prevenção

Além da escassez de suporte técnico/especializado e ausência de diálogo entre os profissionais, tanto as educadoras sociais, quanto as pedagogas escolares narram que não possuem conhecimento na área de prevenção, devido à ausência de formação e preparo na área de abuso de drogas, tanto na inicial, quanto continuada.

As educadoras sociais expõem que o Curso de Formação de Docentes e o Curso de Pedagogia não oportunizaram discussões relacionadas à prevenção do abuso de drogas. Os estudos eram voltados para a atuação do educador em sala de aula, compondo-se de planejamentos e didática escolar.

*“- Não, no magistério não. Porque o magistério, ele te prepara pra Educação Infantil e séries iniciais né, você vai dar aula ali pra Educação Infantil, trabalhar em creche ou séries iniciais do Ensino Fundamental. [...] mas, preparação de como você vai trabalhar com adolescentes em situação que usam drogas, entorpecentes não, nenhuma”. (ES1).*

*“- Eu acho que a Pedagogia foi muita teoria sabe, muita teoria, teoria, se preocupa em dá teoria e a prática pecou muito”. (ES2).*

As pedagogas também mencionaram que em suas formações não havia abordagens da educação preventiva. Porém, salientaram que o único aspecto mencionado sobre a temática, ao longo dos cursos, era no âmbito da saúde. Com uma abordagem clínica, obtiveram conhecimentos pontuais sobre o tratamento do dependente químico<sup>33</sup>. Voltada à educação, a prevenção não era abordada.

*“- Na verdade assim, fui muito tempo atrás, então, a gente não tinha assim, não era tão aberta esta questão né, de discussão sobre, com relação à droga. A gente até viu na minha formação inicial algumas coisas na área de Psicologia né, que eu tive na época da faculdade, aula de Psicologia. Então, eu tive algumas coisas assim com relação ao uso de drogas, as consequências, mas, nada assim, como prevenção não”. (PE1).*

Na formação continuada o cenário não é diferente. As manifestações das educadoras sociais e das pedagogas escolares reforçam o conteúdo limitado, salientando a dificuldade de atuar com a prevenção, uma vez que não há muito diálogo sobre a temática dentro dos espaços de atuação.

*“- Mas no curso [Serviço Social] mesmo a gente não teve nenhuma preparação pra trabalhar com o adolescente sobre a prevenção de drogas”. (ES3).*

*“- Porque quando você entra naquele trabalho, você não tem esse embasamento e você encontra muita dificuldade de agir, de saber lidar e de saber como enfrentar aquela situação”. (ES3).*

*“- Então, a gente não tinha assim, não era tão aberta esta questão né, de discussão sobre, com relação à droga”. (PE1).*

Devido à ausência de formação sobre prevenção do abuso de drogas, ocorre o não aprofundamento teórico, a falta de preparo na área e, conseqüentemente, a escassez de diálogo sobre a temática.

---

<sup>33</sup> “Pessoa que, por seu padrão de consumo de drogas, desenvolveu a dependência química a uma ou mais substâncias”. (ASINELLI-LUZ, 2014, p. 395).

*“- A gente falava mais o que a gente achava, é o “achismo”. [...] Daí a gente se encerra né e a gente não tem uma preparação”. (ES2).*

*“- Eu preciso de uma formação muito maior pra eu poder né, digamos assim, me aprofundar no tema ou no assunto. Então é uma coisa muito mais superficial”. (ES3).*

*“- Mesmo nas semanas pedagógicas que a gente tem do Estado, nada é específico sobre isso sabe? Tem uma ou outra coisa que eles vão falar sobre isso, mas é muito superficial”. (PE1).*

Com o desenvolvimento da compreensão do território e das demandas em que estão inseridas, as educadoras sociais e pedagogas escolares reconhecem a relevância de dialogar e trabalhar sobre abuso de drogas, mesmo com a dificuldade de formação na área sobre prevenção. As participantes salientam que ainda há pouco conhecimento na temática, não incentivo da gestão, pouco ou nenhum tempo para estudo, reforçando novamente a necessidade de obter formação e suporte especializado/técnico.

*“- [...] é muito pouco sabe, então, de repente é uma coisa de você pensar, uma coisa de se ver pra se oferecer muito mais formação nesse sentido, porque ele ainda é defasado”. (PE1).*

*“- Então eu acho de extrema importância a qualificação, que nós infelizmente não temos”. (ES3).*

Novamente salienta-se a necessidade de formação das educadoras sociais e pedagogas escolares, devido a importância de compreender as dimensões mais profundas e determinantes dos problemas relacionados à adolescência. Com a intervenção consciente e qualificada de um profissional, há possibilidade de romper o isolamento e superar os problemas sem violar o universo pessoal.

#### 4.2.5 Reconhecimento da necessidade de formação

Com a ausência de formação, as participantes reconhecem a importância da formação sobre o abuso de drogas. Em específico, as educadoras sociais além de verbalizar sobre a relevância e necessidade de embasamentos voltados à educação preventiva, reforçam essa qualificação no âmbito profissional, de caracterização e direcionamento de suas funções.

*“- Mas eu acho que prevenção é muito importante, nós como educadora, até aqui pelo local que a gente trabalha, acho que a gente deveria ter mais capacitações sobre o assunto. Porque a gente só trabalha com adolescentes aqui”.* (ES1).

*“- Eu acho que tinha que ter desde o começo né, ter desde lá do Magistério. Tinha que ter uma coisa mais aprofundada, faculdade tinha que ter, nossa cem por cento isso né, porque você tá ali pra trabalhar com todo esse público”.* (ES2).

*“- Buscando se atualizar, se preparar e se capacitar, mas eu acredito que a capacitação a qualificação pro educador social ele tem que ser contínua né, porque os tempos vão mudando, outros problemas vão surgindo, então a preparação deve ser contínua sem dúvida”.* (ES3).

Todas as dificuldades enfrentadas pelas educadoras sociais e as pedagogas escolares oportunizam o reconhecimento da importância da formação humana para a superação de conflitos. Com a necessidade de efetivar as políticas públicas longe da proibição e próxima ao respeito ao desenvolvimento do adolescente e suas relações, expõem em suas narrativas a importância da mediação adulta na infância e adolescência, em cumprimento à legislação e em parceria às gestões públicas.

*“- A prefeitura, o órgão do qual o educador pertence né, seja Estado ou seja prefeitura, seja uma ONG, eu acho que é necessário o poder público estar oferecendo capacitação e o educador mesmo estar buscando dentro das suas possibilidades”.* (ES3).

*“- Então eu acho que fica muito a desejar né, acho que tem que ser feito, as autoridades te que pensar numa política mais efetiva em relação a isso. (PE3).*

No contexto dos adolescentes, o adulto não deverá atuar como um sujeito autoritário, pelo contrário, atuar sim como sensibilidade, voltado ao respeito mútuo e à reciprocidade. Buscam-se ações integrativas, de libertação e transcendência, de ir além dos problemas, uma vez que a vida é muito mais que dificuldades. Faz-se necessário incentivar a confiança, simpatia, definindo os caminhos de maneira horizontal e coletiva. (COSTA, 1997).

À medida que o adolescente traça sua trajetória junto ao educador, possibilita-o segurança e sentimento de capacidade. Implica-se em um trabalho direcionado à existência humana, com o ato de observar, compreender e auxiliar coletivamente e respeitosamente o outro, com vista ao protagonismo juvenil.

É nesse âmbito que se discute a importância da capacitação para educadores sociais e pedagogos nos diversos espaços de atuação. Devem tornar-se alvo de reflexões e discussões nas políticas públicas, oferecendo práticas de prevenção educativa para a qualidade de vida do sujeito e de suas relações, contribuindo para uma sociedade mais colaborativa e justa. Inclui-se pra isso o desenvolvimento de ações voltadas às demandas dos sujeitos, possibilitando a sua construção humana, social, política, cultural e ética.

#### 4.3 NÚCLEO II – SER

O Núcleo II, denominado “Ser”, promove a apresentação dos sentidos apreendidos de todas as narrativas, expressões, posicionamentos das profissionais que estão relacionadas à vida pessoal e profissional (QUADRO 11).

QUADRO 11 – NÚCLEO II – SER - E RESPECTIVOS PRÉ-INDICADORES

<p><b>“Ser”</b></p> <p>Serão</p> <p>discutidos/apresentados</p> <p>todas as respostas, falas,</p> <p>posicionamentos que dizem</p> <p>respeito à sua vida pessoal</p> <p>e profissional</p> <p>(perfil/identidade)</p>	<p>Desejo de ser diferente</p> <p>Experiência como docente</p> <p>Fator pessoal incentivou busca por estudos</p> <p>Interesse em falar e trabalhar sobre a temática</p> <p>Interesse na área da Educação</p> <p>Magistério como necessidade – precisava trabalhar</p> <p>Na dificuldade se fortalece</p> <p>Necessidade da profissional ser ouvida</p> <p>Persistência</p> <p>Realização profissional</p> <p>Referência familiar</p>
--	--

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2017).

Os indicadores apontaram dois aspectos fundamentais: um relacionado aos fatores pessoais, em que demonstram a compreensão sobre prevenção a partir da sua essência e de suas experiências. Um segundo ponto refere-se aos conflitos internos que fomentaram a construção da identidade e das concepções, compondo-se das vivências que transformam o ser.

#### 4.3.1 Compreensão sobre prevenção a partir do seu ser

O primeiro aspecto a ser apresentado evidencia que as participantes constroem suas concepções por meio da experiência, em que oportunizou e oportuniza adquirir visão sobre a temática da prevenção do abuso de drogas.

Evidencia-se que as profissionais do Centro da Juventude buscaram o curso de Formação de Docentes por motivação própria, em que o fator pessoal incentivou buscar por estudos. As pedagogas escolares expressaram que a formação ocorreu devido à necessidade de trabalhar, reconhecendo na qualificação uma oportunidade de realização profissional. Visto a prática antecedente do desenvolvimento teórico na área da educação, revelaram a experiência docente e posteriormente a formação.

*“- Eu fiz pensando em auxiliar o meu filho [...]. Eu queria compreender ele e os professores”. (ES1).*

*“- Eu vim do interior e eu não tinha condições de cursar uma faculdade né, então eu soube que tinha o Magistério”. (ES3).*

*“- Eu tinha que estudar em um período que fosse só as quatro horas né, as vinte horas semanais, porque eu não podia desperdiçar”. (PE1).*

*“- Bem no inicio, assim, a gente fazia porque era opção da cidade né. A gente fazia Magistério e acabava indo dar aula. A gente às vezes nem tava tão informado e já tava trabalhando”. (PE2).*

*“- Não, é que eu sempre tinha objetivo de fazer um curso superior, então como eu trabalhei já como professora de séries iniciais, havia uma necessidade também de prosseguir nos estudos, aí foi aí que eu ingressei no Curso de Pedagogia”. (PE3).*

Em relação às vivências, as educadoras sociais e as pedagogas escolares destacaram que a prática oportunizou compreender a temática da prevenção do abuso de drogas. Ademais, suas referências familiares e experiências incentivaram o entendimento de processos e inferências sobre os comportamentos, concebendo a educação preventiva por meio da sua essência enquanto ser humano.

*“- A noção sim né, porque daí como a gente já é mãe de adolescente, então é bem né, já tá no caminho”. (ES1).*

*“- Porque eu tive uma adolescência totalmente diferente da adolescência que eu vejo hoje, da adolescência que eu tenho contato hoje no meu dia a dia né”. (ES3).*

*“- Porque enquanto mãe a preocupação né, Deus o livre se meu filho né, a gente quer que esteja longe disso com certeza né”. (PE3).*

Mesmo com as dificuldades e ações restritas sobre a temática, as participantes apresentaram interesse em falar e trabalhar sobre a prevenção do



abuso de drogas dentro do âmbito da educação. Com a percepção pessoal sobre essa temática, revelaram importância ao desenvolvimento humano e à sua construção plena.

#### 4.3.2 Vivências que transformam o ser

O segundo ponto emergido dos indicadores apresenta que os conflitos externos (ausência de formação, prática limitada, atuação isolada, experiência com adolescentes e abuso de drogas, etc.) proporcionam conflitos internos (insegurança, medo, impotência, tristeza, etc.), que, por sua vez, desencadeiam o processo de formação enquanto ser humano (respeito ao próximo, tolerância, olhar atento, persistência, etc.).

*“- Eu acho assim, que na verdade, a gente não “tá” preparado pra isso. Sempre a gente vai sentir uma certa, assim, insegurança nesse sentido”. (PE1).*

Esse processo de conflitos é característico do desenvolvimento humano, em que se constrói a personalidade por meio de influências biológicas, psicológicas e sociais. O sujeito compõe-se de processos, tempos e contextos que precisam ser observados de maneira abrangente, complexa e relacional, não apenas em seu aspecto individual, mas familiar e comunitário.

Ao longo do ciclo da vida, o desenvolvimento humano toma lugar mediante processos de interação recíproca, progressivamente, mais complexos de um organismo humano ativo, biopsicologicamente em evolução, com as pessoas, os objetos e os símbolos presentes no seu ambiente imediato. Para ser efetiva, a interação deve ocorrer em uma base regular, em períodos estendidos de tempo. Essas formas duradouras de interação no ambiente imediato são denominadas como processo proximal. (BRONFENBRENNER, 2011, p.29).

Torna-se essencial obter um olhar mais aprofundado sobre a estrutura do ser humano, do respeito ao seu desenvolvimento e a percepção que todos se pautam em relações. A partir desse olhar sobre o indivíduo e suas relações familiares e comunitárias, podem-se construir ações preventivas que focam na pessoa, na sua história de vida, necessidades e potencialidades. Possibilitar escolhas que minimizem o seu problema ao invés de agravá-lo.

Pensar no contexto do abuso de drogas requer reforço da concepção de que qualquer intervenção é melhor do que nenhuma. Intervir antes de chegar à situação grave, pois, quanto mais agravado o problema, mais difícil tornar-se-à o tratamento. Para isso, o educador e o educando necessitam estabelecer conexão, interação e reciprocidade.

Essa reciprocidade pode ser considerada em três aspectos: a primeira como relação para alcançar a profundidade nas ações e assimilações. A segunda para a organização dos conceitos essenciais para compreender, além da relação coletiva, a aproximação consigo mesmo (autodomínio, persistência, amor próprio, promovendo uma interioridade que transforma a identidade). O terceiro aspecto salienta que a reciprocidade advém da inter-relação entre o coletivo e o individual, promovendo dinamismo entre a socialização e a auto-edificação. Aqui, resulta-se a simpatia e as dimensões de reconhecimento humano. (COSTA, 1997).

Esses três aspectos da reciprocidade necessitam ser trabalhadas com atenção em todas as fases do desenvolvimento humano. Com o adolescente, em específico, promove-se o resgate das potencialidades para o enfrentamento e solução dos problemas. Desse modo, com o desejo de modificar o quadro de abuso de drogas na adolescência, as participantes salientam o interesse em dialogar e atuar na educação preventiva, de modo a utilizar a dificuldade para se fortalecer, persistir, para a promoção dos direitos fundamentais na infância e adolescência.

*“- Mas, você sabe que na hora que você vê a coisa acontecer, assim, você se sente bem, se sente forte, dá pra abordar tranquilamente”. (ES1).*

Nos depoimentos, há o surgimento de um sentido muito relevante, relacionado à necessidade da profissional ser ouvida. No momento em que a pesquisadora se despede, uma das educadoras sociais agradece a oportunidade da escuta, pela atenção às suas vivências e angústias. Com as problemáticas que enfrenta, revela a emergência de possuir vez e voz, de obter apoio técnico/especializado.

*“- Imagina, sempre é bom conversar assim, alguém que nos escute”. (ES2).*

Com as experiências, tanto as educadoras sociais, quanto as pedagogas escolares, relataram um olhar atento às demandas sociais, principalmente relacionadas ao abuso de drogas. Para isso, reforçaram a importância pela formação, pela busca por materiais teóricos referentes à sua atuação, em que as experiências já não são suficientes para suprir a demanda advinda dos adolescentes.

#### 4.4 NÚCLEO III – CONHECER

O Núcleo III relacionado ao “Conhecer” revela a apreensão dos sentidos das educadoras sociais e pedagogas escolares referentes aos conhecimentos, informações, procedimentos, leituras, formações iniciais e continuadas que realizam relacionadas ao tema de prevenção do abuso de drogas (QUADRO 12).

QUADRO 12 – NÚCLEO III – CONHECER - E RESPECTIVOS PRÉ-INDICADORES

<p><b>“Conhecer”</b></p> <p>Serão ligadas as manifestações dos educadores sociais e pedagogos referentes aos conhecimentos, informações, leituras, embasamentos formações iniciais e continuadas que realizam relacionados ao tema drogas</p>	<p>Aprendizagem via experiência  Abuso de drogas na família – referência familiar  Acesso à informação/estudos  Comparação  Conhecimento da realidade  Envolvimento da família: preocupação com tratamento e não com prevenção.  Formação na área como "obrigação" e não necessidade  Havia estudado sobre conseqüências e não com prevenção.  Mídia  Percebe mudança ao trabalhar com prevenção  Propaganda e contrapropaganda  Questionamentos  Reflexão sobre abuso de drogas  Temática tratada na formação continuada e não inicial</p>
---	---

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2017).

Os pré-indicadores e indicadores demonstram três aspectos: 1. Viver oportuniza aprendizagem; 2. Conhecimentos relacionados à prevenção do abuso de drogas na adolescência e 3. Alternativas de formação e conhecimento sobre a

temática de prevenção. Esses três pontos evidenciam os embasamentos teóricos e práticos das pedagogas escolares e das educadoras sociais, possibilitando a compreensão de suas bases profissionais para a atuação em prevenção.

#### 4.4.1 Viver oportuniza aprendizagem

O primeiro fator, relacionado à “vivência oportunizar aprendizagem”, reforça que a ausência de formação na área profissional ocasiona a experiência de “aprender fazendo”, ou seja, a prática advém antes do estudo teórico.

*“- Mas é o dia a dia mesmo da gente, que a gente vai adquirindo experiência, é todo um tato pra conversar com aluno né sobre isso”. (PE3).*

*“- A bagagem que eu tenho agora, eu acho que eu fui aprendendo ao longo do meu trabalho né, porque no trabalho do educador social, a gente se depara muito com adolescentes que são usuários de drogas, que são agressivos”. (ES3).*

*“- Eu fui aprendendo, entrei e fui aprendendo, fui analisando a realidade deles, como que eles se comportavam, e fui elaborando meu trabalho em cima disso, em cima da realidade deles”. (ES2).*

*“- Mas, é claro que pra você ter mesmo um conhecimento ou ter alguma coisa muito mais plausível, é só você trabalhando na prática”. (PE1).*

O educador, na condição de pedagogo ou da área da educação não escolar, ao longo de sua jornada trabalhou por meio da prática e posteriormente constituiu as teorias de fundamentação profissional. Devido a atuação voltada para a formação humana e suas relações, tornou-se necessário a promoção de discussões sobre a elaboração de documentos normativos para as suas ações. Com as demandas que surgiam ao longo da trajetória, reforçava as exigências de domínio de determinados conteúdos, o conhecimento de práticas pedagógicas e de procedimentos dos serviços socioeducativos e de convivência. (PARREIRA; JOSÉ FILHO, 2010).

O ser humano possibilita que suas vivências se transformem em conhecimento. Para Costa (1997), a prática é uma aptidão possível de ser

apreendida e para isso, o sujeito necessita estar presente de maneira construtiva, compromissada e sensibilizada. O ato complexo de “estar junto” incentiva a disposição interior, em que promove a relação horizontal ante o educador e o educando, despertando significados com base na tolerância, no respeito, compromisso e na solidariedade.

A interação educador-educando ocorre devido à dialética proximidade-distanciamento, em que correspondem à identificação das problemáticas de maneira empática e significativa. Por um olhar planetário, observa-se o que configura o desenvolvimento da ação educativa e para isso, o educador necessita da presença construtiva, assumindo um papel emancipador de aprendizado prático e teórico. (COSTA, 1997).

Nesse âmbito, para a aprendizagem ocorrer via experiência, as participantes expressaram a escuta e acolhida da realidade dos adolescentes e seus familiares, compreendendo que há nas famílias de seus educandos referências que promovem o abuso de drogas.

*“- Os pais deixavam, então, lá você vê que os pais dão a permissão. Você pode beber, você bebe junto comigo, os pais bebem juntos, fumam juntos. Então os pais alimentam o vício mesmo”.* (ES2).

*“- Mas, tem outros que fumam, que bebem e daí, como que você vai falar pro teu filho que não é pra fumar, não é pra beber, se você faz isso né?”.* (PE1).

*“- Porque os pais eram usuários, porque o irmão era usuário né, ou porque ela vem de uma comunidade que o tráfico, a violência é bem constante”.* (ES3).

*“- Porque os alunos, eles eram de famílias de alcoólatras também que as vezes o pai e a mãe eles eram usuários de bebida alcoólica e batiam nesses alunos”.* (PE2).

Os relatos acima das educadoras sociais e das pedagogas escolares evidenciam como a referência familiar oportuniza o abuso ou aversão/distanciamento às drogas. As relações entre pais/responsáveis e os adolescentes revelam fatores de proteção ou de risco para o abuso de substâncias.

A droga significa um espaço na vida de cada sujeito, e, por isso, faz-se necessário “refletir sobre a importância do exemplo para determinar o lugar que a droga ocupa na estrutura dos filhos”. (ASINELLI-LUZ, 2014, p. 388).

Ao dialogar sobre prevenção e o lugar da droga na vida dos adolescentes e seus familiares, os educadores, de modo geral, necessitam compreender o universo de seus educandos. Com o foco no sujeito e não na substância, deve ocorrer o interesse pela sua trajetória de vida, seus contextos, suas relações. Faz-se relevante oportunizar conexões com a sua realidade com os conteúdos de aprendizagem, proporcionando variações entre estímulo e conhecimento. (ASINELLI-LUZ, 2014).

Das seis participantes, apenas uma educadora social verbalizou o trabalho com a prevenção do abuso de drogas. Como resultado, percebe que ocorreram mudanças no comportamento dos adolescentes.

*“- E a gente foi analisando mudanças dentro da sala de aula sabe, onde a gente convivia ali com eles, a mudança de comportamento deles. Quando se falava também, as vezes estavam falando sobre drogas, sobre maconha, o aluno já se manifestava contra sabe, “ah isso não é legal”. (ES3).*

*“- [...] a educadora trabalhou que isso não é legal que as drogas levam pra morte ou pra resultados irreversíveis na saúde né. Então não tem uma consequência boa. Então, eles acabavam se manifestando e se posicionando contra o uso de drogas né, o uso de drogas ilícitas, de álcool de cigarro”. (ES3).*

Observa-se na narrativa da educadora social mencionada acima que há ações que possibilitam aos adolescentes refletir sobre o abuso de drogas e as consequências para suas vidas. De fato, é importante dialogar sobre as influências da substância no comportamento do sujeito, porém, sem que o foco seja a droga. Asinelli-Luz (2014) salienta que é necessário sim compreender o universo da substância e seus efeitos, porém, o conhecimento sobre o humano deve obter a maior atenção. Trabalhar com educação preventiva é estimular a atenção e as práticas para o ser, não para a droga em si.

#### 4.4.2 Conhecimentos relacionados à prevenção do abuso de drogas na adolescência

O primeiro aspecto identificou que a prática advém antes da teoria. O segundo ponto a ser discutido revela os conhecimentos, leituras e informações que as educadoras sociais e pedagogas buscaram relacionados à prevenção do abuso de drogas na adolescência após as suas experiências.

As pedagogas escolares promovem inferência de que no âmbito familiar, o interesse em dialogar sobre abuso de drogas ocorre relacionado ao tratamento, não especificamente à prevenção.

*“- Agora, com relação à família, eu vejo que as famílias só se preocupam e elas só acabam, de repente né, algumas né, é claro, fazendo um trabalho mais específico ou participando mais ativamente de uma luta contra a droga, se eles tem alguém da família”. (PE1).*

Asinelli-Luz (2014) ressalta a importância da família para a prevenção, em que se constituem como o microssistema<sup>34</sup> do sujeito. É ela que possibilitará as primeiras construções de vínculos afetivos, diálogos, cuidado e zelo pela infância e, com isso, tornarse-á determinante no desenvolvimento humano.

Em relação ao abuso de drogas na adolescência, levantam questionamentos relacionados às influências e ao período para iniciar a experimentação. O sentido evidenciado na narrativa aponta para o conhecimento isolado dos fatores que levam ao abuso de drogas.

*“Você fica pensando mas como né? O que que leva a isso, será que realmente é um problema lá do organismo mesmo, que leva ao uso de drogas ou não?”. (PE1).*

Observa-se a preocupação é direcionada para a substância e seus efeitos. Nesse âmbito, de forma alguma se deve tratar o sujeito ou a prevenção de maneira

---

<sup>34</sup> “Um microssistema é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicas. Um ambiente é um local onde as pessoas podem facilmente interagir face a face”. (ASINELLI-LUZ, 2014, p. 394).

isolada. Há a necessidade de compreender a pessoa e seu processo em sua complexidade e totalidade. O fator primordial precisa estar sob o olhar do ser humano, de suas relações sociais e de seu desenvolvimento. (ROSELLI-CRUZ, 2010).

As educadoras sociais não manifestaram expressões sobre os conhecimentos da prevenção do abuso de drogas na família e sobre as experimentações na adolescência. Reforçam em suas narrativas que a ausência de conhecimento não as permite dialogar sobre a temática com segurança.

Com o limitado olhar sobre a prevenção e a experiência nesses contextos, tanto as educadoras sociais, quanto as pedagogas escolares suscitaram questionamentos referentes ao futuro dos adolescentes e jovens e adolescentes brasileiros. A preocupação envolve as consequências do abuso de drogas para o desenvolvimento humano e a perspectiva de vida.

*“- Você pensa, assim, nessa idade já tá, o que você pensa do futuro dessa criança meu Deus! Será que vai reverter esse processo sabe?”. (ES1).*

*“- Você começar a usar a droga, o que que isso vai te trazer futuramente?. (ES3).*

*“- [...] porque ta tão abrangente que os nossos jovens, que a gente fica até se perguntando, o que que vai ser?”. (PE3).*

Além da preocupação com o futuro do sujeito, as profissionais também buscam respostas para as maneiras com que os adolescentes possuem acesso às drogas. Na análise das narrativas, evidencia-se novamente que a concepção referente à substância é considerada de maneira isolada. As pedagogas escolares apontam a problemática envolvendo a ação de traficantes, sujeitos que comercializam a substância e são contraventores da lei.

*“- [...] porque vem aquela questão quem que tá passando, como tá conseguindo né? né”. (PE3).*

O âmbito planetário, da complexidade do ser humano e suas relações reforçam que a reflexão sobre a busca pela droga não seja observada de maneira



isolada. Muitas vezes, a experimentação do adolescente não ocorre devido ao contato com um traficante. As primeiras drogas podem ser ofertadas nas relações com parentes da mesma idade, vizinhos próximos ou até mesmo amigos da instituição escolar. O que ocorre de fato é que, muitas vezes não há a atenção devida para esses meios, tornando o adolescente vulnerável ao abuso de drogas. Desse modo, Roselli-Cruz (2010, p. 44) alerta: “[...] é mais fácil ficar buscando um traficante imaginário do que assumir nossa responsabilidade no processo”.

#### 4.4.3. Alternativas de formação e conhecimento sobre a temática de prevenção.

Após observar que a prática advém antes da teoria e que alguns conhecimentos são limitados devido a escassa informação na área de prevenção do abuso de drogas na adolescência, as educadoras sociais e as pedagogas escolares expõem o terceiro ponto: refere-se às alternativas de formação que recorrem para dialogar sobre a temática.

Os poucos conhecimentos das profissionais em questão relacionados à prevenção do abuso de drogas incide de algumas leituras pontuais (textos online) e da televisão. Expressam que seus estudos são baseados em reportagens e sites de notícias, reforçando o trabalho alienante da mídia para difundir conceitos sobre a temática. As educadoras sociais e pedagogas escolares revelam que os adolescentes também utilizam a mídia como meio de informação e ferramenta para o conhecimento, mesmo que de maneira superficial e limitada.

*“- Que a gente vê muito na TV, eu vejo nas reportagens dos pequeninhos”.* (ES1).

*“- [...] eles estão ouvindo muito falar na televisão né, e as vezes a propaganda não é bem aquilo, eles entendem até de forma diferente”.* (PE2).

*“- A gente até tenta fazer uma pesquisa”.* (ES2).

*“-A gente até busca algumas coisas, fazer uma leitura, ler algo à respeito, reportagem ou mesmo né, pegar alguma coisa mais teórica sobre o assunto. Mas, mesmo assim, é superficial ainda”.* (PE1).

*“- Eu fiz uma à distância pelo Estado, eu até fiz, eu tenho até um material assim, foi interessante. [...] Ah eu vou ser franca, as vezes se me chama alguma coisa atenção um artigo de revista ainda eu leio”. (PE3).*

Roselli-Cruz (2010) alerta que alguns meios de comunicação – internet e televisão - não promovem ações de educação preventiva em sua totalidade, com o real cunho pedagógico e formador. Conforme a notícia é estruturada e apresentada, ocorre o processo inverso: reforça a divulgação sensacionalista, alienante, com destaque nas quantidades das substâncias e seus respectivos valores ao invés da atenção para o ser humano e a sua influência em sua vida.

O conhecimento adquirido pelos meios de comunicação não suprem toda a demanda das profissionais, assim como dos adolescentes e de outros sujeitos. Na observação das alternativas de acesso à informação e estudos, uma das pedagogas escolares verbaliza que essas leituras ocorrem relacionadas às consequências do abuso de drogas ao invés da prevenção educativa.

*“- [...] o que acontecia se a pessoa utilizasse, fizesse o uso de drogas, etc. e tal. Mas como prevenção, não”. (PE1).*

Além das informações advindas da internet e da televisão, as educadoras sociais e as pedagogas escolares mencionam que as gestões municipais e estaduais ofertam poucos cursos sobre prevenção, tanto na modalidade a distância, quanto presencial. Também, salientam que os estudos complementares ocorrem por meio de cartilhas e de movimentos civis, como as conferências municipais de direito.

*“- Eu faço esses cursos geralmente que tem na prefeitura né, que é conferência, que é algum curso de capacitação. [...] A gente tem algumas cartilhas aqui no Centro da Juventude, que falam sobre a prevenção de drogas, sobre como você trabalha. Já li, já pesquisei também algumas vezes pra me interar mais sobre o assunto, pra ter mais conhecimento também, mas são esses tipos de coisas, a gente não teve assim muito”. (ES3).*

*“- Os cursos eu já fiz tanto pelo Estado, como pelo município, que tanto um ou outro pra você subir, plano de carreira”. (PE2).*

Na conjuntura das gestões e setores governamentais, há evidências de ações puramente reducionistas e opressoras, expondo contradições na prática de políticas públicas. As leis brasileiras de proteção às crianças e adolescentes buscam mecanismos de legitimação e proteção (algumas vezes de repressão), sem considerar os sofrimentos e consequências vivenciadas cotidianamente. Muitas vezes, os documentos apresentados não oportunizam a garantia dos direitos das crianças e adolescentes em sua totalidade. Ao mesmo tempo, profissionais de múltiplas áreas fundamentam-se em instrumentos científicos que mascaram e/ou rejeitam as reais condições dos sujeitos. (COSTA, 1997).

Com a preocupação voltada ao desenvolvimento humano, a oferta de formação na área de educação preventiva ao abuso de drogas deve ser cada vez mais intensa e de qualidade, tanto às famílias, educadores e crianças/adolescentes. A sociedade como um todo necessita adquirir conhecimentos sobre o real sentido da prevenção, o de intervir educativamente por meio do olhar no sujeito e em suas relações.

*“- Então a gente precisaria de realmente de uma informação maior, de uma formação maior, porque não é só informação. Porque assim, você trabalhar com informação é uma coisa, você tem forma, mas, você precisa formar pessoas que realmente percebam que isso não é só aquela fala ali de momento, momentânea, que aquilo tem que ser uma conduta pra vida toda né”. (PE3).*

Constatou-se que as ferramentas para auxiliar nos estudos estavam pautadas em sites de internet e na televisão. Assim, chama-se a atenção aos significados dos depoimentos, em que, mesmo com a procura de informação sobre a prevenção, as educadoras sociais e as pedagogas escolares declararam não participar de muitos cursos específicos na área e sim, apenas de leituras pontuais. Desse modo, expressam concepções limitadas sobre a adolescência, abuso de drogas, prevenção. As representações são de acordo com as suas experiências.

Nesse contexto, se reforça a importância da teoria para a prática e vice e versa. De um lado a necessidade de integrar estudos para a solidificação da prática

e de outro, a ação como aquisição de conhecimento científico. Por isso, o educador, de modo geral, necessita de cuidados para utilizar-se de conceitos coerentes, compreendendo legislações para efetivar vivências com respeito e tolerância. (COSTA, 1997).

A observação se faz presente, como meio de compreender o contexto e os sujeitos. Aproxima-se do problema e auxilia na educação emancipadora, na construção da consciência de estar no mundo, de integrar e contribuir para a condição e desenvolvimento humano.

#### 4.5 NÚCLEO IV – FAZER

O Núcleo IV, denominado “Fazer”, apresenta todos os diálogos voltados às oportunidades de ação concreta na família, na escola ou no campo profissional. Também fornece conhecimento das ações pró-sociais e das concepções da prática de Rede de Proteção vivenciada pelas educadoras sociais e pedagogas escolares. (QUADRO 13).

QUADRO 13 – NÚCLEO IV – FAZER - E RESPECTIVOS PRÉ-INDICADORES

<p style="text-align: center;"><b>“Fazer”</b></p> <p>Observará todos os diálogos voltados às oportunidades de ação concreta na família, na escola ou no campo profissional, bem como conhecer as ações pró-sociais, procedimentos e prática de Rede de Proteção vivenciada por eles</p>	<p>Ação rápida para solucionar problema Ajuda quando necessário / suporte para outros profissionais Algumas ferramentas de trabalho Apenas trabalhos pontuais Apoio da equipe de trabalho Apoio externo, outros setores Cenário da prevenção ao abuso de drogas Contato com a realidade do abuso de drogas na adolescência Diálogo com a família Diálogo com os adolescentes, fortalecimento de vínculos Diálogo com os adolescentes, orientação Diálogo com os profissionais Encaminhamento para a rede Na prática é diferente da teoria Olhar atento Possibilitou colocar a teoria em prática Pouco contato com pessoas que abusam de drogas</p>
---	--

	Prática limitada Reconhece o trabalho de outro setor Solicita ajuda quando necessário Trabalho isolado Vínculo com os adolescentes
--	--

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2017).

Nos pré-indicadores e indicadores são apontados dois fatores, um direcionado às ações que as pedagogas e educadoras sociais promovem, tanto individual, quanto coletivamente; e o segundo apresenta as experiências com os adolescentes.

#### 4.5.1 Ações promovidas individual e coletivamente

Na oportunidade de verificar os procedimentos técnicos promovidos pelas educadoras sociais e pedagogas escolares relacionados ao abuso de drogas na adolescência, há no presente Núcleo a apresentação das ferramentas de trabalho e as ações coletivas promovidas na rotina do Centro da Juventude e dos colégios estaduais.

É verbalizado pelas pedagogas escolares e as educadoras sociais a utilização de palestras, teatros, confecção de cartazes, história em quadrinhos, leituras de textos e cartilhas, rodas de conversa e pesquisas via internet para o exercício da prevenção com os adolescentes.

*“- [...] vamos pesquisar aqui, uma idéia na internet, vamos então pesquisar ali, trabalhar ali uma coisa rápida né”. (ES1).*

*“- [...] que daí que fazemos um trabalho com os alunos, foi feito cartazes, foi feito alguma coisa sim, palestra também alguma coisa né”. (PE2).*

*“- Mas, também foi de uma semana, de fazer cartazes, roda de conversa, teatro”. (ES2).*

*“- Então a gente vai em busca de material, de repente as vezes falta um professor, ou as vezes a gente pede licença até pra aula do professor. Eu preciso naquela turma trabalhar tal tema, então eu vou fazer essa abordagem dentro de um texto, daí que eu jogo pra eles fazer uma reflexão”. (PE3).*

As pedagogas escolares evidenciam que executam ações diretamente com os discentes, porém, com os docentes, não promovem nenhum trabalho específico sobre prevenção do abuso de drogas. A apreensão dos sentidos possibilita identificar que sem a formação adequada, não se sentem preparadas para atuar com o grupo de professores. Em relação à dificuldade de atuação pedagógica, salienta-se que, “se a informação ajuda, por outro lado a sua ausência fragiliza ainda mais quem dela necessita para tomada de decisão. Muitas são as fontes de informação embora poucas sejam direcionadas para pais/mães e professores (as)”. (ASINELLI-LUZ, 2014, p. 314).

É necessário reforçar a relevância do trabalho do pedagogo com o professor, pois, devido o longo período que o docente permanece em sala de aula, torna-se um agente multiplicador das ações preventivas. Para isso, necessita de suporte para possibilitar a compreensão do campo preventivo e, principalmente, conhecimento sobre desenvolvimento e seres humanos.

Além da dificuldade de suporte para os profissionais, identifica-se que as ações, posturas e ideias sobre prevenção que são promovidas nos colégios estaduais e no Centro da Juventude expõem um cenário de atuação pontual. Há indícios que são promovidas as atividades apenas em momentos específicos, de maneira isolada e rápida.

*“- Então assim, são na semana de prevenção do uso de drogas, então você vai trabalhar aquela semana. Você até retoma algumas coisas, mas não que seja assim: “ah eu vou trabalhar o ano todo, eu vou fazer uma conscientização o ano todo”. Isso não acontece tá, isso não acontece”. (PE1).*

*“- A gente tem épocas específicas para isso, você pode até trabalhar: “ah trabalhei aquela semana de prevenção ao uso de drogas”. (ES1).*

O trabalho pontual em prevenção expressa fracassos nos resultados. Prevenir não significa apenas informar ou apresentar conteúdos sobre abuso de drogas e seus fatores de proteção e de risco. Como já mencionado ao longo das discussões, trata-se de uma postura voltada para a qualidade de vida e desenvolvimento humano, na compreensão dos conflitos e possibilidades de caminhar juntos para a superação dos problemas.

Daí a importância dos limites e a educação em valores como medidas essenciais de prevenção, não só em relação ao abuso de drogas, como também no processo de desenvolvimento da resiliência, superando diferentes dificuldades e conflitos, comuns na vida em sociedade, em especial na fase escolar. (ASINELLI-LUZ, 2014, p. 392).

Por abordar a prevenção para os sujeitos e suas relações e contextos, faz-se necessário que seja promovida ao longo da vida. Para isso, exige tempo, planejamento e pessoas conscientes de suas ações. A educação preventiva não se faz apenas no “dia de combate às drogas”, mas sim em todas as oportunidades de diálogo e reflexão sobre a sociedade. Roselli-Cruz (2010) salienta que prevenir é um processo complexo, que reforça ações de amor, respeito, tolerância, de sonhar e possibilitar a transformação pessoal e social. Por isso, esse ato não deve ser promovido em eventos isolados.

Outro fator de fracasso da prevenção é aquele que considera esta atividade um evento isolado, dissociado de um planejamento global ou integrado. A execução de eventos isolados como palestras, dia da prevenção, mural da prevenção, etc. Não caracteriza a prevenção propriamente dita: ela deve ser fruto de um processo educacional constante, com formação de valores e incentivo a uma cultura para valores preventivos em relação a drogas, mas também à gestação precoce, à higiene, ao saneamento básico, entre outros fatores. (ROSELLI-CRUZ, 2010, p. 45).

Além de ser um processo contínuo, a educação preventiva precisa de planejamento e conhecimento sobre o ser humano. Ao dialogar sobre as ferramentas de trabalho e os respectivos conteúdos, as educadoras sociais e pedagogas escolares expressam o sentido de prevenção voltada aos efeitos e consequências da substância, ligado a um fator assustador, traumático.

Alguns modelos de prevenção utilizam a ciência como ferramenta para afastar o sujeito da droga. Com a estratégia do medo e do terror, salientam os malefícios da droga, geralmente atrelados à morte. Porém, ao expressar o discurso do mal, acaba-se suscitando a curiosidade e/ou dúvidas em relação às substâncias, contestando

muitas vezes o que está expresso em estudos referentes à temática. Desse modo, “com o pretexto de se passar informações científicas sobre as drogas, exageram nos seus efeitos, fatos são distorcidos, dúvidas científicas se transformam em verdades, e muitas certezas da ciência são escamoteadas”. (ROSELLI-CRUZ, 2010, p. 49).

*“- Então a gente pesquisou sobre as drogas, que tem as lícitas e as ilícitas, as conseqüências do uso de drogas pra eles né, que existem outras saídas né, que a droga ela não trás benefício pra ninguém né, então a gente trabalhou bastante a consequência, pra onde que quem usa drogas ou trafica qual é o futuro dessas pessoas”. (ES3).*

*“- Porque lá, é mais presente a bebida né, aí, de outras drogas eles não falaram muito não, mas foi uma conversa com os adolescentes que teve lá entre eles né, a gente não participou dessa conversa”. (ES2).*

Mais uma vez, os sentidos apreendidos pelas educadoras sociais estão relacionados aos problemas com as drogas, não com o olhar no sujeito. Sem dúvida, há sim a necessidade do conhecimento sobre as substâncias, porém, não com o objetivo de aprofundar o olhar sobre as drogas (consumo e efeitos) e sim, visar compressão da sua relação com o contexto das crianças e adolescentes. (ASINELLI-LUZ, 2014).

Dessa maneira, uma das educadoras sociais expressa o sentido de que o diálogo facilitará a expansão do olhar sobre o ser humano e suas relações, contribuindo para fortalecer as práticas de educação preventiva.

*“- [...] conversando com a família, conversando com os profissionais, trabalhando em oficinas, fazendo trabalhos, eu acho que trabalhando de todas as formas que sejam possíveis pra estar tentando prevenir sabe”. (ES3).*

Com objetivo de expandir as ações preventivas, as pedagogas escolares ressaltam que a iniciativa de sempre contar com profissionais externos. Uma vez que não se sentem capacitadas para atuar com educação preventiva, evidenciam que sempre recorrem a outros trabalhadores, seja para atuar com palestras, oficinas ou rodas de conversas.



*“- Outra coisa o PROERD, o PROERD que funciona no município, eu acho ele bem interessante, acho que acaba ajudando muito mais também”. (PE1).*

*“- Semana passada eles fizeram alguns teatros, deram as palestras né, que eu disse pra você que eu acabei assistindo, e estão fazendo algumas atividades lúdicas no entorno disso”. (PE1).*

Como posturas, há a possibilidade de apreender o sentido de que as educadoras sociais e as pedagogas possuem o olhar atento para observar as situações e sensibilidade às realidades dos professores e, principalmente dos adolescentes. Destacam a presença do educador/pedagogo, como fator relevante para a compreensão da realidade e do fortalecimento das relações.

Costa (1997) apresenta que é necessário estar presente na vida do educando de maneira construtiva, compromissada e sensibilizada. O ato complexo de “estar junto” incentiva a disposição interior, em que promove a relação horizontal entre o educador e o educando, despertando significados com base na tolerância, no respeito, compromisso e na solidariedade.

*“- Geralmente, quando vem alguém com mochila né, que não é de rotina eles virem de mochila aqui, porque o espaço não exige nada que tragam né. Então, quando estão de mochila geralmente a gente já fica mais observando aquele adolescente”. (ES1)*

*“- Geralmente a gente percebe, vamos supor, um determinado problema na escola”. (PE3).*

*“- Você tem que também estar ali presente pra ver se não acontece o tráfico dentro do Centro da Juventude ou dentro do projeto que está inserido”. (ES3).*

Na exposição das ferramentas de trabalho, emergiram nas narrativas das pedagogas escolares significados de imediatismo para resolver os conflitos. Ao recorrer às fontes de informação, percebem que na prática é diferente da teoria,

dificultando as suas ações. Ademais, com a ausência de conhecimento e formação na área da prevenção, evidenciam prática limitada.

*“- É que também assim, a prática é tudo mais, eu acho que é bem diferente de teoria né, é fácil a gente tá ali, receber as informações tudo, mas na prática cada caso é um caso, a questão da abordagem”. (PE3).*

*“- Ah no dia a dia acho que é mais apagar incêndio”. (PE2).*

O diálogo é outra maneira de trabalhar a educação preventiva. Embora as educadoras sociais e as pedagogas escolares tenham expressado ausência e dificuldade de conversa, evidenciam em suas narrativas a relevância do diálogo com os adolescentes e suas famílias, investindo no fortalecimento de vínculos para oportunizar aproximação, interação e orientações preventivas (apresentação no item 4.5.2).

Coletivamente, ao dialogar sobre as alternativas de apoio externo, auxílio por meio de órgãos além dos muros da escola e dos espaços não-escolares, as pedagogas escolares destacam que solicitam ajuda quando necessário. O sentido apreendido expressa que a ausência de conhecimento suscita a chamada para contribuir com o trabalho na escola. Porém, as educadoras sociais assumem um trabalho isolado no Centro da Juventude. O item 4.2.3, referente à escassez de suporte técnico e ausência de diálogo entre profissionais, reforçando a diferença entre as profissionais. Enquanto as pedagogas destacam que a Rede de Proteção caminha a pequenos passos, com pouca efetividade, as educadoras sociais denunciam a ausência desse trabalho no âmbito da educação não escolar. Desse modo, declaram que o trabalho na instituição ocorre de maneira isolada.

*“- Existe a rede de proteção do município, nós mesmo de estado né, se a gente precisar de alguma coisa, a gente tem que encaminhar pra rede de proteção do município”. (PE2).*

*“- Eu prefiro pedir ajuda pra alguém que venha né, a solicitar a ajuda de alguém que tenha mais conhecimento, um conhecimento na verdade muito mais profundo do que o meu”. (PE1).*

*“- O que a gente tem bastante ajuda é da patrulha escolar mesmo, que se gente conversar com eles, eles até se dispõe de vir conversar com os alunos né, pra dar uma orientação também né, falar até um pouquinho da parte legal assim né, porque eles tem que ter esse conhecimento também né”. (PE3).*

*“- Nós trabalhamos e andamos sozinhas aqui”. (ES1).*

Outras narrativas possibilitam apreender o sentido de ausência de trabalho em rede à medida que as participantes são questionadas sobre o apoio externo que possuem para o atendimento ou encaminhamento relacionado ao abuso de drogas. As educadoras sociais expressam que repassam as informações à equipe do CRAS e a Guarda Municipal. Já as pedagogas escolares, buscam apoiar-se em profissionais da patrulha escolar e do PROERD.

Observa-se nesses discursos que há o afastamento do âmbito pedagógico para ressaltar a ação repressiva, onde os agentes de segurança tornam-se referências para solucionar ou amenizar um conflito dentro dos espaços sociais e escolares. Essas posturas podem ocorrer devido ao escasso apoio externo que as educadoras sociais e pedagogas escolares possuem, apresentando a Guarda Municipal e os Policiais Militares como os profissionais mais próximos para auxiliá-las.

*“- A gente passa né, porque a gente não consegue encaminhar nada dali né, a gente passa para o CRAS e daí dali a gente espera que a gente pede retorno, mas nunca tem”. (ES2).*

*“- Recorrer a Guarda quando acontece alguma coisa grave, é a Guarda Municipal que a gente chama”. (ES1).*

*“- A Guarda Municipal passou a vir fazer visitas mais freqüentes aqui no Centro da Juventude também pra de alguma maneira ta colocando uma espécie de pra que esses alunos percebam que existe um controle aqui dentro né”.*

*“- E aí quando você recebe uma denuncia você chama a patrulha. A patrulha vem, faz aquele atendimento”. (PE1).*

*“- Geralmente assim, só o pessoal lá, os policiais do PROERD né, eles geralmente fazem uma palestra [...]”. (PE2).*

*“- O que a gente tem bastante ajuda é da patrulha escolar mesmo, que se a gente conversar com eles, eles até se dispõem de vir conversar com os alunos né”. (PE3).*

Ao mencionar a Guarda Municipal e a Patrulha Escolar, explicam que a intenção é inibir os adolescentes para que não promovam o contato com a substância. A real intenção da prevenção educativa é respeitar o sujeito em suas relações, espaço e tempo, jamais no atributo da proibição ou do chocante. Desse modo, as ações devem ser educativas. Rosell-Cruz (2010, p. 232) reforça: “O trabalho preventivo, face uma determinada situação de dependência, se faz através de um processo educativo”.

Com os sentidos apreendidos nos depoimentos referentes às alternativas coletivas sobre os atendimentos aos adolescentes, percebe-se novamente que as profissionais buscam auxílio para atuar com a suspeita ou constatação de abuso de drogas. Não expressam iniciativas de conhecimento dos encaminhamentos que necessitam operar sobre a evidência de um abuso, tampouco desenvolvem ações relacionadas à educação preventiva.

#### 4.5.2 Experiências com os adolescentes

O presente item revela algumas experiências que as educadoras sociais e as pedagogas escolares obtiveram com os adolescentes referentes ao abuso de drogas. São apresentados breves relatos sobre suas vivências, com o objetivo de expressar os significados sobre suas posturas e olhares na temática.

*“- Você vê muito né, então na rua você presencia muito, as crianças... Então ali até pra você ir ao mercado você vê eles usando. (ES2).*

*“- [...] falar sobre as drogas como algo normal, camisetas, bonés com símbolos de folha de maconha tinha bastante, tinha até um aluno que o apelido dele era Begue”. (ES3).*

*“- Então, a gente via bastante questão mesmo de alunos: ou que conviviam com pais que eram usuários ou os próprios alunos, que desde pequenos que se tornavam usuários. Ou se não se tornavam usuários, eles acabavam se tornando aviõezinhos né, de traficantes. (PE1).*

São muitas as histórias e lembranças apresentadas pelas educadoras sociais e pedagogas escolares, cada uma em sua complexidade e contexto. Ao lembrar-se de momentos junto aos adolescentes, as profissionais narram que existem oportunidades para compreender a realidade familiar e social dos sujeitos com que atuam.

Embora em algumas narrativas expressem a dificuldade de diálogo com os adolescentes, também evidenciam que a confiança oportuniza a aproximação entre eles. Nesse momento dos diálogos, destacam que suas ações pró-sociais estão relacionadas à conversa, à preocupação com o adolescente e seu desenvolvimento, onde buscam dentro do colégio e do Centro da Juventude, alternativas de possibilitar seu crescimento sadio.

Como um comportamento voluntário a fim de beneficiar os adolescentes, as educadoras sociais e as pedagogas escolares expressam que a escuta é uma de suas ações pró-sociais mais desenvolvidas. Devido a escassez de conhecimento na área de prevenção do abuso de drogas, procuram auxiliar os sujeitos por meio do diálogo e da compreensão de suas realidades, angústias e problemáticas. Reforçam em suas narrativas que se preocupam com o quadro atual de aproximação com as substâncias e as vulnerabilidades sociais de seus educandos, despertando o desejo de modificar essa condição para a melhoria do desenvolvimento humano.

*“- Eu fiz um teatro com eles e eles relatam bem certinho o que é dentro de casa”. (ES2).*

*“- [...] e a partir da confiança que eles tem em você eles vão contando a realidade sabe, o que que se passa em casa, o que que se passa na escola, o que*

*que se passa na rua, e eles vão começando a falar sobre isso, a ter mais confiança [...]”.* (ES3).

*“- Isso, conversando ou falando de algum colega né, então as vezes eles acabam trazendo estes fatos pra gente né”.* (PE3).

Mesmo com as dificuldades enfrentadas, com a triste/difícil realidade envolvendo a adolescência, suas vulnerabilidades e/ou riscos sociais, as narrativas das educadoras sociais e das pedagogas expressam o diálogo, a escuta e o fortalecimento de vínculos como canal de prevenção. Reforça-se que, na atuação do educador social deve-se dialogar não apenas com o adolescente, mas, com os outros agentes responsáveis pela preservação dos direitos da infância e adolescência.

Neste contexto, o papel do educador social não é apenas essencial na análise e diagnóstico das necessidades e atitudes do consumo de drogas, mas também na coordenação do processo e promoção de recursos entre o indivíduo, a família e a escola. (SOCIAS; CERDA, 1994, p. 335).

No âmbito do trabalho da escola, os pedagogos, docentes, diretores e demais profissionais também devem proporcionar discussões além da visão do abuso das drogas. É necessário que se utilize de seus recursos pedagógicos para desenvolver ações voltadas ao desenvolvimento humano e à qualidade de vida, que possibilitem reforçar os modelos positivos na adolescência. (SOCIAS; CERDA, 1994).

#### 4.6 NÚCLEO V – SENTIR

O quinto e último Núcleo de Significação, denominado “Sentir”, evidencia percepções das educadoras sociais e pedagogas escolares, identificando os fatores de proteção e os fatores de risco que conhecem, buscando observar a representação que possuem em relação às temáticas (QUADRO 14).

QUADRO 14 – NÚCLEO V – SENTIR - E RESPECTIVOS PRÉ-INDICADORES

<p style="text-align: center;"><b>“Sentir”</b></p> <p>Salientará as percepções dos profissionais, sentimentos, identificando os fatores de proteção e os fatores de risco que compreendem; buscando observar a representação social apresentada</p>	<p><u>Concepção sobre fatores de proteção</u>  <u>Concepção sobre fatores de risco</u>  <u>Concepção de adolescente/jovem</u>  <u>Concepção de prevenção</u>  <u>Concepção de que, por serem pequenos, não vão fazer uso.</u>  <u>Concepção sobre abuso de drogas</u>  <u>Importância da formação inicial e continuada em prevenção</u>  <u>Importância da prevenção</u>  <u>Importância da Rede de proteção</u>  <u>Importância do diálogo</u>  <u>Importância do pedagogo para trabalhar com prevenção</u>  <u>Importância do respeito</u>  <u>Importância do suporte especializado/técnico</u>  <u>Inferência</u>  <u>Manifestação da diferença entre substâncias – o que é permitido socialmente.</u>  <u>Manifestação de desespero</u>  <u>Manifestação de espanto</u>  <u>Manifestação de pedido de ajuda</u>  <u>Medo</u>  <u>Morte como fim</u>  <u>Normal?</u>  <u>Preocupação</u>  <u>Sentimento de despreparo</u>  <u>Sentimento de impotência</u>  <u>Sentimento de incapacidade</u>  <u>Sentimento de insegurança</u>  <u>Sentimento de pena</u>  <u>Tristeza</u></p>
---	--

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2017).

Com a constituição dos pré-indicadores, surgiram três indicadores: 1. Concepção sobre prevenção do abuso de drogas na adolescência; 2. Sentimentos em relação ao abuso de drogas na adolescência; e 3. Percepção sobre o educador

social e o pedagogo escolar na atuação de prevenção do abuso de drogas junto a adolescentes.

#### 4.6.1 Concepção sobre prevenção do abuso de drogas na adolescência;

Quando questionadas sobre as concepções relacionadas ao abuso de drogas, adolescência, fatores de risco, fatores de proteção e prevenção, tanto as educadoras sociais, quanto as pedagogas escolares expressam o sentido de possuir pouco conhecimento nas temáticas abordadas.

O abuso de drogas com adolescentes é apontado como um fator devastador, que poderá causar a morte. Presente no cotidiano dos sujeitos, tornou-se rotineiro na vida das pessoas, com algumas substâncias permitidas socialmente.

*“- Eles não tem outra saída. Não sabe que o final deles vai ser morte mesmo, porque, se começam como criança, o que você espera né?”. (ES1).*

*“- Agora, droga já é mais assim, acontece, você vê, mas digamos assim, é mais raro você vê do que a bebida alcoólica”. (PE1).*

*“- Da maneira que eles falam das drogas né, que pra eles é uma coisa assim normal, não é uma coisa que vai fazer mal, é uma coisa que faz parte do cotidiano”. (ES3).*

Em relação à concepção de adolescência, destacam que é uma etapa de conflitos devido ao processo de construção de identidade e reconhecimento social. Nessa etapa, tornam-se ainda mais vulneráveis ao abuso de drogas, em que muitos fatores poderão influenciar a experimentação.

Costa (1997) afirma que os educadores das áreas escolares e não escolares possuem concepções e posturas diferentes relacionadas ao adolescente e suas dificuldades de interação social. Apresenta que esses profissionais poderão desenvolver posturas de amputação, reposição e aquisição. A primeira, caracterizada como amputar, considera abordagens co-relacionais e repressivas, reforçando rebeldia e submissão nos adolescentes e condutas violentas e de despersonalização. A segunda postura, com ações de reposição, constitui-se de



práticas assistencialistas em aspectos materiais e de relação. Suscitam privação e carência, suprimindo de maneira mecânica os problemas, acarretando em adolescentes submissos. Por fim, a terceira postura, a de aquisição, expressa-se como uma abordagem autocompreensiva, com valorização na personalidade para superação dos problemas. Parte da essência do adolescente, buscando essa emancipação, desenvolve seres com sentimento de capacidade e confiança.

A educação preventiva pode ser relacionada à terceira postura apontada por Costa (1997), ao destacar a “aquisição”, o olhar para o ser humano e sua complexidade, visando a ação educativa emancipatória por meio de ações teóricas e práticas conscientes. Resgata a conduta positiva sem inferências e rotulações, proporcionando aos adolescentes espaços com fontes de iniciativa e empoderamento e protagonismo juvenil.

*“Que são alunos, que são jovens, são novos, que tem um futuro inteiro pela frente, que tem os seus talentos os seus dons, mas você não vê eles usando esses talentos e esses dons pra coisas do bem. Você vê esses jovens sendo consumidos pelo uso abusivo de drogas”. (ES3)*

*“- [...] a gente percebe que infelizmente o mundo das drogas está em todos os lugares e independente do nível social, da classe social né [...]”. (PE3).*

*“- Então, não existe o certo ou errado, existe uma série de fatores que levam a isso.” (PE1).*

É no contexto de vulnerabilidades e riscos sociais que as educadoras sociais e pedagogas escolares estão envolvidas. A educação, na função de auxiliar no desenvolvimento humano, torna possível a retomada dos processos individuais e sociais, quando em alguma razão são prejudicados ou interrompidos.

Muitos adolescentes vivem em condições de redução, “amarrados por dentro”, sem perspectivas de vida e sem visões de soluções de problemas. É nesse contexto que o educador poderá oferecer um espaço coletivo, meios de viabilizar reconhecimento como cidadão. Para isso, há a possibilidade de explorar a situação e superar o isolamento, contribuindo para o resgate da consciência pessoal e social. (COSTA, 1997).

Assim, as educadoras sociais e as pedagogas escolares tornam-se profissionais fundamentais para a efetivação de uma educação preventiva. No incentivo ao respeito pelas relações e construções pessoais e sociais, possibilitam em todos os cidadãos a consciência de agentes de transformação. Um trabalho em conjunto, voltado ao desenvolvimento e às relações humanas, promoverá posturas conscientes sobre as problemáticas da sociedade. Dessa forma, há maiores chances de trabalhar o conflito antes que se agrave.

*“- Então eu acho que cabe a nós profissionais tá trabalhando de uma maneira ali que esteja atingindo esse jovem, esse adolescente, pra que ele não comece a usar né, pra que quando alguém ofereça esse entorpecente pra ele, ele já tenha consciência de que aquilo não é bom, que aquilo não é legal, que aquilo vai trazer consequências irreversíveis pra saúde [...]”.* (ES3).

*“- Então se há dez anos, vinte anos atrás, eles começavam mais tarde, com seus dezesseis dezessete e um ou outro com doze/treze, hoje eles começam com sei lá, seis/sete anos, oito anos. Então, eu vejo que o trabalho teria que começar lá no Pré, um trabalho mais assim, realmente mais profundo a respeito disso”.* (PE1).

Na intenção de atuar antecipadamente ao problema, a educação preventiva reforça a necessidade de compreensão dos fatores de proteção e os fatores de risco no abuso de drogas. Faz-se necessário dialogar sobre as influências que possibilitam a assistência ou perigo ao sujeito, relacionados às suas relações, aos ambientes, processo histórico e suas influências biopsicossociais.

Nas instituições escolares e não escolares são apontados alguns eventos positivos, tais como: valorização do ser, promoção de forma coletiva e clara das regras, limites e combinados do espaço; efetivação de programas de prevenção; presença da família e comunidade nas ações das instituições; execução e monitoramento de ações voltadas ao fortalecimento de vínculos. (ASINELLI-LUZ, 2014).

Também são apontados como fatores protetivos a formação para os profissionais na área de abuso de drogas e desenvolvimento humano, tornando-os preparados para auxiliar no processo educativo e social; no estímulo de estudos

junto aos gestores e comunidade referentes às temáticas advindas das necessidades das crianças, adolescentes e jovens. (ASINELLI-LUZ, 2014).

O trabalho de prevenção deve ser promovido de maneira coletiva, consciente e respeitosa. Asinelli-Luz (2014) reforça a importância de conhecer os fatores de proteção para que o sujeito não promova a experimentação da substância, preservando sua vida e suas relações. Além de proporcionar um espaço sadio, de interação, há a necessidade da compreensão dos fenômenos que poderão colocar seu desenvolvimento em risco. Com os condicionantes que poderão influenciar o abuso de drogas, ocorre a necessidade de compreensão sobre os fatores de risco na adolescência.

O âmbito de risco compõe-se de eventos negativos que poderão, em um determinado contexto<sup>35</sup>, provocar problemas comportamentais, físicos, sociais e psicológicos ao ser humano, tanto relacionado às substâncias psicoativas, quanto aos tipos de violência. (ASINELLI-LUZ, 2000; 2014).

As educadoras sociais expressaram que esses eventos estão atrelados aos sujeitos que já abusam ou promovem o tráfico, como uma oportunidade de oferta da substância, em que desconhecem os riscos dentro do Centro da Juventude. Em relação às pedagogas, evidenciam a concepção de que, pela pouca idade, as crianças estarão mais distantes do abuso de drogas. Justificam que conforme a etapa cronológica de vida, a probabilidade de experimentação aumenta.

“- Porque ainda nessa idade eles se deixam levar muito pelas coisas né, eles são imaturos ainda, eu acho que entre o sexto e nono ano que é o perigo maior [...]”. (PE2).

Ambas profissionais apresentam que dentro dos espaços das instituições escolares e não escolares também há fatores de risco relacionados à facilidade de acesso, as amizades, baixa autoestima e o *bullying*. Em âmbito externo, a organização familiar e a ação do tráfico como fatores de ausência de proteção.

---

<sup>35</sup> Contexto refere-se às influências ecológicas do sujeito relacionada aos seus processos, espaços e tempo. (ASINELLI-LUZ, 2014).

*“- Não, aqui dentro a gente não tem, a gente não corre esse risco não, é bem sossegado”. (ES1).*

*“- Agora no projeto não tem assim, que a gente sempre tá em cima né”. (ES2).*

*“- Talvez aqueles que já são usuários né, ou de repente até aqueles alunos que não são usuários mas que podem estar traficando, eles não são usuários mas eles traficam sabe”. (ES3).*

*“- Então, na escola como fator de risco eu vejo isso né. Se a gente for pensar nessa situação mesmo de amizades e de ter o acesso fácil, a escola é, tanto dentro quanto fora, porque no entorno da escola este todo mundo ali e ali”. (PE1).*

*“- [...] é o bullying que a gente fala bastante, as vezes é o que se sente ali é inferior ao colega, daí quer uma provação né, então vai usar a droga, por causa da discriminação. (PE2).*

*“- Eu acho assim, eu acho que em todos os problemas na verdade, eu acho assim a questão da base familiar, família né”. (PE3).*

Além de fatores de risco mencionados pelas educadoras sociais e pedagogas escolares, existem outros fenômenos que poderão acarretar prejuízo ao desenvolvimento do adolescente. Dentre eles, são apontados por Asinelli-Luz (2014), a indefinição de regras e normas nas instituições; ausência de planejamento e execução de programas de prevenção; conflitos entre família; comunidade e instituição (escolar e/ou não-escolar); discriminação e desvalorização do sujeito.

Em relação à ausência de formação e escassez de conhecimento dos profissionais que atuam na adolescência, não é identificado nas narrativas das educadoras sociais e das pedagogas escolares o reconhecimento desses fatores de risco. São observados apenas os eventos externos aos espaços, não possuindo a compreensão de que as posturas dos educadores poderão suscitar eventos negativos aos educandos.

Além da menção dos ambientes internos, na família, as relações são apontadas como propulsoras de riscos, envolvendo a negligência dos pais ou responsáveis, a falta do diálogo, autoritarismo, vulnerabilidade aos efeitos das drogas e a ausência da afetividade, cuidado e atenção. (ASINELLI-LUZ, 2014).

Embora a família também seja um núcleo com fatores de risco ao abuso de drogas na adolescência, nos diálogos, não aparece nos sentidos apenas nos pontos negativos. Quando as pedagogas escolares são questionadas sobre os fatores de proteção, destacam que devem estar atrelados à família e suas relações, da maneira como ocorre a educação no seio familiar. Ao perguntar às educadoras sociais declararam que desconhecem as ações.

- [...] *“essa questão de estrutura familiar, eu acho assim que é a base de tudo, isso que está faltando”*. (PE2).

*“- Não consigo ver um fator único pra isso, existe uma série de suposições, porque na verdade também cada caso é um caso, deveria ser estudado individualmente né”*. (PE1).

A família, assim como possui fatores de risco, também desenvolve fatores protetivos. O diálogo, o respeito, o desenvolvimento da função paterna/materna, promovem no sujeito bases para construir sua autonomia e suas relações. Na complexidade que o ser humano é envolvido, se reconhece que não ocorrem fatores de proteção e fatores de riscos isolados ou absolutos. Os eventos variam conforme o sujeito, seu ambiente e seus processos históricos, sociais, psicológicos e biológicos. (ASINELLI-LUZ, 2014).

Dessa maneira, os fatores de proteção também estão envolvidos com a sociedade em geral, que poderão contribuir para a diminuição dos riscos e, conseqüentemente, o aumento da qualidade de vida e a prevenção às problemáticas.

Com uma abordagem mais humana, há a possibilidade de preparar o sujeito para dialogar sobre o que são as drogas e como elas influenciam sua vida, como mediam a realidade, assim como o ambiente, sua história e suas relações. Faz-se necessário aumentar os fatores de proteção e diminuir os fatores de risco por meio do conhecimento, da formação pessoal e profissional.

#### 4.6.2 Sentimentos em relação ao abuso de drogas na adolescência

Quando as educadoras sociais e as pedagogas escolares dialogam sobre as experiências relacionadas ao abuso de drogas na adolescência, manifestam em suas narrativas sentimentos relacionados ao desespero, espanto, medo, preocupação e tristeza.

*“- Medo! Ah eu tenho medo assim sabe. Que nem eu, tenho adolescente, já passei ali sabe, a idade que tá o meu filho uma preocupação muito grande pra mim né, que ele tá com vinte anos”. (ES1).*

*“- É um medo né, porque quando a gente ia lá no CRAS, a gente presenciava a criança, criança né, irmão de aluno do projeto, a gente pegou usando droga”. (ES2).*

*“- Ah uma tristeza bem grande no coração, uma tristeza, uma revolta também pelos fatos chegarem nesse ponto né”. (PE2).*

*“- Então dá um desespero de saber que você está com a mão amarrada”. (PE3)*

Em relação às atuações, devido a ausência de formação e conhecimento na área da educação preventiva, as profissionais expressam impotência, incapacidade, insegurança e junto, a manifestação de sentidos com pedido de ajuda.

*“- Eu não me vejo, assim, capaz de trabalhar entende?”. (PE1).*

*“- Porque a questão da insegurança também né. Como que eu vou abordar você, como que eu vou chegar até você. (PE2).*

*“- Eu acho que vem um sentimento de impotência, que você vê aquilo, mas você não pode fazer muita coisa. O teu sentimento é de querer ajudar de repente e querer que ele não use aquilo mais, que ele pare por ali, mas a gente sabe que não é bem assim né”. (ES3).*

*“- [...] mas o resultado do trabalho que você faz não é garantido que vai ser um resultado favorável, um resultado positivo né”. (ES2).*

Os sentidos apreendidos revelam a necessidade de formação e suporte técnico, visto que reafirmam a inexistência de conhecimento na área. Mais uma vez, reforça-se a importância do ensino para a promoção da prevenção do abuso de drogas.

#### 4.6.3 Percepção sobre o educador social e o pedagogo escolar na atuação de prevenção do abuso de drogas junto a adolescentes.

As narrativas oportunizaram identificar as representações das entrevistadas, tanto relacionadas à prevenção, quanto aos sentimentos em relação ao abuso de drogas na adolescência. Desse modo, expressaram angústias e medos em suas atuações diárias.

Com todos os impasses verbalizados e apreendidos, as educadoras sociais e as pedagogas escolares destacam a importância da formação inicial e continuada, bem como o suporte técnico e união à Rede de Proteção para atuar com a prevenção do abuso de drogas e outras violências na infância e adolescência.

*“- Mas eu acho que prevenção é muito importante, [...] eu acho que tinha que entrar em tudo né, já desde o início né, e continuar e não parar, porque tem que atualizar, porque tudo se atualiza né”. (ES1).*

*“- Eu vejo assim, como pedagoga, que é difícil né, porque você tem que ter uma capacitação muito grande pra você chegar e abordar”. (ES2).*

*“- Tem que ser capacitado os profissionais também, pra que a gente saiba trabalhar com a prevenção e trabalhar de uma maneira assim que eu acho que atinja o aluno né, pra que ele não comece a se utilizar de entorpecentes, de drogas, pra que ele não se insira naquela realidade”. (ES3).*

*“- Conversando com profissionais mais experientes também, com técnicos, com psicólogos, assistentes sociais, isso é bem importante. (ES3).*

*“- Realmente uma integração entre as escolas e os serviços [...]”. (PE1)*

A importância da formação inicial e continuada, do suporte técnico e da integração da Rede de Proteção está atrelada à importância da prevenção para as educadoras sociais e pedagogas. Evidenciam a relevância do diálogo, do respeito e da presença no complexo desenvolvimento humano, a fim de promover a educação preventiva de qualidade.

*“- Então você tem que trabalhar num todo né, pra você conseguir atingir”. (PE2).*

*“- Eu acho que trabalhando de todas as formas que sejam possíveis pra estar tentando prevenir sabe”. (ES3).*

*“- Se você conseguir né, fala com o professor, o professor desempenhar bem o papel dele ali em sala de aula, alertar na possibilidade de conversar com os alunos”. (PE2).*

*“- [...] porque a partir desse diálogo que eles sentem a segurança de estar passando coisas pra gente”. (PE3).*

Tanto as educadoras sociais, quanto as pedagogas escolares relataram situações de conflitos, angústias e pedidos de ajuda, apresentando a necessidade de serem ouvidas e a oportunidade de sugerir melhorias de condição de trabalho para atuar com a educação preventiva dentro e fora dos espaços escolares e não escolares. Ao mesmo tempo em que expõem a carência de formação na área, também apresentam a importância voltada à formação humana.

Com os diálogos, sugere-se a reflexão sobre as oportunidades de estudos na área da educação preventiva, tanto para educadores sociais, quanto pedagogos escolares. Há evidências que os órgãos gestores não estão oferecendo ferramentas básicas e suficientes para o conhecimento das ações voltadas à prevenção do abuso de drogas na adolescência. Ademais, as profissionais destacaram a ausência



de trabalho em Rede de Proteção e a expressão da atuação isolada. Todas essas evidências representam os desafios diários enfrentados pelas educadoras sociais e pedagogas escolares, suscitando necessidade e importância da promoção de espaços para discussão do suporte técnico/profissional para atuar nos contextos relacionados à infância e adolescência.

#### 4.7 UMA REFLEXÃO INTERNÚCLEOS: AS VOZES DAS EDUCADORAS SOCIAIS E PEDAGOGAS ESCOLARES

Com o processo de intranúcleos, houve a reflexão e análise dos Núcleos de Significação em suas especificidades. Agora, em um processo internúcleos, há a oportunidade de dialogar sobre os dados de maneira ampla e articulada.

Essa organização de análise dialética evidencia as contradições e semelhanças nos discursos das participantes, possibilitando observar o movimento dos diálogos. Isso ocorre devido às reflexões e interpretações conectadas com as partes e o todo<sup>36</sup> das narrativas. Ou seja, os sentidos são apreendidos em seus núcleos e entre eles. (AGUIAR; OZELLA, 2013).

Por meio das análises do pensar, sentir, agir e com o objetivo de verificar os mecanismos/procedimentos no campo da Educação Social e da Pedagogia na prevenção do abuso de drogas na adolescência, houve a possibilidade de compreender os condicionantes que facilitam ou dificultam essa prática. Para isso, a os Núcleos de Significação oportunizaram a construção de um caminho de interpretações e análises.

Os Núcleos I (Ausência) e V (Sentir) **evidenciaram os fatores de proteção e os fatores de risco** que caracterizam a proposta de prevenção e superação às drogas na adolescência pelas educadoras sociais e pedagogas escolares. Após análise das entrevistas, observa-se que as pedagogas escolares compreendem como fatores de proteção as ações que envolvem a família, a maneira como os pais ou responsáveis promovem a educação de seus filhos. Em relação às educadoras

---

<sup>36</sup> A parte está no todo e o todo está na parte é uma expressão utilizada por Morin (2005, p. 75), baseado no princípio hologramático. Por meio de hologramas, apresenta-se que "o menor ponto da imagem do holograma contém a quase totalidade da informação do objeto representado". Nessa perspectiva, cada ponto/sujeito/estrutura possui a integralidade do contexto que está compreendido, como por exemplo, a sociedade, considerada como o todo e o indivíduo como a parte: as leis, cultura, valores característicos da sociedade apresentam-se nas pessoas e conseqüentemente, elas compõem a sociedade.

sociais, desconhecem dos fatores, em que verbalizam a dificuldade de dialogar sobre a temática devido ausência de conhecimento.

Ambas profissionais reconhecem que os adolescentes estão em um processo de construção de reconhecimento social e identidade, tornando-os vulneráveis às violências. Assim, os fatores de risco que foram inferidos nos sentidos das participantes estão relacionados ao *bullying*, amizades, facilidade de acesso, relações familiares, baixa autoestima, tráfico e a influência de usuários na oferta da substância.

As pedagogas escolares verbalizam que os fatores existem tanto nos espaços internos, quanto externos da instituição escolar. Porém, as educadoras sociais apontaram apenas os ambientes externos, apresentando ausência de fatores de risco dentro do Centro da Juventude. Identifica-se que tanto os fatores de risco, quanto de proteção expressados pelas participantes estão voltados ao adolescente e suas relações.

As profissionais não narram a ausência de formação, o não trabalho em rede e a falta de suporte da gestão como eventos negativos em seus equipamentos públicos. Porém, na apreensão dos sentidos, apresentam a ausência e a necessidade de formação e conhecimento em seus espaços de atuação.

O Núcleo I – Ausência revela essa escassez, embora não tenham sido mencionados pelas educadoras sociais e as pedagogas escolares como fatores de risco. Asinelli-Luz (2014) apresenta que a ausência de informação e formação do profissional que atua na infância e adolescência também são considerados fatores de risco para o abuso de drogas, assim como a não participação da gestão no processo de prevenção. Esse cenário agrava-se à medida que não ocorre o suporte técnico e o trabalho em conjunto de multiprofissionais, a família e comunidade.

Com a evidência de um trabalho isolado, tanto as educadoras sociais, quanto as pedagogas expressam insegurança, incapacidade e, principalmente, impotência. Ao mencionar as vivências, percebe-se o pedido de ajuda para atuar com prevenção, reforçando a necessidade de auxílio. Promovem muitas inferências ao longo do diálogo, expressando o sentido de escasso conhecimento nas temáticas abordadas. Todo esse cenário de ausência desperta nas profissionais sentimentos de medo, tristeza, preocupação, desespero e espanto.

Com um contexto ausente de formação, suporte técnico e trabalho em rede, expressam a não efetivação da prática de prevenção. Reconhecem que a temática é

necessária para o desenvolvimento humano, principalmente para a fase da adolescência. Com esse olhar sobre o sujeito, expressam a relevância de dialogar e trabalhar sobre abuso de drogas na adolescência.

A literatura pesquisada reforça que, embora ocorra a necessidade de qualificação para atuar com educação preventiva, há na narrativa dos profissionais que atuam com os adolescentes a importância desse trabalho. Por referir-se a uma área de desenvolvimento humano, Zolovota (2014), Juberg (2009) e Nunes, Teixeira e Coelho (2014) evidenciam que a ação do educador social deve voltar-se à socialização, à superação das problemáticas e aos projetos de vida, assim como o pedagogo escolar e os professores, conforme destacado por Araldi (2012).

O trabalho preventivo deve estar vinculado a uma proposta abrangente, no qual o uso de drogas deve ser discutido em um contexto mais amplo de saúde. A ética, a pluralidade cultural, o meio ambiente, a saúde, a orientação sexual, o mundo do trabalho, a sociedade de consumo são alguns temas que podem ser abordados em sala de aula no sentido de levar o jovem a refletir sobre as várias dimensões da vida. (ARALDI *et al*, 2012, p. 143).

As problemáticas envolvendo o trabalho preventivo e a escassez de formação para atuar na adolescência são identificadas tanto em âmbito da educação escolar, quanto não escolar. As narrativas das educadoras sociais e pedagogas escolares em consonância com a literatura reforçam a importância do fortalecimento de vínculos junto aos adolescentes, do respeito e a escuta para a efetivação do trabalho. Essa relevância deve ocorrer no reconhecimento de sujeitos de direitos e, também, na valorização dos profissionais que com eles atuam.

Ao dialogar sobre os conhecimentos, os Núcleos II (Ser) e III (Conhecer) **identificam a formação inicial e continuada do educador social e do pedagogo escolar**, não apenas para a ação em prevenção e superação das drogas, mas, em um âmbito maior, de compreensão das funções do cargo.

Em relação à formação inicial, as educadoras sociais verbalizam o não conhecimento das suas ações profissionais. Declaram que, tanto o Curso de Formação de Docentes, quanto o Curso de Pedagogia, não abordaram o perfil e as características do trabalho do profissional da Educação Social.

Ao contrário, as pedagogas escolares verbalizam que essas modalidades de formação para a função profissional possibilitaram o preparo para a atuação no espaço escolar. Especificamente no âmbito da prevenção do abuso das drogas,

tanto as educadoras sociais, quanto as pedagogas, evidenciaram não receber formação para atuar com a temática. Nesse âmbito, os estudos selecionados na Revisão Sistemática reforçam a ausência de qualificação, que, por sua vez, ocasiona a falta de planejamento e inserção no projeto político pedagógico da escola e a não elaboração de programas de educação preventiva. (ARALDI *et al*, 2012).

Relacionada à formação continuada, todas as entrevistadas evidenciaram a escassez de estudos voltados à prevenção do abuso de drogas, em que buscam alternativas para enfrentar as necessidades diárias dos adolescentes. As poucas oportunidades que surgem são ofertados pela prefeitura ou pelo Governo do Estado, em modalidades à distância e presencial, como cursos pontuais e superficiais. Com a dificuldade de tempo e acúmulo de atividades, verbalizam a dificuldade de proporcionar a continuidade desses estudos.

Devido à escassa formação na área da prevenção, as participantes demonstraram a compreensão da temática a partir das suas vivências, destacando um fator pessoal para busca de estudos. Relataram que a atenção e a presença fazem-se importantes frente às demandas sociais, principalmente relacionadas ao abuso de drogas. Ademais, expressaram a acolhida e a escuta dos adolescentes e de sua família, bem como a preocupação com a substância e suas consequências para o sujeito.

Mesmo em um contexto ausente de conhecimento sobre prevenção do abuso de drogas, reconhecem que suas experiências oportunizaram a construção de suas concepções, salientando o fortalecimento de vínculos e a promoção dos direitos fundamentais na infância e adolescência. Além dessa prática diária, as participantes também assumem como ferramentas de estudo os sites de notícias e reportagens, tanto via internet, quanto meios televisivos.

As bases da formação inicial e continuada das educadoras sociais e das pedagogas escolares evidenciaram a ausência de conhecimento e efetivação da prática de prevenção do abuso de drogas na adolescência. Demonstram um contexto em que os conhecimentos advêm das inferências e experiências diárias. O escasso estudo que promovem está vinculado às leituras pontuais (cartilhas, conferências municipais e estaduais, artigos científicos) e relacionados à mídia (televisão, internet). Nesse âmbito, a literatura expressa que o não conhecimento sobre as drogas, seus efeitos e relações com o sujeito, dificultam a prática dos educadores sociais e dos pedagogos escolares, em que o respaldo na mídia poderá

acarretar concepções limitadas e preconceituosas. (KAPPAN, 2005; MOREIRA; VOVIO; MICHELI, 2015; ROSELLI-CRUZ, 2010).

Com a compreensão dos fatores de risco e de proteção expostos pelas participantes e a observação do seu contexto de formação inicial e continuada, o Núcleo IV (Fazer) proporcionou **verificar as ações preventivas utilizadas** pelos educadores sociais e pedagogos escolares que atuam direta ou indiretamente com adolescentes na superação das drogas no município da pesquisa, bem como **identificar as atividades pró-sociais<sup>37</sup> trabalhadas ou sugeridas**. Ademais, as profissionais apresentaram em seus discursos a vivência de trabalho isolado, sem o envolvimento e **atuação da Rede de Proteção**, demonstrando carências e necessidade de ajuda para trabalhar a temática.

As atividades pró-sociais que são promovidas e sugeridas pelas profissionais estão relacionadas ao diálogo e à preocupação com o adolescente. Expressam que o fortalecimento de vínculos, a presença e a conversa auxiliam o desenvolvimento humano, bem como se torna uma ferramenta poderosa de prevenção do abuso de drogas. Na apreensão dos sentidos evidencia-se que possuem comportamentos e iniciativas que visam o cuidado com o outro, porém, sem o suporte técnico necessário para essa efetivação. Além do diálogo, expressam que seus procedimentos e ferramentas utilizadas para a educação preventiva estão relacionados à promoção de teatros, produção de cartazes, elaboração de pesquisas via internet, palestras, leituras de textos, histórias em quadrinhos e cartilhas.

As pedagogas escolares reforçam que essas técnicas de prevenção são promovidas com os adolescentes, não com os docentes. Expressam que sem a formação adequada em prevenção, sem o conhecimento, possuem ações limitadas e não se sentem capacitadas o suficiente para tratar a temática com os demais profissionais do âmbito escolar. Em relação à escassez de equipamentos para adquirir compreensão na área de prevenção, denota-se que se assemelha à ausência de oferta de estudos constatados nas bases de dados pesquisadas, apresentando a moderada produção científica no campo de atuação desses profissionais.

---

<sup>37</sup> Termo referente à construção moral que modifica julgamentos e condutas de maneira voluntária para beneficiar ou auxiliar um indivíduo ou o coletivo sem pressões externas e expectativas de recompensas. (KOLLER; BERNARDES, 1997).

Outras ações preventivas que são destacadas não apenas pelas pedagogas escolares, mas também pelas educadoras sociais, estão relacionadas à busca pelas atividades em parceria de outros setores. Recorrem ao CRAS, Guarda Municipal e aos policiais do PROERD para auxiliar em ações dentro dos espaços. Porém, evidenciam que são práticas pontuais e, muitas vezes, repressivas sobre o abuso de drogas.

Ao mencionar o trabalho na Rede de Proteção, as profissionais destacam que trabalham isoladamente, sem apoio para a atuação com prevenção na adolescência. Verbalizam que interagem diretamente com os adolescentes, não havendo espaço para obter diálogos com a Rede de Proteção, fundada no município da pesquisa desde o ano de 2011. Nesse âmbito, relacionam suas concepções sobre a rede com suas práticas na prevenção no abuso de drogas, evidenciando que mesmo com a compreensão da importância da parceria entre os profissionais das diversas áreas para a superação dos conflitos, ainda não condizem com suas vivências diárias, devido a falta de parcerias entre os equipamentos.

Em relação à interação, tanto com os adolescentes, quanto às suas famílias, as educadoras sociais e as pedagogas escolares demonstram uma contradição: ao mesmo tempo que expressam em suas falas a dificuldade em dialogar com esse público, também evidenciam a segurança e o fortalecimento de vínculos.

Os profissionais da área escolar e não escolar, família e a comunidade são apresentados como sujeitos importantes para a estruturação de estratégias de educação preventiva, tanto por meio das políticas públicas, quanto da promoção de espaços de interações sociais. (KAPPAN, 2005; ARALDI *et al*, 2012; MOREIRA; VOVIO; MICHELI, 2015; MINGUEZ; RAMOS, 2010).

Tanto a família, quanto os educadores desenvolvem funções essenciais para enfrentar as problemáticas que interferem na construção da identidade adolescente (seus fatores sociais e pessoais). Assim, torna-se fundamental que ocorra o estímulo do autoconhecimento e do autocuidado por meio da presença na vida desse sujeito, uma força que possibilita ação educativa e emotiva diante das dificuldades. (COSTA, 1997).

A literatura relaciona-se com o apresentado nas narrativas devido a importância das educadoras sociais e as pedagogas no contexto de prevenção do abuso de drogas. São agentes inspiradoras, multiplicadoras e autônomas, que

precisam de parcerias para executar suas tarefas diárias. (NUNES; TEIXEIRA, COELHO, 2014; JUBERG, 2009).

As educadoras sociais e as pedagogas articulam as três dimensões (pensar, sentir, agir) por meio da política, ética, da consciência das realidades, reconhecimento do potencial da atuação educativa, capacidade de aceitar e aprender com os erros, compreender o adolescente como único e repleto de potencialidades. Desse modo, o educador, de modo geral, também enfrenta desafios relacionados ao contexto familiar dos adolescentes, as falhas do poder público e a omissão de uma parte da sociedade. (COSTA, 1997).

Faz-se necessário refletir sobre o contexto em que as educadoras sociais e pedagogas escolares interagem, todas em comunidades com índices elevados de vulnerabilidade e risco social, onde o abuso de drogas na adolescência é apontado como um fator a ser superado. Mesmo em funções distintas, essas profissionais apresentam similaridade em suas concepções sobre prevenção do abuso de drogas, em que destacaram a necessidade de conhecimento para a superação dos problemas.

Compondo-se de uma temática complexa, na literatura encontrada, nas narrativas das educadoras sociais e das pedagogas escolares entrevistadas evidencia-se a importância e a necessidade de aprofundar discussões sobre a temática da educação preventiva e do abuso de drogas na adolescência, bem como a promoção de qualidade de vida e a superação dos conflitos para o desenvolvimento pleno. Com o olhar voltado ao sujeito, suas relações, necessidade e potencialidades, há maiores chances de superar as problemáticas e minimizar a experimentação da droga. (ARALDI *et al*, 2012; MINGUEZ; RAMOS, 2010; BAHLS; INGBERMAN, 2005).

O trabalho educativo é e sempre será uma fonte de aprendizagens inesgotável, envolvendo interesse, sutileza e sensibilidade do educador para práticas que envolvem as dificuldades da adolescência e o seu desenvolvimento pessoal/social. Ademais, as educadoras sociais e as pedagogas escolares suscitaram sentimentos de medo, angústia e, principalmente, impotência em relatar suas ações preventivas, em que não possuem suporte técnico, nem efetivação de trabalho em Rede.

Os cinco Núcleos de Significação oportunizaram verificar os mecanismos/procedimentos no campo da Educação Social e da Pedagogia na

prevenção do abuso de drogas na adolescência, bem como promover conexão entre os núcleos. Evidencia-se que os Núcleos II (Ser) e III (Conhecer) foram a base das discussões, referindo-se às representações e conhecimentos das profissionais sobre suas práticas e pensamentos. Nesse âmbito, as suas experiências emergiram os Núcleos VI (Fazer) e V (Sentir), identificando suas ações, sentimentos e inferências sobre a temática da pesquisa. Com a compreensão do que as educadoras sociais e pedagogas sentem, pensam e agem sobre a prevenção do abuso de drogas na adolescência, o Núcleo V se faz presente para destacar a Ausência, uma lacuna, na trajetória dessas profissionais. Observa-se que, mesmo os Núcleos de Significação terem apresentado distinções em suas características, de certo modo se complementam, ao denunciar a carência de formação e suporte técnico/gestor às educadoras sociais e às pedagogas escolares.

A partir das discussões, foram apresentadas como ferramentas de trabalho a utilização de rodas de conversas, as artes, teatros, produção de cartazes, elaboração de pesquisas, palestras, leituras atividades em parceria de outros setores. Essas práticas são recorrentes da escassez de formação inicial e continuada na área, bem como da ausência de trabalho da Rede de Proteção. Por esses motivos, possibilita verificar que os condicionantes que dificultam as práticas das educadoras sociais e das pedagogas escolares estão relacionados principalmente à ausência de formação na área e à atuação isolada. Como pontos que facilitam a sua prática, pode-se dizer que estão conectadas à aprendizagem via experiência, diálogo, respeito e importância com o desenvolvimento humano, a fim de promover a educação preventiva de qualidade.

É necessário possibilitar que as educadoras sociais e pedagogas escolares sejam ouvidas, que suas angústias sejam acolhidas. A valorização do profissional é importante para a sua atuação, uma vez que precisam de atenção, carinho e compreensão como os outros seres humanos.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a atenção voltada ao ser humano e suas relações, a presente produção acadêmica está contemplada na área da Educação, na linha de pesquisa em Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano. Possui como foco de investigação a atuação dos profissionais da Educação Social (educador social) e da Educação Escolar (pedagogo) a partir de suas formações teórico-metodológicas e suas práticas profissionais. Nessa perspectiva, procurou-se verificar as ações pertinentes à atuação desses agentes sociais relacionadas aos mecanismos que utilizam em suas vivências para o trabalho de prevenção e superação do abuso de drogas na adolescência.

Trata-se de um estudo pautado no respeito e na escuta do outro. A pesquisadora se reconhece como pedagoga (devido a sua formação em Pedagogia) e educadora social (atuação na área da Assistência Social), em que observa nessas áreas vivenciadas que não há preparo para atuar com as demandas que surgem da sociedade, voltadas às vulnerabilidades e riscos sociais, em especial na prevenção do abuso de drogas.

Deste modo, justificou-se o estudo nessas áreas profissionais devido à preocupação em promover escuta das educadoras sociais e das pedagogas, de fortalecer as ações voltadas para a garantia de direitos, a fim de consolidar as redes de atenção e proteção à adolescência. Ademais, com a prática da pesquisadora no campo do abuso de drogas com crianças e adolescentes, se reforçou a necessidade do olhar e preocupação com os profissionais que com eles atua. Aliás, são seres humanos e também precisam de cuidado, respeito e atenção.

Frente a essas inquietações, levantou-se o questionamento de quais eram as ações profissionais do educador social e do pedagogo escolar frente à prevenção de drogas junto a adolescentes, objetivando verificar os mecanismos/procedimentos no campo da Educação Social e da Pedagogia na prevenção do abuso de drogas na adolescência.

Tinha-se como pressupostos que ainda havia na atuação dessas profissionais a referência do modelo médico e moral referentes à prevenção e as substâncias. Isso é evidenciado nas narrativas das participantes que expressaram, em muitos momentos, o olhar direcionado para a droga e para o tratamento clínico. Tanto na área da educação escolar, quanto na educação não-escolar, encontraram

dificuldades para atuar com essa temática, visto que não possuem uma rede de profissionais fortalecida de apoio e suas formações não abrangem a educação preventiva com foco no desenvolvimento do sujeito e sua complexidade de influências externas (contexto, tempo, processos, pessoas).

Percebe-se que essa visão clínica é identificada em alguns sentidos apreendidos das profissionais, constando conhecimentos sobre prevenção e foco na substância e seus efeitos. Essa evidência também ocorre na literatura, em que a Psicologia e a Saúde coletiva são as áreas que mais proporcionam estudos no âmbito das drogas na adolescência, segundo a revisão sistemática da presente pesquisa.

Em relação à formação inicial e continuada, foi constatado que há ausência da ênfase em prevenção do abuso de drogas. As participantes verbalizaram que desconhecem estudos norteadores e equipamentos públicos atuantes na área da prevenção do abuso de drogas, mesmo com as campanhas que são promovidas pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD. Além da escassa promoção de cursos específicos na área, as educadoras sociais apresentaram que não obtiveram em suas formações inicial/continuada preparação suficiente para executar a função na área não escolar. Salientaram que ainda não reconhecem suas ações devido ao não conhecimento do que é ser um educador social.

Mesmo com a escassez de formação, expressaram preocupação e atenção com a temática, bem como apresentaram em suas concepções que o adolescente é um sujeito de direito, que se encontra em uma fase de conflitos devido a sua construção de identidade e reconhecimento social. As participantes despertaram o interesse em atuar na área de prevenção, verbalizando a importância da educação para a construção de conceitos e posturas para a vida. Reforçaram que necessitam de auxílio para trabalhar com a adolescência, bem como da oportunidade de atuar com a família e a comunidade, fortalecendo os laços sociais e os espaços de convivência comunitária.

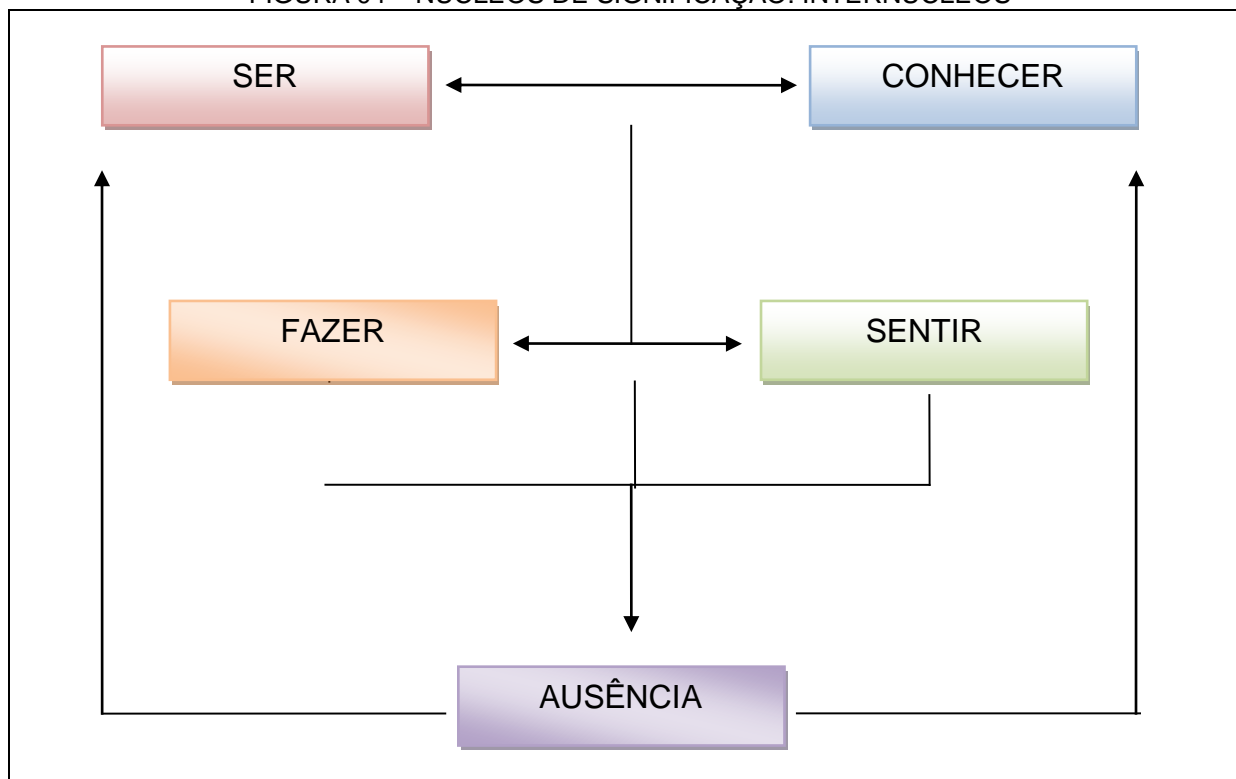
A atuação isolada comprovou o segundo pressuposto da pesquisa, evidenciando que tanto as educadoras sociais, quanto as pedagogas escolares, não possuem apoio das suas gestões, com acúmulo de tarefas diárias e escasso tempo para planejamento e atuação. Ademais, esse quadro se agravou à medida que não receberam incentivos para atuar na área de prevenção, dificultando a interação com os demais profissionais da rede de proteção da infância e adolescência.

O processo de coleta de dados oportunizou a expansão do olhar sob o educador social e o pedagogo escolar, em que, por meio da Revisão Sistemática e das entrevistas, revelou-se que são profissionais que ainda carecem de estudos e discussões no âmbito da prevenção do abuso de drogas.

Os Núcleos de Significação que emergiram da apreensão dos sentidos oportunizaram conexões entre os núcleos (FIGURA 04). Depois de observar todo o processo de coleta, análise e discussão dos dados, evidenciou-se que os Núcleos II (Ser) e III (Conhecer) formaram a apreensão dos sentidos referentes às bases do educador social e do pedagogo escolar, tanto relacionado à sua constituição na condição de ser humano, como nas apresentações das realidades de formação inicial e continuada.

Em seguida, destacaram-se os Núcleos IV (Fazer) e V (Sentir) como consequências dos dois primeiros mencionados, relacionando a ausência de conhecimento como uma das precursoras dos sentimentos de medo, angústia e impotência devido ao não conhecimento e a prática limitada. Por fim, com todo esse cenário, o Núcleo I (Ausência) emergiu como o maior âmbito expressado nos sentidos das participantes, em que esteve presente em todos os outros Núcleos (FIGURA 05).

FIGURA 04 – NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO: INTERNÚCLEOS



Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2017).

FIGURA 05 – UMA REFLEXÃO INTERNÚCLEOS: AS VOZES DAS EDUCADORAS SOCIAIS E PEDAGOGAS ESCOLARES

Núcleo I (Ausência) **proporcionou compreender o contexto das educadoras sociais e as pedagogas escolares.**



Núcleo IV (Fazer) proporcionou analisar dos **procedimentos e ações preventivas** utilizadas no campo da Educação Social e da Pedagogia na superação das drogas no município da pesquisa, bem como as **atividades pró-sociais** trabalhadas ou sugeridas pelas profissionais. Ademais, as educadoras sociais e as pedagogas escolares expressaram a vivência de trabalho isolado, sem o envolvimento e **atuação da Rede de Proteção.**



Núcleo V (Sentir) **evidenciou os fatores de prevenção e os fatores de risco** que caracterizam a proposta de prevenção e superação às drogas na adolescência pelas educadoras sociais e pedagogas escolares.



Núcleos II (Ser) e III (Conhecer) **apresentaram a formação inicial e continuada do educador social e do pedagogo escolar**, não apenas para a ação em prevenção e superação das drogas, mas, em um âmbito maior.

Fonte: Lima e Asinelli-Luz (2017).

Todo o percurso da apresentação dos resultados dos dados proporcionou relação com o encontrado na literatura advinda da revisão sistemática dos artigos dos bancos de dados *Scielo* e *PsycInfo* e de teses e dissertações da CAPES, identificando a ausência de formação e pesquisas nas áreas do educador social e do pedagogo escolar no abuso de drogas na adolescência.

As lacunas encontradas nas pesquisas do processo de Revisão Sistemática promoveram o questionamento sobre o preparo ou não dos professores para atuar com a educação preventiva. Por meio dos sentidos das participantes da pesquisa, assinala-se que as pedagogas não possuem práticas de atuação com os docentes, mas apenas com os discentes. Consequentemente pode-se deduzir que ambos profissionais – pedagogos e docentes - não possuem devido preparo para atuar na área.

Outros questionamentos surgiram a respeito do pedagogo escolar, constatando que não possui preparo/formação e, desse modo, não se sente a vontade para dialogar sobre prevenção do abuso de drogas na adolescência. Não dispõem de suporte técnico suficiente para supervisionar e auxiliar o trabalho dos professores. Do mesmo modo, na atuação do educador social também são constatadas esses aspectos, evidenciando que as políticas públicas ainda não abordam a educação preventiva como necessidade. Reforça-se que ainda há a relevância no campo de tratamento e os encaminhamentos clínicos.

As análises e as discussões dos dados oportunizaram constatar que os educadores sociais e os pedagogos tornaram-se, ao longo dos anos, atores fundamentais para a superação de problemáticas advindas da sociedade, onde executam muitas funções e luta por espaços de direito sobre olhares normativos no Brasil e no mundo. Compreender suas atuações profissionais é acima de tudo, reconhecer a luta por conquista de espaços, em que, mesmo com todos os desafios existentes relacionados às práticas diárias e à escassa oferta de formação, estabeleceram novos caminhos e discussões sobre a sua profissionalização e papel no mundo.

Nessa perspectiva, considera-se que o objetivo do estudo foi alcançado, respondendo ao problema de pesquisa à medida que se promoveu a identificação dos condicionantes que facilitam e, principalmente, dificultam a prática do educador social e do pedagogo escolar na prevenção do abuso de drogas na adolescência. Isso ocorreu por meio da verificação dos mecanismos/procedimentos utilizados por esses profissionais. Com isso, se reforçou a relevância desses profissionais para a efetivação de ações voltadas ao desenvolvimento humano e à superação do abuso de drogas na adolescência.

Com todos os estudos e análises promovidas na área do educador social e do pedagogo escolar, considera-se que, mesmo com as dificuldades de suporte técnico e teórico, atuam com responsabilidade e comprometimento no incentivo da busca da garantia de direitos, com a preocupação voltada à prevenção do abuso de drogas entre adolescentes.

Certamente, são profissionais de multitarefas, construindo seus perfis à medida que vivenciam experiências. Por isso, é necessário defender e reconhecer essas categorias e seus direitos, promovendo a qualidade do trabalho e de seus locais de atuação. Assim, é importante construir remunerações salariais adequadas

às suas práticas desempenhadas e, principalmente, assegurando seus direitos perante as instituições e indivíduos.

Destaca-se desse modo que a presente pesquisa, visando o reconhecimento do trabalho desses profissionais, contribuiu para a constituição de um olhar mais aprofundado sobre essas áreas, em que poderá auxiliar outros profissionais dessa atuação e da comunidade científica, compreendendo a importância do educador social e do pedagogo na sociedade atual, para a superação do abuso de drogas.

Reforça-se novamente que não se deve voltar tanta atenção à substância, mas, sim a todos os fatores que incentivam o sujeito a buscar por ela. Compreender o que leva o sujeito a procurar pela substância, faz com que oportunize a mudança de comportamentos, de paradigmas, de contextos. Assim, a família, os educadores, pedagogos, a sociedade como um todo poderão auxiliar na prevenção do abuso de drogas, trabalhando por aspectos que identificam as vulnerabilidades para a sua superação. É um caminhar coletivo voltando o olhar para cada realidade.

Como educadores, de modo geral, faz-se necessário estimular a importância da prevenção, da consciência de trabalhar antecipadamente para evitar o abuso de substâncias. É fundamental aprofundar o conhecimento para possibilitar a educação preventiva. Para isso, devem-se elaborar práticas relacionadas à construção da autonomia, da identidade e do incentivo à interação social, para que gradativamente a qualidade de vida melhor, com o reforço na efetivação das políticas públicas.

As análises e reflexões acerca do trabalho de educação preventiva do educador social e do pedagogo escolar são fundamentais, em que proporcionam a construção de novos conhecimentos e o aprofundamento do nosso olhar a respeito do ser humano e de suas relações. Com essa ação de observar e discutir sobre o sujeito, a família, a escola, os espaços não escolares proporcionam a formação de agentes multiplicadores, de uma postura voltada para a educação preventiva integral.

Diante dessas expressões, ocorreu a reflexão sobre o papel de pesquisadora, educadora social, pedagoga, gestora e, acima de tudo, ser humano. Além das discussões, deve-se buscar embasamentos para complementar a formação, ampliar o panorama das abordagens estudadas, na intenção de possibilitar a ajuda ao outro. Quando se vivencia casos extremos no contexto familiar (dependência química), há o sofrimento devido aos danos da droga, não apenas em aspectos de saúde, mas também socialmente e afetivamente.

É necessário pensar sobre essa temática e, principalmente, falar sobre ela e sobre suas implicações para o ser humano e para a sociedade. É uma grande responsabilidade trabalhar na superação ao abuso de drogas, promover o resgate de quem mais precisa. Há necessidade de trabalhar na compreensão dos processos e, principalmente, na efetivação de um trabalho de qualidade.

As narrativas apresentadas pelas educadoras e pedagogas possibilitaram novos olhares sobre educação preventiva, sobre desenvolvimento humano e sobre a importância do profissional para a efetivação do trabalho na infância e adolescência. Além de ampliar a bagagem teórica e prática, conscientiza essas trabalhadoras sobre o impacto que suas ações e posturas na vida dos sujeitos com que atuam, demonstrando que são mediadores fundamentais no processo.

Independentemente dos diversos ambientes de atuação, a fim de orientar e fortalecer as funções do educador social e do pedagogo escolar, há a necessidade de esclarecer e ampliar seus espaços, a fim de organizar um ambiente de diálogo e reflexão da convivência grupal. Assim, cada vez mais se ressalta a importância de consolidar discussões e suporte normativo para a expansão dessa profissionalização, destacando a importância desse agente como incentivador da consciência cidadã, autoestima, prevenção às situações de vulnerabilidades e riscos sociais, para a possibilidade da garantia dos direitos fundamentais.

Com o crescimento das desigualdades sociais na sociedade, há a necessidade de repensar os papéis que os profissionais da área da Assistência Social e da Educação desenvolvem ao amenizar os conflitos sociais e, em relevância, despertar o reconhecimento dos espaços de atuação.

Uma vez que a escola já não possibilita suprir todas as demandas que advêm dos sujeitos, apresentando dificuldades ao totalizar um ensino democrático e de preservação dos direitos fundamentais, há a necessidade de organizar outros espaços. Logo, tanto a educação formal, quando a não formal tornam-se essenciais para a construção do cidadão e da cidadania. Ao invés de motivar disputas sobre as duas áreas, deve-se observá-las como indissociáveis e como complementares à formação de saberes.

É preciso resgatar a importância da reciprocidade, da concepção que o educador auxiliará o educando no seu processo de enfrentamento de conflitos. Para isso, incentivar o adolescente cotidianamente em ações que incentivem e evidenciem a sua importância e compromisso com as relações humanas. Trata-se

de um processo longo e lento, exigindo persistência e dedicação. Melhor que buscar educadores perfeitos, torna-se importante conhecer seres humanos comuns, possíveis de aprendizagem e desenvolvimento.

São as relações e reflexões que possibilitam reafirmar a essência e prática docente, que incentivam a continuar lutando por aqueles que estão com dificuldades, assumindo uma postura de incentivadores de interações sociais e da consciência da importância do olhar para o ser humano em sua totalidade. Ir em busca de uma educação preventiva integral.



## REFERÊNCIA

ABREU, Luiz Carlos de. **Escrita científica: o elo entre fazer e comunicar a ciência.** Trabalho apresentado na Faculdade de Medicina do ABC, São Paulo, 2014.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, São Paulo, v.26, n. 2, p. 222-245, jun/dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n2/v26n2a06.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.45, n.155, p.56-75, jan./mar. 2015.

ARALDI, Jossara Cattoni; NJAINE, Kathie; OLIVEIRA, Maria Conceição de; GHIZONI, Angela Carla Ghizoni. Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola. **Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v.16, n.40, p.135-46, jan./mar. 2012.

ARAUJO, Joselaine de; LUVIZZOTO, Caroline Kraus. Educação Não Formal: a importância do educador social na construção de saberes para a vida em coletividade. **Colloquium Humanarum**, São Paulo, v.9, n. 2, p. 73-78, jun./dez. 2012.

ASINELLI-LUZ, Araci. **Educação e prevenção ao abuso de drogas: limites e possibilidades.** 2000. 166 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. Visão educacional das drogas: orientação para os pais e professores. In: ANDREOLI, Cleverson V.; TORRES, Patrícia Lupion. (Org.). **Complexidade: redes e conexões do ser sustentável.** Curitiba: SENAR - PARANÁ, 2014. p. 377 – 397.

BAHLS, Flavia Rocha Campos; INGBERMAN, Yara Kuperstein. Desenvolvimento escolar e abuso de drogas na adolescência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 22, n.4, p.395-402, out./dez. 2005.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência.** São Paulo: Coleção Primeiros Passos Brasiliense, 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006.** Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, Brasília, mai. 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf)> Acesso em: 13 ago. 2015.

\_\_\_\_. Constituição (1988). **Constituição:** República Federativa do Brasil. Brasília, Distrito Federal: Senado Federal, 1988/2012.

\_\_\_\_. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Institui o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, Distrito Federal, 1990/2013.

\_\_\_\_. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Institui as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial**, Brasília, Distrito Federal, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação - PNE para o decênio 2011-2020**, e dá outras providências. Brasília, 2014a.

\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – Pense 2015. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <[https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/PENSE\\_Saude%20Escolar%202015.pdf](https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/PENSE_Saude%20Escolar%202015.pdf)>. Acesso em 29 set. 2016.

\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Instrução Operacional nº 01 SNAS/MDS**. Brasília, 2014b. Disponível em: <<http://www.frentepaulista.com.br/wp-content/uploads/2014/08/IO-SNAS-n1-SCVF.pdf>>. Acesso em 02 out. 2015.

\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Resolução No 01 de 07 de fevereiro de 2013. **Secretaria Nacional de Assistência Social**. Brasília, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Lili/Downloads/CNAS%202013%20-%20001%20-%2021.02.2013%20(1).pdf>. Acesso em: 02 abr. 2016.

\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/publicacoes-para-impressao-em-grafica/tipificacao-nacional-de-servicos-socioassistenciais/arquivos/livro-tipificacao-nacional-internet.pdf/download>>. Acesso em 02 out. 2015.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano:** tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **História e Missão**. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>>. Acesso em 03 nov. 2015.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Pedagogia da Presença:** da Solidão ao Encontro. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 1997.

DUARTE, Cláudio Elias; MORIHISA, Rogério Shigueo. **Prevenção do uso indevido de drogas:** Capacitação para Conselheiros Municipais. 3 ed. Brasília: Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas. 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOHN, Maria da Gloria. Educação não-formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

GRACIANI, Maria Stela Santos. **Pedagogia Social de Rua: análise e sistematização de uma experiência vivida**. 6. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – Pense 2012**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <[http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4440719/4115227/pense\\_2012.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4440719/4115227/pense_2012.pdf)>. Acesso em 22 jan. 2016.

JUBERG, Mai-Lene. **The social educator an actor within drug related care**. 2009. 49p. Dissertação (Mestrado em Educação Social) - Høgskolen i Molde, Noruega, 2009.

KAPPAN, Jair Izaías. **As drogas segundo a percepção de professores e alunos do Ensino Fundamental**. 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

KOLLER, Sílvia Helena; BERNARDES, Nara Maria Guazelli. Desenvolvimento moral pró-social: semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisenber e Kohlberg. **Estudos de Psicologia**, Rio Grande do Norte, v. 2, n. 2, p. 223-262, jul./dez. 1997.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. Artículo de introducción sobre a labor creadora de L. S. Vygotski. In: Vygotsky, Lev Semenovitch. (Ed.) **Obras Escogidas**. Madrid: Vysor Aprendizaje y Ministerio de Cultura Y Ciencia, 1991. p. 419-450.

LIBÂNIO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 1, n. 17, p. 153-176, jan./jun. 2001.

MACHADO, Evelcy Monteiro. Pedagogia e a Pedagogia Social: Educação não formal. In: MACHADO, Evelcy Monteiro, CORTELAZZO, Iolanda Bueno de Camargo. (Org.). **Pedagogia em Debate**. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2002. p. 01-08.

\_\_\_\_\_. Animação sociocultural nos espaços urbanos: relação escola – comunidade. In: MORO, Catarina; MACHADO, Evelcy Monteiro; RUGGI, Lennita Oliveira; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; MACHADO, Valéria Floriano. (Org.). **Escola que protege no Paraná: ampliando laços, consolidando vínculos**. Curitiba: Setor de Educação e Cátedra UNESCO de Cultura da Paz UFPR, 2012. p. 209-223.

MASCAGNA, Gisele Cristina. **Adolescência: compreensão histórica a partir da escola de Vygotsky**. 2009. 185 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

MINGUEZ, Jesús García; RAMOS, Juan Manuel Sánchez Ramos. Centros de día de atención a menores: competencias Del educador social como figura de referencia. **Revista Historia de la Educación Latinoamericana**, Colombia, v. 1, n. 15, p. 125-146, fev./nov. 2010.

MOREIRA, André; VÓVIO, Claudia Lemos; MICHELI, Denise. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 1, n. 41, p. 119-135, jan./mar. 2015.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução de: Eliane Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005. Introduction à la pensée complexe.

NUNES, Tatiana; TEIXEIRA, Diogo, COELHO, Filipa. A Educação Não Formal na prevenção dos problemas ligados ao álcool. **Saber e Educar**, São Paulo, v. 1, n. 19, p. 3-47, dez. 2014.

OKRASKA, Luciano José. **Pedagogia Social e sua configuração no Brasil**: da institucionalidade à atuação pedagógica. 2013. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 4, p. 1-16, mai./jun. 2008.

OMS. Organización Mundial de la Salud. **Salud para los adolescentes del mundo: Una segunda oportunidad en la segunda década**. Organización Mundial de la Salud, 2014. Disponível em: < [http://apps.who.int/adolescent/second-decade/files/WHO\\_FWC\\_MCA\\_14.05\\_spa.pdf?ua=1&ua=1](http://apps.who.int/adolescent/second-decade/files/WHO_FWC_MCA_14.05_spa.pdf?ua=1&ua=1)>. Acesso em: 29 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. Organización Mundial de la Salud. **A Estrategia Global para a Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente (2016-2030)**: sobreviver, prosperar, transformar. Organización Mundial de la Salud, 2015. Metas de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas. Disponível em: < [http://www.who.int/maternal\\_child\\_adolescent/documents/estrategia-mundial-mujer-nino-adolescente-2016-2030.pdf?ua=1](http://www.who.int/maternal_child_adolescent/documents/estrategia-mundial-mujer-nino-adolescente-2016-2030.pdf?ua=1)>. Acesso em: 29 jun. 2016.

PARREIRA, Lúcia Aparecida; JOSÉ FILHO, Mário. A Educação não formal: desafios de uma prática pedagógica. **Revista Serviço Social e Realidade**, Franca, v. 19, n. 01, p. 241-268, jan. 2010.

PESSALACIA, Juliana Dias Reis; MENEZES, Elen Soraia de; MASSUIA, Dinéia. A vulnerabilidade do adolescente numa perspectiva das políticas públicas de saúde pública. **Revista Bioethikos**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 423-430, jul. 2010.

ROMERO, Emilio. Vulnerabilidade humana e conflitos sociais: suas fontes. In: RIBEIRO, Wânier.; ROMERO, Emilio. (Org.). **Vulnerabilidade humana e conflitos**

**sociais:** por uma psicologia social compreensiva. São José dos Campos: Della Bídia, 2009. p.12-23.

ROSELLI-CRUZ, Amadeu. “Estado da Arte” do abuso de drogas e sua Prevenção no Brasil. In: ROSELLI-CRUZ, Amadeu; CÂMARA, Martial de Magalhães. (Org).

**Prevenção do Abuso de Drogas:** Temas Contemporâneos e Prospecção Social. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula Editora - CEDUSU, 2010. 31-68.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa.** Porto Alegre: Penso, 2013.

SÁ, Ricardo Antunes. Pedagogia e complexidade: diálogos preliminares. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 1, n. 32, p. 57-73, jan/abr. 2008.

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Fatores de risco e proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 707-717, mai./out. 2005.

SCIELO. *Scientific Eletronic Library Online*. **SciELO - 15 anos de acesso aberto:** um estudo analítico sobre Acesso Aberto e comunicação científica. Paris: UNESCO, 2014. Disponível em: <<http://scielo.org/local/File/livro.pdf>>. Acesso 03 nov. 2015.

SILVA. Tassiane Beatriz de Souza. **Projetos Sociais.** Trabalho apresentado na Fundação Educacional de Andradina, São Paulo, 2010.

SOCIAS, Carmen Orte; CERDA, Marti March. El estudio de los predeterminantes actitudinales Del consumo de drogas: un punto de partida necesario para La intervención Del educador social. In: CARRERAS, Juan Saez. (Coord.). **El Educador Social.** Universidad de Murcia: Murcia, 1994. p. 313-341.

STOLTZ, Tânia. **As perspectivas construtivista e histórico-cultural na educação escolar.** 3. ed. Curitiba: Ibpex, 2011.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. Pontuando e Contrapondo. In: TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie; ARANTES, Valéria Amorim. (Org.). **Educação formal e não-formal:** pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008. p. 13-55.

VYGOTSK. Lev Semenóvich. Desarrollo de lós Intereses em La edad de Transición. In: ZAPOROZHETS. Alexandre Vladimirovich. (Ed.). **Obras Escogidas IV:** Paidología Del adolescente – Problemas de La psicologia infantil. Madrid: Centro de Publicaciones Del Vysor Aprendizaje y Ministerio de Cultura Y Ciencia, 1996. 170 – 186.

VYGOTSKY. Lev Semenóvich. Historia Del Desarrollo de lās Funciones Psíquicas Superiores. In: ZAPOROZHETS. Alexandre Vladimirovich. (Ed.). **Obras Escogidas III:** El problema del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Madrid: Centro de Publicaciones Del Vysor Aprendizaje y Ministerio de Cultura Y Ciencia, 1995. 01 – 28.

ZOLOVOTA, Hann. The subject component of the system of prevention of children's addictive Behavior. **European Researcher**, Ukraine, v. 76, n. 6, p. 1091-1097, 2014.

## APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

### 1. Identificação

- 1.1 Código de Identificação do participante: \_\_\_\_\_.
- 1.2 Gênero: \_\_\_\_\_.
- 1.3 Idade: \_\_\_\_\_.
- 1.4 Cargo: \_\_\_\_\_.
- 1.5 Instituição de trabalho: \_\_\_\_\_.
- 1.6 Tempo de atuação profissional na instituição:  
\_\_\_\_\_.

### 2. Formação inicial e continuada

- 2.1 Características relacionadas à formação inicial.
- 2.2 Descrição da formação inicial estudos relacionados à adolescência, prevenção e/ou abuso de drogas.
- 2.3 Relato da formação continuada relacionada à adolescência, prevenção e/ou abuso de drogas.
- 2.4 Posicionamento sobre a abordagem da prevenção do abuso de drogas nas formações iniciais e continuadas dos profissionais de sua área.

### 3. Atuação profissional

- 3.1 Tempo de atuação profissional.
- 3.2 Relato das fontes de leituras, capacitações relacionados ao tema drogas, prevenção, adolescência.
- 3.3 Sentimentos e percepção sobre seu preparado para enfrentar as demandas advindas do abuso de droga na adolescência.

### 4. Concepções sobre prevenção do abuso de drogas junto à adolescentes

- 4.1 Relatos de algum episódio relacionado ao abuso de drogas com adolescentes na vida pessoal e profissional.
- 4.2 Ações desenvolvidas ou que desenvolve no dia-a-dia familiar, comunitário, profissional sobre a prevenção do abuso de drogas.

- 4.3 Identificar os fatores de risco relacionados ao abuso de drogas junto aos adolescentes no âmbito de sua atuação profissional.
- 4.4 Discurso relacionado ao tema relacionado do abuso de drogas na adolescência.



## APÊNDICE 2 – PRINCIPAIS INDICADORES DE CADA ENTREVISTA

	INDICADORES
ENTREVISTA ES1	<p> <u>Apenas trabalhos pontuais</u>  <u>Ausência da família</u>  <u>Ausência de formação na área de abuso de drogas</u>  <u>Ausência de preparo na área</u>  <u>Ausência de suporte especializado/técnico</u>  <u>Concepção sobre abuso de drogas</u>  <u>Contato com a realidade do abuso de drogas na adolescência</u>  <u>Diálogo com os adolescentes, orientação</u>  <u>Dúvida</u>  <u>Fator pessoal incentivou busca por estudos</u>  <u>Importância da formação inicial e continuada em prevenção</u>  <u>Inferência</u>  <u>Manifestação da diferença entre substâncias – o que é permitido socialmente</u>  <u>Manifestação de espanto</u>  <u>Medo</u>  <u>Mídia</u>  <u>Na dificuldade se fortalece</u>  <u>Não há aprofundamento teórico na área</u>  <u>Olhar atento</u>  <u>Preocupação</u>  <u>Referência familiar</u>  <u>Reflexão sobre abuso de drogas</u>  <u>Sentimento de despreparo</u>  <u>Tempo não permite um trabalho mais completo, olhar atento</u> </p>

	INDICADORES
ENTREVISTA ES2	<p> <u>Abuso de drogas na família – referência familiar</u>  <u>Acesso à informação/estudos</u>  <u>Algumas ferramentas de trabalho</u>  <u>Apenas trabalhos pontuais</u>  <u>Apoio externo, outros setores</u>  <u>Apoio pontual da gestão</u>  <u>Ausência da família</u>  <u>Ausência de apoio da gestão</u>  <u>Ausência de efetivação da prática</u>  <u>Ausência de motivação</u>  <u>Ausência de preparo na área</u>  <u>Ausência de suporte especializado/técnico</u>  <u>Buscou formação na área de prevenção</u>  <u>Comparação</u>  <u>Concepção de que, por serem pequenos, não vão fazer uso.</u>  <u>Concepção sobre abuso de drogas</u>  <u>Concepção sobre fatores de risco</u>  <u>Conhecimento da realidade</u>  <u>Contato com a realidade do abuso de drogas na adolescência</u>  <u>Conteúdo limitado</u>  <u>Diálogo com a família</u>  <u>Diálogo com os adolescentes, fortalecimento de vínculos</u>  <u>Diálogo com os adolescentes, orientação</u>  <u>Dificuldade de dialogar com o adolescente</u>  <u>Dúvida</u>  <u>Encaminhamento para a rede</u>  <u>Importância da formação inicial e continuada em prevenção</u>  <u>Importância da prevenção</u>  <u>Importância do respeito</u>  <u>Importância do suporte especializado/técnico</u>  <u>Interesse em falar e trabalhar sobre a temática</u>  <u>Manifestação da diferença entre substâncias – o que é permitido socialmente.</u>  <u>Manifestação de desespero</u>  <u>Manifestação de pedido de ajuda</u>  <u>Medo</u>  <u>Na prática é diferente da teoria</u>  <u>Não busca conhecimento</u>  <u>Não há aprofundamento teórico na área</u>  <u>Não havia muito diálogo sobre abuso de drogas.</u>  <u>Necessidade da profissional ser ouvida</u>  <u>Necessidade de ajuda para dialogar sobre abuso de drogas</u>  <u>Omissão sobre violação de direitos</u>  <u>Prática limitada</u> </p>

	INDICADORES
ENTREVISTA ES3	<p> <u>Apenas trabalhos pontuais</u>  <u>Ausência da família</u>  <u>Ausência de formação na área de abuso de drogas</u>  <u>Ausência de preparo na área</u>  <u>Ausência de suporte especializado/técnico</u>  <u>Concepção sobre abuso de drogas</u>  <u>Contato com a realidade do abuso de drogas na</u>  <u>adolescência</u>  <u>Diálogo com os adolescentes, orientação</u>  <u>Dúvida</u>  <u>Fator pessoal incentivou busca por estudos</u>  <u>Importância da formação inicial e continuada em</u>  <u>prevenção</u>  <u>Inferência</u>  <u>Manifestação da diferença entre substâncias – o que é</u>  <u>permitido socialmente</u>  <u>Manifestação de espanto</u>  <u>Medo</u>  <u>Mídia</u>  <u>Na dificuldade se fortalece</u>  <u>Não há aprofundamento teórico na área</u>  <u>Olhar atento</u>  <u>Preocupação</u>  <u>Referência familiar</u>  <u>Reflexão sobre abuso de drogas</u>  <u>Sentimento de despreparo</u>  <u>Tempo não permite um trabalho mais completo, olhar</u>  <u>atento</u> </p>

	INDICADORES
ENTREVISTA PE1	<p> <u>Abuso de drogas na família – referência familiar</u>  <u>Acesso à informação/estudos</u>  <u>Algumas ferramentas de trabalho</u>  <u>Apenas trabalhos pontuais</u>  <u>Apoio externo, outros setores</u>  <u>Apoio pontual da gestão</u>  <u>Atuação profissional necessitou buscar formação na área de prevenção</u>  <u>Ausência da família</u>  <u>Ausência de suporte especializado/técnico</u>  <u>Ausência de trabalho em rede</u>  <u>Comparação</u>  <u>Concepção de prevenção</u>  <u>Concepção de que, por serem pequenos, não vão fazer uso.</u>  <u>Concepção sobre abuso de drogas</u>  <u>Concepção sobre fatores de risco</u>  <u>Contato com a realidade do abuso de drogas na adolescência</u>  <u>Diálogo com a família</u>  <u>Diálogo com os adolescentes, orientação</u>  <u>Dúvida</u>  <u>Envolvimento da família: preocupação com tratamento e não com prevenção.</u>  <u>Havia estudado sobre consequências e não com prevenção.</u>  <u>Importância da formação inicial e continuada em prevenção</u>  <u>Importância da prevenção</u>  <u>Importância da Rede de proteção</u>  <u>Interesse em falar e trabalhar sobre a temática</u>  <u>Interesse na área da Educação</u>  <u>Magistério como necessidade – precisava trabalhar</u>  <u>Manifestação da diferença entre substâncias – o que é permitido socialmente.</u>  <u>Manifestação de pedido de ajuda</u>  <u>Não há aprofundamento teórico na área</u>  <u>Não há nada específico sobre a temática</u>  <u>Não havia muito diálogo sobre abuso de drogas.</u>  <u>Necessidade de ajuda para dialogar sobre abuso de drogas</u>  <u>Normal?</u>  <u>Possibilitou colocar a teoria em prática</u>  <u>Preocupação</u> </p>

	INDICADORES
ENTREVISTA PE2	<p><u>Abuso de drogas na família – referência familiar</u></p> <p>Ação rápida para solucionar problema</p> <p>Acesso à informação/estudos</p> <p>Acúmulo de atividades</p> <p>Ajuda quando necessário / suporte para outros</p> <p>Algumas ferramentas de trabalho</p> <p>Apenas trabalhos pontuais</p> <p>Apoio da equipe de trabalho</p> <p>Apoio externo, outros setores</p> <p>Apoio pontual da gestão</p> <p>Ausência da família</p> <p>Ausência de apoio da gestão</p> <p>Ausência de formação na área de abuso de drogas</p> <p>Buscou formação na área de prevenção</p> <p>Cenário da prevenção ao abuso de drogas</p> <p>Comparação</p> <p>Concepção de prevenção</p> <p>Concepção de que, por serem pequenos, não vão fazer</p> <p>Concepção sobre abuso de drogas</p> <p>Concepção sobre fatores de risco</p> <p>Contato com a realidade do abuso de drogas na</p> <p>Desejo de ser diferente</p> <p>Diálogo com a família</p> <p>Diálogo com os adolescentes, orientação</p> <p>Diálogo com os profissionais</p> <p>Dificuldade de dialogar com o adolescente</p> <p>Dificuldade de formação profissional</p> <p>Dúvida</p> <p>Encaminhamento para a rede</p> <p>Experiência como docente</p> <p>Formação na área como "obrigação" e não necessidade</p> <p>Importância da formação inicial e continuada em</p> <p>Importância da prevenção</p> <p>Importância da Rede de proteção</p> <p>Importância do diálogo</p> <p>Importância do pedagogo para trabalhar com prevenção</p> <p>Imposição</p> <p>Interesse em falar e trabalhar sobre a temática</p> <p>Magistério como necessidade – precisava trabalhar</p> <p>Não há nada específico sobre a temática</p> <p>Persistência</p> <p>Pouco contato com pessoas que abusam de drogas</p> <p>Propaganda e contrapropaganda</p> <p>Reconhece a necessidade de formação na área</p> <p>Reconhece necessidade de dialogar sobre abuso de</p> <p>Reconhece o trabalho de outro setor</p> <p>Sentimento de impotência</p> <p>Sentimento de insegurança</p> <p>Temática tratada na formação continuada e não inicial</p> <p>Tempo não permite um trabalho mais</p> <p>Tristeza</p>

	INDICADORES
ENTREVISTA PE3	<p><u>Acesso à informação/estudos</u></p> <p><u>Ajuda quando necessário / suporte para outros profissionais</u></p> <p><u>Algumas ferramentas de trabalho</u></p> <p><u>Apenas trabalhos pontuais</u></p> <p><u>Apoio externo, outros setores</u></p> <p><u>Apoio pontual da gestão</u></p> <p><u>Aprendizagem via experiência</u></p> <p><u>Ausência de formação na área de abuso de drogas</u></p> <p><u>Ausência de suporte especializado/técnico</u></p> <p><u>Ausência de trabalho em rede</u></p> <p><u>Ausência de trabalho sobre prevenção</u></p> <p><u>Concepção de prevenção</u></p> <p><u>Concepção sobre abuso de drogas</u></p> <p><u>Concepção sobre fatores de proteção</u></p> <p><u>Concepção sobre fatores de risco</u></p> <p><u>Contato com a realidade do abuso de drogas na adolescência</u></p> <p><u>Diálogo com a família</u></p> <p><u>Diálogo com os adolescentes, fortalecimento de vínculos</u></p> <p><u>Diálogo com os adolescentes, orientação</u></p> <p><u>Diálogo com os profissionais</u></p> <p><u>Eximir responsabilidade</u></p> <p><u>Importância da formação inicial e continuada em prevenção</u></p> <p><u>Importância da prevenção</u></p> <p><u>Importância do diálogo</u></p> <p><u>Importância do suporte especializado/técnico</u></p> <p><u>Imposição</u></p> <p><u>Magistério/Pedagogia como necessidade – precisava trabalhar</u></p> <p><u>Manifestação de desespero</u></p> <p><u>Manifestação de espanto</u></p> <p><u>Medo</u></p> <p><u>Na prática é diferente da teoria</u></p> <p><u>Não há nada específico sobre a temática</u></p> <p><u>Necessidade de cumprimento da legislação</u></p> <p><u>Necessidade de políticas públicas efetivas</u></p> <p><u>Necessidade de suporte especializado/técnico</u></p> <p><u>Normal?</u></p> <p><u>Olhar atento</u></p> <p><u>Preocupação</u></p> <p><u>Questionamentos</u></p> <p><u>Reconhece necessidade de dialogar sobre abuso de drogas</u></p> <p><u>Reconhece o trabalho de outro setor</u></p> <p><u>Referência familiar</u></p> <p><u>Sentimento</u></p> <p><u>Sentimento de despreparo</u></p> <p><u>Tempo não permite um trabalho mais completo, olhar atento</u></p>

## ANEXO 1 – PARECER FINAL DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O EDUCADOR SOCIAL E O PEDAGOGO ESCOLAR NA PREVENÇÃO DO ABUSO DE DROGAS JUNTO A ADOLESCENTES

**Pesquisador Responsável:** Araci Asinelli da Luz

<b>Área Temática:</b>
-----------------------

**Versão:** 1

**CAAE:** 56213116.5.0000.0102

**Submetido em:** 17/05/2016

**Instituição Proponente:** Programa de Pós-Graduação em Educação

**Situação da versão do projeto:** Aprovado

**Localização atual da Versão do Projeto:** Pesquisador Responsável

<b>Patrocinador Principal:</b>	Financiamento Próprio
--------------------------------	-----------------------

